

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

FRAGMENTOS LITERÁRIOS II — Academia Guarulhense de Letras

ACADEMIA
GUARULHENSE
DE LETRAS

FRAGMENTOS LITERÁRIOS II



Pela segunda vez, a Academia Guarulhense de Letras, sempre sedenta em efetivar sua criação literária, concede-nos a honra de publicar esses quilates transformados em letras, "para o prazer do público".

Esta coletânea, agora atingindo segurança e maturidade (não que seu primeiro volume tenha sido de gabarito inferior), começa a desenvolver sua personalidade própria e nos prova (nós, leitores alcançados por esta gama de cultores que juntos nos proporciona imensa fruição e nos remete à reflexão essencial para a sobrevivência humana) nos prova que o *métier* dos guarulhenses, de coração e de natureza, é mesmo discorrer sobre o mundo do ponto de vista poético, mas, afável, tanto estruturado em prosa (como fazem Gasparino José Romão, Adolfo Vasconcelos Noronha, Laerte Romualdo de Souza, João Ranali, Antônio Filardi Luiz e Monsenhor Geraldo Penteado de Queiroz, co-

mo estruturado em verso (neste caso, Jonny Doin, Aristides Castello Hanssen, Bismael B. Moraes, Oscar Gonçalves, Wenceslau Nasari Campos, Sylvio Ourique Fragoço, e há ainda aqueles que fazem neste livro, das duas formas como Flávio C.G. Trombetti e Milton Luiz Ziller).

Fragmentos Literários II, como título, não significa que a unicidade em estilo e elegância esteja ausente, mas há a desagregação conotativa entre a linguagem poética destes autores em uma seqüência infinita de probabilidades, e esta obra é um fragmento deste infinito.

O interessante no discurso literário não é *o que* se expressa e não só necessita-se de boas idéias para fazê-lo bem, mas, sim, *como* se faz e, com certeza, esbanjando de experiência e sensibilidade, realizam esta façanha. Portanto, livro assim não nasce da noite para o dia e muito menos, todos os dias, nos dias de hoje.

Patrícia Estillac Leal

pela João Scortecci Editora

Pela segunda vez, a Academia Guarulhense de Letras, sempre sedenta em efetivar sua criação literária, concede-nos a honra de publicar esses quilates transformados em letras, "para o prazer do público".

Esta coletânea, agora atingindo segurança e maturidade (não que seu primeiro volume tenha sido de gabarito inferior), começa a desenvolver sua personalidade própria e nos prova (nós, leitores alcançados por esta gama de cultores que juntos nos proporciona imensa fruição e nos remete à reflexão essencial para a sobrevivência humana) nos prova que o *métier* dos guarulhenses, de coração e de natureza, é mesmo discorrer sobre o mundo do ponto de vista poético, mas, afável, tanto estruturado em prosa (como fazem Gasparino José Romão, Adolfo Vasconcelos Noronha, Laerte Romualdo de Souza, João Ranali, Antônio Filardi Luiz e Monsenhor Geraldo Penteado de Queiroz, co-

FRAGMENTOS LITERÁRIOS II

ACADEMIA
GUARULHENSE
DE LETRAS

FRAGMENTOS
LITERÁRIOS II

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

1992

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

Rua Teodoro Sampaio, 1704 - Loja 16 - Pinheiros
CEP 05406-100 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 210 1179

JS 1193 - Dezembro de 1992 - 1a. edição
Copyright - Dos Autores

ARTE-FINAL DA CAPA: Patrícia Estillac Leal
COMPOSIÇÃO: Renata de Sousa Santos
MONTAGEM: Paola Borba Mariz de Oliveira

FRAGMENTOS LITERÁRIOS II

Colmeia onde zumbem abelhas na fecunda produção do mel da cultura, a Academia Guarulhense de Letras reúne um punhado de homens dedicados às letras, por diletantismo e amor ao vernáculo, alheios a estilos e escolas literárias.

Românticos mergulhando a alma num mundo adverso para realizá-lo e não reproduzi-lo; parnasianos a seguirem a corrente objetivista classicizante ao subjetivismo romântico; simbolistas a buscarem nos detalhes a precisa representação da natureza, identificando-se com os realistas e naturalistas, para desembocarem no atrevido Movimento de 22, que espreguiçou a sua liberdade num linguajar sem peias e numa permissiva contrafação dos cânones idiomáticos, para um derradeiro remansar nas produções sociais onde os gemidos dos carentes brotam na voz dorida dos poetas, tudo isso está nas páginas deste anuário que o Sodalício da terra dos guarus edita.

As páginas dos narradores naturalistas, a sobriedade da crônica jurídica, o inconformismo pelos desvios sociais, as cantigas tabernárias sonorizadas pelas cordas do violão, em noites de boêmia, ressumam desta obra mais esforço que preciosismo, mais vontade de servir que de glórias alcançar.

Fragmentos literários...

Pedaços de trabalhos escritos, colhidos aqui e ali, como que arrancados ou subtraídos daqueles que os escreveram... Alguns nem mesmo foram entregues com a presteza reclamada, com a pressa com que foram pedidos.

Não foi pequeno o esforço para a coleta dos trabalhos que, às vezes, tornou inconveniente a insistência, na obse-

dante procura junto aos autores, para a formação desta profonia que será sempre como uma sinfonia inacabada, pois ela não ficará apenas aqui.

Todos os anos a nossa Academia, no seu aniversário, estará, em vez de recebendo presentes, premiando com um novo livro os amantes das letras.

Nem todos os acadêmicos ousaram participar desta publicação fragmentária, mas, de todos está a alma nestes excertos coletâneos ao léu dos dias, como o postremo ânimo de exalçar as letras nas atividades do ano que se finda, fruto da moenda laborado, sôfrega e pacientemente, como modesta oferenda à cultura da cidade.

João Ranali
Acadêmico

SUMÁRIO

Adolfo Vasconcelos Noronha,	9
Aristides Castelo Hanssen,	23
Bismael B. Moraes,	35
Flávio C. G. Trombetti,	45
Gasparino José Romão,	57
Mons. Geraldo Penteado de Queiroz,	87
João Ranali,	99
Jonny Doin,	111
Laerte Romualdo de Souza,	123
Milton Luiz Ziller,	137
Oscar Gonçalves,	151
Sylvio Ourique Fragoso,	153
Wenceslau Nasari Campos,	163
<i>A propósito do acadêmico Antônio Filardi Luiz,</i>	<i>177</i>

UM SIMPLES CASO DE CIÁTICA

Jacy é uma criatura exigente, moralista, perfeccionista, implacável ante erros alheios. E isso explica o restrito círculo de suas amizades.

Eis porque eu me esmerei em recomendar-lhe paciência com o casal de jovens que iríamos hospedar. O Washington, recém-formado em Direito, era filho do Dr. Júlio, um velho e bom amigo. Sua jovem esposa, Iracema, era do tipo extrovertido, relacionamento fácil, modos descontraídos, cultora de boas e más anedotas, — tanto as de “salão” como as “de saloon”...

Era previsível que Jacy e Iracema não se afinassem por muito tempo. Já por isso, reiterava insistentemente que Jacy fosse compreensiva, indulgente se necessário, para com Iracema, especialmente em consideração a Washington e a seu pai, o Dr. Júlio.

Sem haver acertado sua vida no Interior do Estado, Washington procurara meu apoio a fim de buscar melhor sorte na Capital. E isso explicava a hospedagem do casal em minha casa.

Um dos poucos ângulos de afinidade entre Jacy e o jovem casal era o Espiritismo. Aquela, profundamente espiritualista, exercitava um catolicismo-espírita, ao nível da “mesabranca”, enquanto Iracema e Washington praticavam mais o Umbandismo. E, por sugestão dos nossos hóspedes, come-

çamos a praticar o "copinho". também conhecido por "mesa-espiritual".

Todos eles guardavam a convicção de que essa prática era "perigosa", quando exercida por inexperientes, pelos inveterados "curiosos". Narravam seus esforços de preparação espiritual, — um longo período de orações suplicando a assistência de "irmãos desencarnados" (geralmente, parentes), e "Espíritos de Luz".

Sobre a mesa lisa, no círculo formado pelas letras do alfabeto, na posição Norte, o sim; na posição Sul, o não. Um pequeno copo de vidro, leve, deveria deslizar em círculo, impulsionado pelos dedos de dois participantes.

Sobre a mesa, ao lado do círculo, uma pequena toalha branca, com uma jarra de água, uma vela branca sobre um pires branco, mais um vaso com flores brancas.

Após as orações e súplicas recomendadas para tais sessões (em que se destacavam os apelos dirigidos aos "espíritos zombeteiros", os "irmãos menos esclarecidos", para que se afastassem dali...), o copo deveria deslizar na parte interna do círculo formado pelas letras.

Tive o ensejo de ver o copo movimentado por uma só mulher, numa sincronia mediúnica que jamais vi igual. Mas, comumente, há necessidade de duas pessoas intervenientes, tanto quanto se faz necessária a afinidade espiritual de ambas. Do contrário, o "copinho" não funciona.

Washington e Iracema se harmonizavam com perfeição, e as mensagens apareciam tão claras quão surpreendentes, desde o início dos trabalhos. Assim recebemos comunicações de parentes e amigos há muito falecidos; às vezes, simples recados, transmitidos por outro espírito, sob a explicação de que o autor da mensagem não tivera licença para atuar diretamente. E, na maioria das vezes, manifestava-se um "Espírito de Luz", como Antoninho da Rocha Marmo, inclusive da "Equipe Médica", como a de Adolfo Bezerra de Menezes.

Eram sessões maravilhosas, em que podíamos receber informações úteis, aconselhamentos, mensagens. Chegamos a cumprir "missões", que nos eram confiadas, e cujas tarefas eram tão surpreendentes como edificantes.

Esses eventos aconteciam entre 18h e 21h. Nossos amigos diziam que não se devia ir além das 21 horas, salvo em casos excepcionais, cuja concessão era explícita.

Um dia, o Agnelo, irmão de Jacy, ficou de cama, com pneumonia. Na primeira oportunidade, invocamos os "irmãos da Equipe médica do Espaço" para que acudissem Agnelo, cuja febre, de tão alta, já nos preocupava. Aí apareceu um novo aliado, que se identificou como Dr. João Cambaúva.

Não demorou muito para que Jacy manifestasse sua hostilidade contra Iracema: — "Essa mulher é uma vigarista", — dizia. "Aquilo tudo é um embuste. Imagine só, o tal de Doutor Cambaúva... Esse nome jamais existiu. A vigarista inventou esse nome absurdo."

Ponderei que ela estava sendo injusta. Já tínhamos provas, mais que suficientes, para nos dar a certeza de que o fenômeno espiritual era autêntico. Lembrei-lhe algumas referências espirituais que afastavam a hipótese de fraude.

"Sim", — concordou ela. "Mas esse tal de Cambaúva não existe. Você já ouviu falar em algum Cambaúva, no mundo?"

Não, eu não conhecia. Mas, talvez fosse nome de algum nordestino... Quando fôssemos visitar os Estados do Nordeste, ou do Norte, eu procuraria na lista telefônica da região. Deveria ser dali a família Cambaúva...

O que eu mais temia, aconteceu. A hostilidade de Jacy recrudescera, provocando o afastamento do jovem casal.

Passou-se um ano. Nesse ínterim, eu e Jacy relembramos reiteradas vezes as experiências do "copinho". Invariavelmente, ela evocava o episódio do Dr. João Cambaúva, sempre a teimar que esse nome fora inventado pela "vigarista"...

Jacy e sua mãe, Dona Edith, se queixavam amiudada-

mente de dores reumáticas. Já por isso, ambas gostavam muito de Poços de Caldas, cujas águas sulfurosas lhes faziam bem. E, naquela altura, Jacy fora acometida de terríveis dores na perna esquerda.

Embora sobrecarregado de compromissos, também eu já me preocupava em levá-las, mãe e filha, a Poços de Caldas. Alguma coisa me dizia que esse era o melhor caminho, na busca de uma terapêutica eficaz.

Não tardou para Jacy desabafar: — “Você sabe?... Meu sofrimento é tanto, que tenho acendido velas e rezado até para o Dr. João Cambaúva... Não estou agüentando estas dores...”

— “Mas, como?. Você não disse que jamais existiu o Dr. Cambaúva?. ... Iracema já não é vigarista, para você?. ...”

— “Sim, é verdade” — reconheceu ela. “Mas, no meu desespero, fiz um repto, um desafio... Se ele, Dr. Cambaúva, existe realmente, que prove sua existência. Que ele me cure.”

Fiz-lhe ver que seu procedimento era condenável, no plano espiritual. Aquilo era falta de respeito. Ela reconheceu isto, mas ponderou que o Dr. Cambaúva, se existisse realmente, deveria levar em conta o seu sofrimento, o seu desespero.

Sem medir sacrifícios, e sem perda de tempo, providenciei a ida de Jacy e de sua mãe até Poços de Caldas. Ali ficariam pelo menos uns quinze dias, com as crianças, no Pá-lace Hotel, que é equipado com banheiros térmicos. E, num gesto muito seu, Jacy pediu-me permissão para contratar um massagista. Parecia-lhe imprescindível a massagem diária.

No próprio Hotel, recomendaram o massagista, um velhinho, “sêo” Januário, profissional de confiança e competente. E num prognóstico otimista, “sêo” Januário garantiu que, com dez massagens, a ciática desapareceria...

Bom de papo, o octagenário massagista entremeava suas fricções com a narrativa de fatos pitorescos que testemunhara, ou dos quais havia participado, em sua longa experiência. Nascera na Itália, chegando ao Brasil com dois anos de idade.

Fixara-se em Poços de Caldas, de onde jamais saíra.

Gostava de se referir a pessoas ilustres, sobretudo milionários paulistanos, que estiveram sob seus cuidados profissionais. Rememorava fatos antigos, da cidade. Chegava-se lá pelo trem, já que as estradinhas de terra batida ofereciam trânsito difícil. As ruas da cidade também não tinham pavimentação, com muita poeira nos períodos de seca, e muita lama nos de chuva. O Brasil, até fins dos anos trinta, não produzia muita coisa. Quase tudo vinha da Europa, ou da América do Norte. Aquele prédio do Hotel, por exemplo, erguido com planta francesa nos fins dos anos vinte, ainda mostrava as portas e janelas importadas, assim como as dobradiças, as fechaduras, os encaamentos, os aparelhos sanitários. Até o cimento vinha em barricas. A água sulfurosa brotava do chão bruto, fazendo lama escura, e onde se atiravam doentes de todos os tipos e de todas as procedências...

— “Se saravam, não sei”, — dizia o “sêo” Januário. “A verdade é que ninguém morria por causa do banho...”

A topografia de Poços de Caldas já revela as bordas de um vulcão extinto há milênios. E a água que ali brota, com pouco mais de 44 graus centígrados de temperatura, forma um geisel de alguns metros de altura.

Eu ia e vinha, entre São Paulo e Poços, no atendimento de meus afazeres e na assistência à família. E estava em Poços no dia em que Jacy recebia a última massagem. Como de costume, via-o no seu trabalho e o ouvia em suas memorizações.

Nesse dia, o último, após uma pequena pausa, o “sêo” Januário nos fez preciosa revelação: — “Curioso. Estou me lembrando de um caso bem antigo, coisa de meio século, talvez... Chegou à cidade, de trem, um jovem médico. Foi transportado de maca para uma pensão. Não havia ainda este Hotel, e nem um dos atuais grandes hotéis de Poços. Ele deveria ter uns quarenta anos, ou pouco mais. Seus pais o acompanhavam. A dona da pensão era minha amiga, e sempre me arranjava algum serviço. Eu era enfermeiro na Santa Ca-

sa, mas a minha especialidade, mesmo, era a massagem.

"A princípio, a dona da pensão ficou sem jeito de falar ao médico a meu respeito. O caso dele era igual à da senhora," — disse ele, dirigindo-se à Jacy. "Ele estava com a ciática, e talvez eu fosse a solução. Por ser médico, talvez não aceitasse a idéia de ser tratado por um enfermeiro..."

"Um dia, a minha amiga criou coragem e lhe falou de mim, de minhas qualidades como massagista. Ele acatou de pronto a idéia, e eu comecei a cuidar dele. Disse-lhe, de início, que eu iria emprestar-lhe um aparelho muito precioso, importado... Como era natural, ficou curiosíssimo, até gargalhar quando viu o "aparelho", — um pedaço de cabo de vassoura. Disse-lhe que deveria iniciar os exercícios rolando os pés sobre o pau roliço, deitado em sua própria cama.

"Em poucos dias o médico já ensaiava os primeiros passos, e acabou ficando bom. Era muito generoso, e ainda ofereceu seus serviços profissionais, gratuitamente, aos pobres que estavam internados na Santa Casa. E andava de lá para cá, exercitando o "passo escocês", que eu lhe ensinara, — atirando as pernas à frente, em cada passo.

"O mais curioso é que raramente me lembrava dele. Hoje, desde cedo, sua figura de moço inteligente e alegre baila em minha memória... Lembro-me bem: era de Bebedouro, e se chamava Dr. João Cambaúva..."

Jacy deu um pulo na cama, interrompendo a mensagem:

— "Como é que o senhor falou aí?. ... Como era o nome do médico?. ..."

— "Dr. João Cambaúva, — repetiu "sêo" Januário. "A senhora o conheceu?"

Jacy ainda estava sob o choque emocional, e não pôde responder. Ficara perdida num mar de pensamentos. Parecia maravilhoso. Ela se sentia no centro de um verdadeiro milagre. Após meio século, depois de haver desencarnado, ele aparecia a fim de provar que existia. Não havia a menor dúvida. Posto aquele fato sob o cálculo das probabilidades, nem

bilhões de incidências repetiriam um evento daqueles. Uma criatura com aquele nome raro, Cambaúva, a atender um repto daqueles, a conduzi-la até a cidade em que estivera, para curar-lhe do mesmo mal que sofrera, e pelo mesmo massagista que o atendera. ... Não era possível ser coincidência. Aquilo era um milagre.

— "Impressionante." — desabafou ela. "Todo milagre é maravilhoso, mesmo que não tenha os efeitos espetaculares das grandes aparições de Nossa Senhora, como as de Fátima e de Lourdes. E o que mais me comove não é isso..."

— "Que mais seria?" — indaguei-lhe eu.

— "Você observou a humildade, a delicadeza "deles"?. Como acontece nas aparições dos "Espíritos de Luz", o Irmão Dr. João Cambaúva ofereceu-me o seu "cartão de visitas" no último instante, bem no finzinho do caso, exatamente quando acabava de cumprir o seu favor."

ACHADOS E PERDIDOS

O amor é como a rosa cultivada
na generosa rega dos carinhos,
revivência contínua da florada,
na encantadora tepidez dos ninhos...

Tal como morre a flor, se maltratada,
na planta hirsuta sobrarão espinhos;
do velho amor não restará mais nada,
que a mortalha também se faz de arminhos...

Esquecem-se os momentos já vividos,
o amor que fascinava perde o encanto,
nada que é dela vive em meus sentidos...

Suas cartas ficaram nalgum canto,
e entre o acervo de achados e perdidos,
tudo o que um dia eu já quisera tanto!

TRANSMUTAÇÃO

O amor só morre lento, na agonia
impiedosa, e triste, ou revoltante,
que destila veneno a cada instante,
a compor meus infernos, dia a dia...

E o pensamento sem cortejo, em via
ingrata, e feia, e a mais terrificante
das mutações, em transe deformante,
escancara diabólica magia! ...

E sob o manto negro, e tenebroso,
oculta o seu irmão pecaminoso,
que fecha tristemente este episódio:

o nosso amor se foi, trocou de lado,
deixando em cena o algoz degenerado,
o renegado que se chama ódio!

URBIS FINIT

Espécie de saudade curiosa,
eu quis rever a vila interiorana
em que fluíra a vida cor-de-rosa
da juventude, em terra paulistana...

Enfim, cheguei. Por mais que procurasse
a muito amada urbe pequenina,
já não restava nada que mostrasse
um povoado em graça de menina...
Sem nada para ver... ou que pudera
lembrar um pouco a minha primavera...

No mesmo espaço erguera-se a cidade
meio agressiva, iconoclasta e insana,
que me atulhava a alma de desgostos,
sempre a frustrar, nas ruas e avenidas,
esta saudade atroz de velhos rostos! ...

Era estranho! Faltavam os amigos! ...
E nem sinal da campa dos que foram...
Mas, como em procissão, desconhecidos
que não falam, não riem e nem choram...

O meu antigo e amado vilarejo,
em pujante cidade transformada,
já não encontro em nada do que vejo,
nem mesmo no que resta de fachada!

QUADRINHA

Coqueiral em campo aberto,
silhueta de saudade
que lembra momento incerto
de algum amor de verdade.

SUBLIMAÇÃO

Quem me dera que os dias de tristeza
não raiassem na vida tanto assim...
Deus fez o mundo cheio de beleza,
frutos no campo, flores no jardim...

Todos guardam consigo esta certeza,
de que o instante feliz tem o seu fim;
mas, a infelicidade, com franqueza,
não devia morar perto de mim! ...

Guardo, porém, o santo de um remédio,
que tomo sem ressalvas, todo o dia,
eficiente no combate ao tédio:

quando, abatido, sinto que estou triste,
como em sublimação para a alegria,
é bastante lembrar, — você existe! ...

HENRIQUE VEIGA MACEDO

Ex-ministro português, durante dezoito anos colaborador de Oliveira Salazar, Henrique Veiga Macedo veio para o Brasil após a Revolução dos "ex-cravos vermelhos", — para usar feliz qualificativo de Carlos Lacerda.

Não era exilado político. Apenas se ausentara do seu país "ad cautelam", conhecedor que era da altíssima periculosidade da subversão comunista; a mesma horda que, na Revolução Republicana de 1910, perseguira o clero, depredou igrejas, invadiu conventos, estuprou freiras; a mesma "gang" que, nas senzalas marxistas, exterminou um-quarto de bilhão de pessoas, no maior genocídio que a humanidade conheceu; os mesmos escravocratas que, longe de chegarem à degradação menor do totalitarismo, falam em democracia; os mesmos insanos que lutam pela constituição de senzalas nacionais, e a cujas badernas sanguinárias dão o nome de "revoluções libertadoras"; enfim, os mesmos sociopatas, já perfeitamente diagnosticados como do tipo amoral, cuja paranoia os torna infensos à própria experiência, idéia-fixa na mesma ideologia apesar de todos os fracassos, a despeito de todas as desgraças que causaram, em que pese a originária e já proclamada falência do regime supostamente igualitário que apreçoam. ...

Da evasão de cérebros pós-Revolução de 25 de Abril, beneficiou-se o Brasil, — e, de modo especial, nossa Facul-

dade, que Henrique Veiga Macedo, por 16 anos, engalanou com sua vasta experiência e invejável cultura.

No convívio desta Academia, Veiga Macedo trocava idéias sobre Literatura, especialmente com os prosadores, como Laerte Romualdo de Souza, e também com os diletantes do verso. Além de mim, o José Fernandes Soares e o Walter Barbeiro.

Um dia, o Ministro, — era como nós o chamávamos, — apareceu com um rascunho. E foi dizendo: — "De tanto ouvi-los falar de poesias, resolvi eu amearhar algumas idéias neste sonetinho"...

Ao batizar o seu primeiro ensaio poético de "sonetinho". Veiga Macedo revelava modéstia, como a pedir desculpas face a uma ousadia... E ele próprio se pôs a recitar os versos.

A surpresa foi geral. O homem era grande também como poeta. Eis que ali, em seu primeiro trabalho no gênero, feito no anseio de participar de nossas "brincadeiras", ali, precisamente ali, transparecia o poeta de primeira grandeza, digno de figurar na galeria dos consagrados vates lusitanos e brasileiros.

No relâmpago de uma intuição que tive naquele momento, não resisti à tentação de dizer-lhe: — "Se continuar a "brincar desse modo, há de aparecer, daqui a 50 a 100 anos, nas futuras Antologias de nossa Língua, o seu "curriculum vitae" literário, com pequena frase final, — "Foi político"..."

Atinando imediatamente para o real sentido de minha reflexão, Veiga Macedo entregou-se de corpo e alma à poesia. Diuturnamente aparecia com novidades, invariavelmente novas jóias literárias. Não tardou a publicar seu primeiro livro de versos lançado em memorável tarde paulistana, onde se congregavam professores, jornalistas, escritores.

Há alguns anos Veiga Macedo retornou a seu País. E, nesta semana, revolvendo papéis guardados, encontrei um manuscrito do querido Ministro e Mestre. Não seria, talvez,

o seu passo inicial, mas, seguramente, era de primeira safra...
E tocava fundo na alma brasileira, já que relacionava o Brasil
com Portugal.

Ao mostrar esse trabalho de Veiga Macedo, também
publico meus últimos versos, — estes, sim, meras brincadeiras,
aqui impressas tão só para não se perderem.

UM CORAÇÃO... DOIS AMORES

Parece um pêndulo este pobre coração,
Um pêndulo que oscila e bate sobre o mar,
Entre o país do meu nascer e meu brincar
E o Brasil que me empolga e faz minha emoção.

Cheguei agora e já todo eu sou um vulcão
De sofrimento ao ver que breve o vou deixar,
De regresso à raiz, por mim sempre a chamar:
— À raiz ... a outra força, a outra religião.

Outro não é o drama, o destino ou a glória,
do Português a erguer na fé, a sua história,
A ser p'lo mundo além... peregrina saudade.

Em todo caso, Santo Antônio de Lisboa,
Faz o milagre: afoga a dor que em mim cachoa,
Ensina-me o segredo, o dom da ubiqüidade.

ARISTIDES CASTELO HANSSSEN

VISGO

Queria voar. Fez versos condoreiros,
dilacerou janeiros, deu seu grito,
fitou montanhas, encetou caminhos,
namorou o Infinito!

Mas tinha os pés presos no chão da vida,
no preço do aluguel, da roupa, da comida:
na disputa, na luta, na competição;
no patrão, no cartão, no saldo médio...

Fechou as asas, a vida, o coração,
a casa, as mãos, o botão da camisa,
e, para sobreviver... morreu de tédio.

PLÁCIDO E PODRE

Eu sou um rio, nasci pra ser poeta,
nasci pra refletir a lua cheia,
nasci pra dar risadas de cascalhos,
pra marulhar poemas e cantigas.

Um dia eu fui caminho, em minhas águas
navegaram canoas e barcaças.
Famílias, gentes, buscaram o futuro
formando vilas, povos, novas raças.

Um dia eu fui brinquedo, em meu remanso
meninos nus brincaram e nadaram,
cresceram, se criaram, e aprenderam
a amar o chão, a água, a natureza.

Um dia eu fui celeiro, e se não pude
multiplicar o pão, tenho a certeza
que realizei o milagre dos peixes.

Eu também fui espelho, refletindo
a cabocla bonita e o seu sonho lindo...

Hoje o que sou? Depósito de lixo
dessa coisa nojenta que é o progresso.
Carrego em mim a podridão da vida,
restos de móveis, camas e mortalhas,
restos de coisas, fezes e esperanças
de um povo que morreu e ainda trabalha.

Às vezes me revolto, me transbordo,
rompo barreiras, enferrujo máquinas,
derrubo muros, grito de vingança.
A água amiga da chuva me enriquece,
me purifica, e eu penso que sou mar.

Depois volta a bonança, eu caio em mim,
retorno ao leito, torno-me impotente
e continuo o meu cantar dolente,
plácido e podre...

EMBRIAGUEZ

É doce a vida pra quem se embriaga
de qualquer bebida, mesmo sendo amarga.

É bom sofrer de amor, porque quem ama,
mesmo sendo sozinho e desamado,
está vivo e caminha, lado a lado,
com um sonho, miragem, ilusão.
Que, em noites sem fim, rola na cama
e nem o sonho vem acalantar,
pensa, chora, morre de frio e de calor,
e, mesmo sem saber, vira poeta,
mesmo sem versos, mesmo sem rimar.

Quem, mesmo sendo cego, sonha estrelas,
quem, aleijado, fita os horizontes,
que, rastejando, voa pelo ar,
quem se embriaga de luz mesmo no escuro,
que é livre, batendo contra o muro,
é feliz a chorar.

Só é intragável o cálice tomado
no botequim do limbo acimentado,
no vazio sem cor, sem dor e sem paixão.
Tragando a vida sem gosto e nem desgosto,
sem histórias, sem lendas, sem tragédias,
é mais sozinha e triste a solidão.

SIM OU NÃO

Viver é mais difícil do que fazer poesia,
escrever um livro, discutir política, ou filosofar.
Viver requer ciência e muita competência,
e jogo de cintura, verdade absoluta,
um pouco de mentira, um pouco de realismo,
e muito de sonhar.

Viver tem dois caminhos que a gente não escolhe:
Amar ou não amar.
Amar tem dois caminhos que a gente não escolhe:
Ser amado e não ser.

Mas quando a gente ama e é correspondido,
aí é que está perdido.
Vem a correspondência, a interdependência,
o dar e o receber.
E quanto mais se dá mais se fica devendo,
e se ganha perdendo, e mais se tem que dar.

Porém, pra quem não ama
a estrada é mais plana.
Mas — pra que caminhar?

FOI MELHOR ASSIM

Quando eu te ví no bar, rindo e brincando
entre amigos, estranhos para mim,
me perdi nos teus olhos, fui ficando
sem rumo, sem começo, meio ou fim.

Qual seria o teu nome, a tua idade?
Que pensarias tu, caso soubesses
deste pobre poeta, da ansiedade,
dos meus sonhos de amor, das minhas preces?

Mas foi melhor assim. Tu foste embora,
eu paguei minha conta, e sem demora,
fui pra casa dormir nos braços teus.

Os braços teus, porém, só vi em sonhos,
devaneios noturnos, bons, risonhos.
Não te conheci. Não houve adeus.

MEU AMIGO EU

Ah, meu amigo eu, não chore ainda,
a noite é uma garrafa de cerveja
que você nem abriu.

Faça de conta que esta festa é sua,
o riso, o rock, essa turma toda,
que se beija, se abraça, que sonha e se ilude,
são filhos seus.

Entre nessa dança, mesmo em pensamento,
e por um momento beberique um gole
dessa juventude.

Faça de conta que a qualquer instante,
alguém — irmão, colega, amigo, amante —
vai chegar à mesa, repartir a vida,
para um dedo de prosa, um punhado de versos,
um copo de cerveja ou coisa parecida.

Não, meu amigo eu, a saudade está por fora,
não vá embora, ainda é madrugada,
o tempo não passou.

Não, meu amigo eu, não chore ainda,
depois do sonho a verdade é doída,
mas você nem sonhou...

SOLIDÃO

A Solidão já foi a minha parceira.
Com ela caminhei muitos caminhos
descobrendo este mundo sem porteiras,
e desvendei paisagens multicores,
e fiz poesias, e cantei amores,
e criei mundos cheios de utopias.
Havia montanhas perdidas no horizonte,
caminhos e caminhos, verde, muito verde,
o sol brilhando sempre, a vida era risonha.
À noite havia lua, havia sonhos,
e eu e a solidão éramos amantes.

Um dia, quando o mundo era mais lindo,
quando o sol se embriagava de fulgores,
o verde era tão verde que a esperança
tinha ciúme desses seus verdores,
então eu surpreendi meus olhos tolos
chorando a falta de outro par de olhos
para ajudar a ver.
E fui tão louco, tolo e visionário
perseguinto meu sonho milionário,
em busca de outros olhos, outros braços,
fiquei de mal com a velha solidão.

E agora
que o verde me agrediu, que o sol brigou comigo,
que meus pés se cansaram dos caminhos,
o que os meus olhos buscam nas pessoas?
Por que que eu faço versos, canto loas?

E agora
que eu e a solidão não somos mais amigos
por que essa solidão não vai embora?

SERRA PELADA

E Deus fez as montanhas,
poemas de grandeza
força da Natureza,
infinitas e belas...

E o homem pequenino
fez as favelas.

SOL DA MANHÃ

Você foi para mim
como o sol da manhã,
que sorriu no telhado
que brincou com as roupas
postas pra quarar.

Me fazendo crer
que era Primavera
me chamou pra sair,
e depois sumiu.

E depois choveu...
E depois fez frio...

ALDEIA GLOBAL

Ao café da manhã
vem conversar comigo
na janela de écran,
reis e potentados,
presidentes, soldados,
atletas, milionários,
santos e sicários,
estrelas e astronautas.

Me falam de suas pautas,
seus casos, seus ocasos,
suas fronteiras, suas terras,
suas guerras, suas guerras...

Eu escuto e me calo.
Minha angústia, meu calo
a ninguém interessa,
não entram na conversa.
Nesta aldeia em que vivo
tenho olhos e ouvidos,
mas não tenho voz...

E o meu vizinho ao lado?
É um número na porta,
eu não sei, não me importa,
qual será o seu nome,
o que lê, o que come.
Nesta aldeia pequena
onde reis e astronautas
são nossos comensais,
nós nos ignoramos,
apressados passamos,
"bom dia", e nada mais.

Só sei que ele também
recebe em sua casa
na janela de écran,
reis e potentados,
presidentes, soldados,
atletas, milionários,
santos e sicários,
estrelas e astronautas,
ao café da manhã...

"PACTA SUNT SERVANDA"

Na exegese da questão homem e mulher,
O hermeneuta, sem vivência, pode errar...
Mas, neste caso, para o que der e vier,
Sou, "data venia", alguém que pretende ousar.

Eu lhe expus meus desejos e verdades...
Você, silente, me sorriu, sem dizer não.
Houve, entre nós, um acordo de vontades,
Ou, pelo menos, um contrato de adesão.

Os nossos bens, como acervo indivisível,
São, em consenso, nossas partes ideais,
Pois, separados, nossa vida é impossível.
Somos opostos e unidos, mais e mais.

Se a natureza nos aproximou, um dia;
Se o coração é parte em que ninguém manda;
Se de paixão se fez nossa parceria,
Nosso amor segue o "pacta sunt servanda".

MEU SUPLEMENTO DE LETRAS

Talvez por fugaz loucura,
Vaidade ou ousadia,
Fiz panfletária mistura,
A guisa de poesia...
Pouco importando os estilos,
Períodos ou movimentos,
Professores ou pupilos,
Dei de ombro aos argumentos...
Renascentista barroco,
Romântico e realista,
Fiz-me um simbolista oco
De impressão modernista...
Em sonho, eu quis formar
Um tesouro verdadeiro,
Juntando, em vez de ouro,
Poetas do mundo inteiro...
Chico, Drummond e Bandeira,
Castro, Caetano e Varela,
Camões, Pessoa e Vieira,
Cecília (a nossa) e Florbela...
Kipling, Tagore e Dante,
Shakespeare, Bell, Quental,
Ezra Pound, Lorca, Huidobro,
Maiakovsky e João Cabral...
Goethe, Kaváfis e Crespo,
Byron, Eliot e Bonfim,

Noyes, Pasternak e Becquer,
Gibran, Neruda e Puchkin...
João de Deus, Guerra Junqueiro,
Cervantes, Lenau, Marini,
Tzara, Laurindo Rabelo,
Pedro Xisto e Cesariny...
Vigny, Basilio, Quintana,
Collins e Antonio Ferreira,
Verlaine, Augusto dos Anjos
E Alberto de Oliveira...
Biéli e Martins Fontes,
Nobre e Pereira Brandão,
Attenbom e Casimiro,
Chamie e Cristóvão Falcão...
Brecht, Camilo, Ho Chi Min,
Whitman, Bocage e os Andrade...
Del Picchia, Affonso Schmidt,
Bilac e Solano Trindade...
Baudelaire, Golçalves Dias,
Gil, Santa Rita Durão,
Tobias Barreto e Rilke,
Lennon e Catulo da Paixão...
Gessner, Gullar e Vinicius,
Mickiewicz, Colombina,
Guilherme de Almeida e Keats,
Mallarmé e Coralina...
Tomás Antonio Gonzaga,

Cruz e Sousa, Schiller e Khan,
Assis, Setúbal e Bishop,
Victor Hugo e Ana Aufran...
Bashô, Raimundo Correia,
Gregório de Matos, Duncan,
Wordsworth e Lamartine,
Góngora e Benyman...
Jorge de Lima e Alphonsus,
Macpherson e Jacques Prevert,
Espronceda e os irmãos Campos,
Lord Tennyson e Gautier...
Hunt, Álvares de Azevedo,
Alvarenga e Cassiano,
Gray, Oswaldo de Camargo,
Castilho e Herculano...
Augusto, Cláudio, Haroldo,
Nava, Romano e Vicente...
Quanto mais eu esqueci,
Bloqueado pela mente?...
Enveredei por atalhos,
Tentando alcançar o vento,
E despertei, em frangalhos,
Sem conseguir meu intento...
Mas, o perdão, inventado
Quicá por divinas metas,
É comumente aplicado
No tribunal dos poetas...

MINHA AMÉRICA LATINA

Não chores, minha América Latina.
Enxuga o teu pranto e vai à luta!
Não temas aos que te forjam a sina,
Sugando-te ou usando a força bruta...

Latino, silencioso e desdentado,
De canga ou de cangalha, — tanto faz —,
Teu povo é mais um forte dominado,
Sob um remoto controle tão voraz! ...

A história não perdoa os indecisos,
E a vida, deste lado, não quer falha.
Nos lábios do feitor, tudo é sorrisos,
Se o escravo come pouco e só trabalha!

Não creias nos que te dizem incapaz.
Desperta, que esta terra te pertence!
Teus filhos merecem justiça e paz!
Se baixas tua guarda, o algoz vence.

Ao Norte, ao Centro e Sul do continente,
Mil olhos vêm sondar os teus tesouros...
Cuidado, que o monstro é envolvente
E sabe aguardar tempos vindouros!..

Jamais, por Deus, jamais te julgues fraca!
Não busques com temor a tua cura.
Previne-te da febre que te ataca,
E o mundo invejará tua cultura!

FISSONETO

Tem fogo junto à palha,
Tem arma engatilhada,
Tem fio de navalha,
Tem bomba ativada!

Nossa paixão tem chama
Com nitroglicerina:
Tanto explode na cama
Como em qualquer esquina.

Se esse amor-vulcão
Exige atividade
E pede mais ação...

Se o corpo, em fissão,
Quer reciprocidade,
Lá vem nova explosão!

A BONECA DE OLHOS DUROS (ou Um Conto Triste de Natal)

Nos cruzamentos da vida, muitas histórias se repetem; mas nunca são iguais, pois as experiências advindas permitem, aos que ainda têm um coração que sente, o descortinar de realidades que, embora aparentemente inofensivas, despontam duras e cruéis.

Quem poderia pensar que, algum dia, o nordestino Deolindo da Silva, de cortador de cana, nascido em Delmiro Gouveia, na Paraíba, fosse encontrar, em um bairro de São Paulo, chamado Ermelino Matarazzo, a interiorana Zuleica Libório, natural de Teodoro Sampaio, no Estado Bandeirante. Pois é. Aconteceu.

O pedreiro Deolindo — Deo, para uns, e Lindo, para outros —, ajudando a construir o “colosso brasileiro”, encontrou-se, numa fila de ônibus, em dia de chuva, com a operária Zuleica, trabalhadora em uma fábrica de plásticos do bairro da Moóca. Amor à primeira vista.

Casaram-se e, com o natural sonho de casa própria, levados pela propaganda (“Não pague mais aluguel; more no que é seu. O governo garante.”), entregaram suas poucas economias a um banco, e assinaram papéis para aquisição de modesto apartamento pelo Sistema Financeiro de Habitação: apertadinho, paredes estreitas, acabamento de segunda, mas a alegria era grande dentro dele, com sorrisos e lágrimas.

Chegou o primeiro filho — Deodoro —, e Zuleica deixou a fábrica, ao mesmo tempo em que veio a correção monetária das prestações do imóvel. O dinheiro ficou curto.

No ano seguinte, nasceu Maria da Graça. Por impossibilidade de pagamento, por causa dos reajustes, seis meses de atraso fizeram o apartamento voltar ao banco (que nada perdeu), para venda a outro interessado.

E lá estão Deolindo, Zuleica, Deodoro e Maria da Graça, numa casinha de aluguel, no bairro dos Pimentas, não muito distante de uma indústria de papel, de onde, diariamente, exalava um cheiro químico desesperador. A imobiliária não perdoa: não pagou em dia, tome juros no recibo. Só não há juros para o salário do pedreiro, que, mensalmente, enfrenta uma enorme fila na agência bancária, onde recebe da construtora para a qual trabalha.

Com tantos afazeres de casa, um leve descuido — porque ninguém é de ferro e todos são filhos de Deus —, e chega o terceiro filho, o mirrado e chorão Washington, o Totinho, a quinta boca.

A firma quer diversificar as atividades, investindo em "shopping-centers", super-mercados etc, diminuindo a construção de apartamentos, e começa a dispensa de gente. A corda balança, e o emprego quase se vai, mas o pedreiro Deolindo se segura, talvez acostumado aos andaimes...

E sobe o preço de tudo: aluguel, luz (água, ainda não, porque vem do poço, embora a bomba gaste energia), leite, feijão, arroz, café, açúcar, óleo, gás, sabão, cigarro e até a pinga. O salário, nem tanto. Mas as notícias só falam de milhões, tanto pelo rádio como na velha TV em preto e branco, quase pifando (— e que vontade de uma TV em cores); é "over", "open". dólar, câmbio, CDB, BMF, além de PIB, renda "per capita", dívida externa, inflação, inauguração de hiper-mercados e agências bancárias! Que loucura!

A velha televisão pifa e, sem dinheiro para outra, o jeito é Zuleica assistir ao resto da novela no casa vizinha, onde as crianças, também, vêem xuxas, maras, angélicas, paquitas etc, e os poderosos heróis de nova cultura: rambos, jaspions, he-men, chenge-men e outros, mais conhecidos pelos guris

do que os próprios dirigentes de seu Município, Estado ou país... Mas a TV de dona Anita é colorida!

O Natal está chegando, e as fábricas de brinquedos já fazem suas previsões em dólares. As crianças também fizeram sua escolha, pela telinha: Deodoro quer um carro-de-combate com pilhas (que custa meio salário); Maria da Graça, a Gracinha, exige uma boneca de nome estranho e cabelos loiros, que pisca o olho, faz beicinho, anda e chora (e custa quase um salário); e Washington, o Totinho, que iniciou os primeiros passos, precisa de um cercadinho de rodas, um ursinho ou um cachorrinho barulhento, de plástico vistoso, (tudo, além de um salário). E o pedreiro Deolindo ganhando apenas cerca de três salários

A única esperança, este ano, seria o tio Norival, irmão de Zuleica, que prometera vir do interior, nas festas natalinas, trazendo alguns presentes. Mas, picado pelo "barbeiro", agora, estava internado. Que tristeza! Em pleno mês de dezembro, quando o aluguel de casa é reajustado em mais de duzentos por cento! O que fazer? A casa e a comida, ou os brinquedos das crianças?... E esse Papai Noel de outras terras todo vermelho, parecendo bandeira comunista, em todas as lojas, em todas as telas, em todas as propagandas, querendo vender o que Deolindo não pode comprar!

É véspera de Natal, e as crianças da vizinha já receberam seus presentes. Deodoro e Gracinha ficam à espera do pai, ansiosos. Depois de longa viagem em ônibus lotado, na tarde garoante, o pedreiro chega em casa, cansado. Traz uma sacola de plástico: alvo das crianças. Com ternura, e um nó na garganta, olha para os filhos e para a mulher, tentando disfarçar certa decepção: sorri para Deodoro e pisca para Maria da Graça, dizendo haver pago o aluguel e comprado algumas coisinhas.

Retira da sacola um bolo e uma garrafa de bebida que ganhou e os entrega para a esposa Zuleica, que está com o filho mais novo ao colo. Ao filho mais velho dá um carrinho

de madeira, feito pelo marceneiro da obra onde trabalha. Para Washington, o Totinho, trouxe um gatinho vermelho, de borracha, para ajudar-lhe as gengivas na primeira dentição. E para Gracinha, menina esperta, entregou uma boneca de plástico, à base de galalite inteiriça, sem articulação, sem cabelos loiros, nem roupas da moda.

— “Ih, pai, essa boneca só fica olhando pro lado esquerdo!”

— observou Deodoro, meio intrigado.

— É, o pai não...” — tentou justificar a esposa Zuleica, sendo cortada pela filha Maria da graça:

— “Eu queria a boneca que pisca o olho na televisão, mas o pai não encontrou ela na loja... Eu fico mesmo com essa boneca de olhos duros... Até que ela é bonitinha!”

Pai e mãe, com os olhos nadando, sorriram e abraçaram os filhos, que ainda nada entendiam...

FLÁVIO C. G. TROMBETTI

PRÓLOGO

Às páginas tantas...

Papéis amarelados que encontrei esquecidos.

- Folhas perdidas,
Palavras que o tempo esmaeceu
que, apenas, viveram o instante
fugaz das emoções.

-- Vibrações, sombras das sombras, murmúrios e
luzes

diluídos;
sonhos olvidados, flutuando nas águas do tempo
como vestígios de mil naufrágios. -

APÓLOGO I

1 - Lin-Tseu já cego caminhou lentamente apoiado em seu bordão e sentou-se na escadaria do Templo da Natureza, à sombra da grande figueira.

2 - A floresta dominara a obra do homem, invadindo o mosteiro, aluindo paredes e colunas. As ruínas espalhavam-se por toda a parte. As grandes figueiras cresciam entre os pátios e penetravam nas frestas das paredes.

3 - Junto do monge ancião sentaram-se os jovens discípulos.

- "Mestre, disse Pang-Eu, o mais jovem, qual o destino do homem?"

- "O homem, começou lentamente o mestre, resulta de um pensamento divino. É expressão de amor do Senhor da Luz e dos Espaços e cumpre seu destino buscando a Paz."

4 - "As guerras e as lutas pelo poder e riquezas são os frutos da ambição, do egoísmo, do desejo incontido de glória; mas nem a glória, nem a riqueza, nem o poder acompanham o homem à última morada. Tudo se perde e desaparece no silêncio e no pó do sepulcro.

5 - "A meditação e a humildade conduzem o homem à perfeição e à casa do Pai-Creador.

6 - "Havia, disse o mestre, um imperador que resolveu dividir seus domínios e doá-los a seus três filhos. Ao mais velho deu a província percorrida pelos rios navegáveis; o príncipe era ambicioso e comerciante e tratou de aumentar os impostos e incentivou a compra e venda de sedas e especiarias. Ao segundo filho coube a província rica em minas de ouro e prata e o beneficiado tratou de escavar a terra e arrancar os pre-

ciosos metais e o arco-íris das pedrarias, utilizando o trabalho escravo. Tanto um como o outro formaram exércitos visando proteger seus tesouros.

- 6 - "O terceiro príncipe, o mais jovem, recebeu terras férteis que dividiu com seus governados. Por esse fato foi desprezado por seus irmãos.

- 7 - "Feita pelo jovem governante a distribuição das propriedades, retirou-se para a montanha para meditar e contemplar a natureza. Foi ele quem construiu este templo, mas aqui não permaneceu o Ser Superior, entre os homens; os deuses não podem permanecer cativos pois são leves como o vento e livres como os pássaros; são os inspiradores de toda a perfeição.

- 8 - "Certo dia, os povos vizinhos invadiram os territórios dos príncipes mais ricos para se apoderar dos tesouros acumulados. Os exércitos fracos, foram derrotados.

- 9 - "Os povos vencidos e perseguidos correram para o terceiro príncipe buscando proteção. Encontraram-no meditando nas encostas da montanha. Sabedor do que ocorria, o príncipe convocou seu povo que humildemente vivia do cultivo da terra e partiu para proteger os derrotados. E a gente humilde que lavrara a terra e era desprezada por seus ricos vizinhos, lançou-se à luta e venceu os invasores que se retiraram definitivamente, abandonando as riquezas que haviam pilhado.

- 10 - "O homem que vive modestamente de seu trabalho e tem Fé no seu destino, sem ambição e sem pompas, sabe defender seus direitos e luta com destemor.

- 11 - "As palavras vão e se perdem no ar como o vôo dos pássaros, delas não fica vestígio nem eco.

- 12 - "Só o Amor sobreviverá ao homem, pois a herança do homem é a Paz.

- 13 - "Voltando da luta, o príncipe subiu a montanha onde continuou a viver modestamente em meditação.

Eis aí o exemplo que lhes poderia dar do destino do

homem — nada mais que a busca da Paz.

E calou-se Ling-Tseu.

- 14 - Ao longe, sobre as águas calmas do lago, voejavam as garças, riscando de branco o céu azul...

APÓLOGO II

- 1 - Corria o verão; o calor assolava a cidade. Secavam as plantas e os rios; o vento abrasador espalhava as folhas amarelas pelas ruas.

- 2 - Lee-Wha alcoolizado chegou a sua casa e passou a espancar a mulher e as crianças. Em certo momento, a mulher caiu e ficou imóvel; o sangue escorria-lhe pela boca. Estava morta.

- 3 - Lee-Wha ficou apalermado olhando a cena e quando ouviu os gritos dos que acorriam ao local, fugiu. Foi perseguido aos gritos - assassino, assassino, prendam esse homem. Assassino! assassino!

Correu Lee-Wha todo o tempo sem poder se ocultar. Já anoitecia quando chegou perto do bosque. Enveredou entre as árvores e as sombras o ocultaram. Continuou a correr durante toda a noite. Tropeçou, caiu, arrastou-se, atravessou riachos, rasgou as roupas e as carnes nos espinhos e nas pedras. Por fim, caiu exausto. Foi encontrado ao amanhecer pelos monges que peregrinavam e oravam pelo bosque. Foi levado ao velho mosteiro ainda desacordado e ali medicado.

No momento em que recuperou os sentidos, os perseguidores que haviam encontrado sua pista, chegaram ao templo. Aos gritos exigiam a entrega do criminoso.

- 4 - Foi quando apareceu à porta do templo a figura de LinTseu, o velho mestre que era amparado pelos discípulos.

A turba calou-se.

Ling-Tseu sentou-se na escadaria e voltou-se para os

perseguidores que murmuravam e blasfemavam pedindo a morte de Lee-Wha.

- 5 - E disse o velho mestre com a voz serena,

- "que fez este homem para ser buscado desta maneira?"

- "Ele é acusado de crime de morte, gritou a turba; matou a mulher e pois merece a morte."

- "Mas quem o julgou? indagou o mestre.

- "Ninguém, mas deve morrer, matou deve morrer.

- "Mas não foi julgado. E como pode ser executado sem julgamento?"

- "Queremos que nos entregue o homem para que morra já pelo crime que praticou.

- "Não, sem que antes seja julgado.

- "Já foi julgado. Entregam-nos o criminoso que não merece viver!

- 6 - E ainda uma vez, o ancião permaneceu em sua atitude, negando o que lhe era pedido.

- "Não foi julgado; somente houve acusação; o acusado deve ser ouvido, deve-se saber de sua defesa e das provas que tem!

- 7 - E foi assim que o homicida ficou entre os monges. Muitas luas se passaram.

Lee-Wha tornou-se o mais novo discípulo e passou a acompanhar o mestre em todos os momentos. Passava como sombra silenciosa, vivendo o remorso que o atormentava.

Ali envelheceu. O cabelo e as barbas branquearam.

- 8 - Certo dia apareceu morto nas escadarias do templo.

Ao seu lado o bordão e um saco com alguns pertences. Seu aspecto era sereno como se estivesse preparado para iniciar uma jornada pela floresta.

Foi então que notaram o motivo daquele silêncio que perdurara durante anos. Em uma de suas quedas, quando fugia após o crime, havia decepado a língua.

CALEIDOSCÓPIO

- 1 - A vida vai escorrendo lentamente como a areia que se esvai entre os dedos que em vão tentam retê-la; é inexorável sua trajetória rumo ao desconhecido como as raízes que penetram a terra e ninguém vê.
- 2 - Há momentos de Paz e de Amor, há purificações na Dor, há instantes de Luz;
- 3 - Há fulgurações que perpassam e se perdem nas vivências que são lembradas.
- 4 - Tudo porém desaparece e se apaga no ontem, no vazio, na imensidão do nada.

PALAVRAS DO RABI

1 - O Rabi caminhava pela margem de Tiberíades, as sandálias iam deixando a marca de seus passos nas areias finas; seguiam-no os apóstolos e mais atrás a turba que clamava por seus ensinamentos.

2 - A tarde ia diluindo nas águas o ouro líqüido do pôr-do-sol, as aves vojavam em busca de seus ninhos.

3 - Das colinas próximas descia um grupo de soldados romanos. Aproximavam-se em marcha rápida vasculhando aqui e ali o terreno.

O centurião Marius aproximou-se do Nazareno e indagou: —

— Viste Barrabás?

4 - O Rabi olhou-o dentro dos olhos e respondeu: —

— Não sei deste homem.

O centurião afastou-se e os soldados passaram a indagar do paradeiro do procurado entre os que acompanhavam o Mestre. A resposta foi negativa. Ninguém vira o perigoso saltador e homicida naquelas imediações.

5 - O Rabi prosseguiu seu caminho e entrou no barco que o aguardava e um pouco afastado das margens começou a pregar.

6 - "Não se tema a autoridade ou o poderoso. Acima de todos está a Providência. Nenhum deles seria coisa alguma se assim o Criador não previsse. Quanto mais poderosos, prepotentes e perseguidores, mais terão que prestar contas no futuro. Tudo será apurado e pesado no Tribunal Divino. Ali não haverá autoridades, glórias e poderosos; todos serão iguais.

7 - Quiviu-se um grito ao longe. Vultos corriam de um lado para o outro. Logo apareceram os soldados trazendo acorrentado Barrabás vociferando, espumecendo e blasfemando contra seus captores e Roma.

— Malditos! Que os vermes comam seus olhos e suas línguas e as serpentes e os escorpiões suas entranhas. Morram de fome e de peste.

8 - E os soldados iam espancando e arrastando aquele homem esfarrapado, sujo e ensangüentado que resistia a cada passo, procurando livrar-se de seus captores.

9 - O Rabi continuou sua pregação e a multidão atenta às palavras do Mestre viu passar o prisioneiro que blasfemava. Logo a escolta desapareceu pelos caminhos, conduzindo aquele desesperado.

10 - Disse o Rabi:

— “Esse é o homem que pode se culpar de suas faltas. É cego e surdo. Sua vida é como a folha seca que é levada pelo vento, perdendo-se nas areias e entre as pedras do caminho. Tem sede e fome insaciável na sua busca de um significado para a vida.

11 - “Não tem fé, nem lágrimas, habita nas terras do desespero. No julgamento dos homens porém, será o preferido pela multidão que nele buscará se justificar de seus pecados.”

MENSAGEM PERDIDA

Passa a caravana errante,
silhuetas, vultos, sombras pelo oceano do tempo,
em busca da Verdade;
passam

reis,
poetas,
soldados,
loucos,
filósofos,
mendigos.

A noite se sucede ao dia
no pêndulo que assinala o interminável.
No portal do templo em ruínas,
o velho filósofo em sua túnica desbotada
vai escrevendo com seu bastão na areia do pátio
a mensagem que o vento em suas rajadas
vai apagando...

Nada fica da doutrina,

de ponderações,
de argumentos,
de sùmulas,
de teses;

o bastão vai gravando na areia
em rangido suave,
e o vento indiferente, em suas rajadas
vai apagando.

NAVEGAR

Vai a grande nau vagando
mar em fora,
velas ao vento, livre,
seguindo o rumo mágico da rosa dos ventos
e as correntes misteriosas dos sete mares;
segue a nave a rota mágica,
flutuando livre,
emabalada na ondulação das vagas,
acompanhando a rota do rei albatroz
que faz e cumpre seu destino.

Segue a grande nave
de velas incendiadas pelo pôr-do-sol
que vai acendendo fogachos entre as nuvens esgarçadas.
Zune o vento perpassando pelo cordame e amarras dos mastaréus,
contando aventureiras estórias
riscadas nos portulanos
perdidos na Torre do Tombo,
entre mensagens, diários de navegação amarelados,
astrolábios e bitáculas que atravessaram os oceanos.

Vai a nave de velame enfunado
singrando as águas em busca de seu destino
traçado nas antigas cartas de marear;
a canção maruja, em surdina,
vai em suaves rimas desfiando
as contas do rosário das saudades.

SÚPLICA DA MENINA DOS OLHOS TRISTES

"Há uma miséria maior do que morrer de
fome no deserto: é não ter o que comer
na terra de Canaã --".

José Americo de Almeida —

"Bagaceira", Ed. J. Olympio, pag. 3. —

-- A pequena mão suja
estendida,
e a voz fraca,

— "Moço, me ajuda...",

implora a menina maltrapilha e de face macilenta.

— "Moço, me ajuda!"

É um grito de socorro
que vem da sarjeta,
do lodo sujo que escorre e escoa
pelas calçadas da cidade grande.

— "Moço, me ajuda..."

implora a triste menina no cruzamento
onde se acumulam os veículos
junto ao semáforo que veda a passagem.

— Perigo, assinala a luz vermelha da sinaleira,
"Misericórdia". diz o olhar da criança.

— "Moço, me ajuda..."

mais uma vez repete a voz fraca e trêmula
que revela a fome velha,
mas o semáforo troca a luz
e o verde possibilita a passagem,
e o auto reluzente avança,
conduzido pelo motorista indiferente.
E a menina esfarrapada
fica para trás com sua miséria
e sua voz apagada, a mão estendida,
clamando por socorro...

E DEUS CREOU O MUNDO...

O Senhor disse:

“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e todas as feras, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra”.

(Gênesis 1,26)

Huberto Rohden, um grande pensador cristão, autor de mais de meia centena de livros, todos inspirados e escritos alicerçados nos ensinamentos do Cristo, faz-nos uma advertência sobre aquilo que ele chama de “substituição de tradicional palavra latina crear pelo neologismo moderno criar”.

Diz-nos o grande pensador que tal substituição “é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental — mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.”

Crear, diz ele, é a manifestação da Essência em forma de existência — criar é a transição de uma existência para outra existência.

Quando, nos primórdios dos meus estudos em grau secundário, eu me vi a braços, desde então, com o dilema: criar ou criar?

Naquela época eu já encontrei uma explicação que até me convenceu: o sábio padre Gerardo Reis, professor de língua pátria, deu-nos uma explicação com um exemplo da própria criação do mundo, ao nos explicar que nada havia no princípio: "in principium erat verbum" (no princípio era o caos), isto é, nada existia e apenas o vácuo dominava o tudo.

Lembremos aqui um poema de autoria de Hélio Ribeiro ao tentar descrever a indecisão-decisão do Deus quando resolveu pôr algo no nada existente:

"Eis o grande sofrimento do Criador:
tirar tudo de um nada qualquer e
depois ser julgado por qualquer um
que, com todos os todos do mundo, não
seria capaz de fazer um simples quase."

O padre Gerardo Reis (era mesmo Gerardo) então disse-nos, no seu extraordinário vernáculo, que somente Deus fora capaz de criar isto é, do nada existente (caos) fazer o tudo que hoje existe, que criar era fazer algo sem utilizar nada, pois nada então existia e que, dentro desse grande nada, dessa vacuidade do não existido, foi feito o tudo ora existente, para preencher uma solidão sem eco, até que todas as coisas fossem surgindo na imensidão ilimitada.

Isto era criar. Porém, à medida em que as coisas surgidas do nada foram sendo transformadas em estruturas outras, em formas diferentes, então as coisas novas eram coisas criadas e não creadas. Por isso nós tínhamos o Criador e os criadores.

"O poder infinito, — disse Rohden, — é o criador do Universo — um fazendeiro é o criador de gado".

Então, Deus criou o mundo, os céus, as estrelas, os sóis, as luas, a terra...

Na terra, sintetizou toda a vida humana, pois, no Gênesis ele o havia prometido, e deu ao homem, além de todas os instintos, a razão.

Fê-lo um ser racional e deu-lhe o domínio sobre todas as coisas, "sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e todas as feras, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra".

Deu-lhe a inteligência para que ele pudesse criar muitas coisas e arbítrio para que pudesse escolher o rumo a seguir.

Assim, o homem cria muitas coisas e escolhe o seu próprio rumo. Ele deve caminhar sempre, para a frente, em busca do seu destino, deve construir o seu destino.

Jamais deve o homem ficar à espera de que as coisas melhorem, pois, nunca sabemos o que é melhor ou bom.

Na busca de dias melhores sempre encontramos em nossos caminhos as grandes oportunidades que vão surgindo e que topamos na nossa grande marcha ao infinito. E nós as buscamos como síntese dos nossos melhores anseios.

Nunca devemos ficar à margem da estrada lamentando os nossos fracassos ou maldizendo, como desventuras, o que não temos a coragem necessária ou mesmo audácia de procurar, mas, de forma insistente e persistente, devemos caminhar, caminhar sempre...

"O homem que decide parar, até que as coisas melhorem, verificará mais tarde que aquele que não parou e colaborou com o tempo está tão adiante que jamais será alcançado".

À PROCURA DE DEUS...

E eu saí pelas estradas do mundo procurando encontrar Deus.

Eu andava descrente e, em todas as minhas indagações, todas baseadas nos ensinamentos que me foram até então ministrados, não encontrei a verdade que me convencesse.

Busquei, numa reflexão retrospectiva, em todas as coisas, em todos os fatos e em todos os livros que lera, uma resposta objetiva para a minha indagação: "onde está Deus? quem é Deus ou o que é Deus?"

Pesquisei nos escritos sobre todas as religiões e cada uma delas oferecia-me uma versão diferente.

Sob o argumento da bondade, de que Deus é bom e que somente semeia o bem, eu perscrutei em volta de mim para encontrá-lo nas coisas que eu via e que eu sentia e vi tanta maldade cometida, às vezes até mesmo em nome Deus, que eu cheguei a revoltar-me contra um Deus que, tudo podendo, permitia que o mal existisse, pois, quase sempre o mal prevalecia sobre o bem e, impunes os que o praticavam até eram beneficiados e premiados com grandes vantagens materiais. E eu não encontrei na bondade a concepção objetiva da presença de Deus.

Busquei-o nas relações entre os homens, nas ações ante os seus semelhantes e, desencantado, pude perceber que apenas o egoísmo predominava, que para a satisfação dos seus interesses os homens jamais titubeavam em prejudicar o próximo.

Quantos vezes eu vi, estarecido, sem nada poder fazer, corações egoístas arrastando para si o que, a duras penas, o semelhante conseguira ajuntar, até mesmo estritamente

necessário às suas mesquinhas necessidades

Assisti a ganância prevalecer sobre aspirações minúsculas de pobres, que viram desmoronar até mesmo o tugúrio que lhes cobriam os filhos, raquíticos e doentes e a mulher esquelética que, pelo sofrimento, nem mais sabia chorar.

Em nome da justiça, vi juizes vendendo sentenças injustas e proferindo decisões iníquas.

Vi o pobre ante os tribunais suplicando justiça e seu pedido, pelo descaso, pela inércia dos juizes, rolando, anos a fio, como os seixos no álveo dos rios, para ao depois serem julgados com iniquidade.

Vi aposentados, que deixaram as suas forças nas estradas do trabalho, que tiveram os seus parcos salários mutilados pelos descontos da previdência, sendo, na velhice, espoliados com aposentadorias ilusórias já que as instituições desfalçadas, semi-falidas pelos assaltos dos governantes, dos donos do poder, estavam com os seus tesouros exauridos, enquanto juizes e tribunais decidiam pelo pagamento de imensas fortunas aos que reclamavam direitos duvidosos e que se enriqueciam por sentenças prolatadas na calada da noite e adrede combinadas entre as partes.

Vi um mundo esfacelado pelos corruptos, pelos falsificadores, pelos viciados e viciadores...

Tudo isto, enquanto os que clamavam pelas coisas certas e justas eram escarrados, pisoteados, vilipendiados.

Vi a ingratidão ferir o peito dos que fizeram o bem. Vi tantas lágrimas rolares de olhos sofredores em faces maceradas pela dor.

Quantas vezes eu fui acordado pelos soluços repletos de dor dos que sentiam na alma os aguilhões das setas da injustiça.

E essas dores todas eu carregava comigo, pois não pudeira estancar a lágrima e, quantas vezes, faltaram-me palavras com que pudesse sofredor a mágoa do irmão sofredor.

Tudo isso eu vi pelos meus caminhos e, por isso mesmo,

eu continuava a indagar: "onde está Deus? Deus existe?"

Também eu aprendi que Deus, como creador dos céus e da terra era um espírito perfeitíssimo que estava em toda parte.

Ora, se ele a tudo creara e estava em toda parte, ele era maior do que a terra e do que todo o universo.

Então Deus assemelhou-se-me a um gigante aterrador e, talvez por isso ele não permitisse nenhuma fraqueza e punisse os fracos, quem sabe mesmo os que sofriam injustiças estivessem sendo punidos por que não souberam ser fortes.

E eu procurei Deus, e não logrei encontrá-lo, em todos os aspectos e formas pelos quais me disseram que ele o era.

Entretanto, quando já descrente, eu deixei de procurá-lo, quando eu já não mais acreditava no que me diziam ser Deus, eu comecei a observar as pequenas coisas e os seres que ia encontrando pelos meus caminhos.

Então, eu ouvi um passarinho cantando num galho de árvore; também, cantando, eu vi um dia, um maltrapilho, vestes sujas e dilaceradas, com um pequeno instrumento de cordas, e eu quis ouvir o seu canto. Não era um canto desses que o mundo canta, mas uma prece que agradecia a Deus pela vida e pelo novo dia e eu pensei: "se ele é tão pobre e não tem nada, o que agradecer? É um louco" e fui em frente.

Mais adiante ví um menino pedindo pão e ganhou um pãozinho numa casa e saiu correndo com o pãozinho na mão. E eu pensei: "Por certo ele roubou alguma coisa e está correndo antes que o dono da casa o perceba", e fui atrás do menino e vi que na esquina, logo adiante, dois outros meninos menores, também sujos pela falta de banho, o esperavam.

Vi a alegria estampada no rosto dos três, quando o menino chegou perto deles, com o pãozinho na mão.

Então assentaram-se na calçada e o menino que ganhara o pão, partiu-o em três pedaços e deu um pedaço a cada um dos outros. E, com alegria comeram aquele pão.

Numa certa tarde, já no crepúsculo, início de noite,

ao chegar à minha casa, encontrei um homem maltrapilho remexendo o saco plástico com o lixo que fora posto no cesto próprio em cima da calçada.

Receioso tratar-se de um malfeitor, de dentro do carro, perguntei-lhe o que estava fazendo e ele, entre apavorado e ressabiado, respondeu-me que estava recolhendo uns poucos pães velhos que iria levar para casa, para os filhos que estavam passando fome.

Uma vez, a noite já em meio, e eu tive que sair de casa e ir a uma farmácia comprar um remédio.

Era em pleno inverno e uma garoa muito fina, como neve, ainda fazia mais fria a noite, vi, deitados num canto da calçada, um homem, a mulher e algumas crianças que, transidos do frio, acomodavam-se num monte de jornais velhos. E eu ví chegar-se a eles um jovem que, olhando para todos os lados, retirou de si o pulover que tinha sobre a camisa e, atirando-o sobre os pobres, foi-se embora rapidamente sem olhar para trás.

E muitas coisas semelhantes eu fui vendo no curso dos meus caminhos...

E eu comecei a sentir dentro de mim uma mágoa muito grande por todas essas coisas. Comecei a sentir até mesmo uma revolta por tudo quanto via e eu senti uma vontade louca de reparar tudo aquilo. Eu começava a encontrar sentindo em tudo quanto presenciava e foi então que, numa análise retrospectiva, eu lembrei-me de tudo quanto de iníquo eu assistira mas, lembrei-me também das coisas simples, mas, edificantes que eu vira: do passarinho enchendo de música a solidão da mata; do pobre cantando uma canção de graças, do menino que, como Cristo, dividiu com os irmãos o pão que ganhara e que não lhe dava para matar a própria fome; lembrei-me do pobre catando pão velho no lixo da minha casa; lembrei-me do jovem ressabiado que tirara o próprio agasalho e o deixara na calçada cobrindo, quiçá, os pobres transidos de frio.

E eu ví, em tudo isto, a presença viva do Cristo e vi que Deus estava sempre no nosso caminho. Quando sentimos no nosso âmago o despertar do sentido de caridade, do amor ao próximo ao ponto de sofreremos, como se fora em nós, as suas dores, estamos nos aproximando dos umbrais do reino do Senhor. As portas, entretanto, estarão fechadas e, para abri-las mistér se faz que tenhamos a chave que está consubstanciada no amor, na caridade, na renúncia a todos os bens materiais, para só entregar o coração a Cristo e então ser seu discípulo porque bem o disse o Divino Mestre:

“Quem não renunciar a tudo que tem não pode ser meu discípulo”.

O CÓDIGO DA JUSTIÇA E O CÓDIGO DA GRAÇA – O PERDÃO E A CARIDADE

O Velho Testamento é o Código da Justiça, em que o sentimento de não deixar sem o devido castigo aquele que praticou um pecado, uma ação reprovável, predominava sobre qualquer outro. Era o sentido de se corrigir o errado pelo castigo equivalente.

Vimos as desobediências serem punidas com penas terríveis que serviriam de exemplo para que os demais se corrigissem e não incidissem no mesmo erro.

A lei do talião (“olho por olho, dente por dente”) deveria ser símbolo para a punição dos erros, dos pecados:

“Mas se houver dano grave, então dará vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe” (Êxodo 21, 23, 24, 25).

Mas o anátema não era apenas para os que causassem dano, porém estendia-se até para os pecados de outra natureza e, assim vamos encontrar no Velho Testamento, ainda no livro do Êxodo, o Senhor dando ao seu povo, através de Moisés, os seus dez mandamentos e as suas leis. Leis acerca dos altares, leis acerca dos servos, leis acerca da violência, leis acerca da propriedade, leis civis e religiosas (Êxodo 20, 21, 22). Estabeleceu ainda, normas relativas ao testemunho falso e à injúria, quanto aos deveres dos juízes, quanto ao descanso e o respeito ao dia de sábado.

Em tudo encontramos a rigidez do Senhor, transmitidas estas normas através de Moisés ao seu povo.

Em Deuteronomio Moisés reafirma os ditames das leis do Senhor que são referidas em todos os livros do Pentateuco (que significa cinco volumes) constituídos do Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronomio. Estes livros, são conhecidos como os livros das Leis.

No Velho Testamento, não há o perdão puro e simples, devendo a falta cometida ser punida com igual intensidade à do dano cometido.

Li, há muito tempo, em um desses livretos de bolso, uma historieta sobre a aplicação da pena de talião, lá nos confins do oriente, na China.

Certa manhã, ia passando sob uma árvore frondosa um trabalhador rural rumo ao campo, com uma enxada sobre o ombro, cantando uma ária qualquer.

Ora, num dos galhos da árvore, estava encarapitado um homem que, no exato momento em que o trabalhador passava em baixo, despencou-se do galho e veio a cair sobre o passante, com a violência do tombo, causando-lhe a morte.

A viúva reclamou justiça perante o juiz encarregado de fazê-la. Era preciso que se fizesse justiça, que a morte do marido fosse reparada.

Ela era uma viúva muito pobre e a falta do marido era tão grande que lhe acarretaria, como aos filhos, muitas privações.

O juiz, muito compreensivo chamou o causador do acidente perante a corte e ele era pessoa de muitos recursos, muitas posses, muitos bens.

Foi proposto um acerto, um acordo que parecia ser o mais razoável. O causador de morte do lavrador, depois de pedir o necessário perdão, daria à viúva, e aos filhos orfãos do pai morto, uma gleba de terras, casa e algum recurso que os tiraria da miséria. Nada mais justo, nada mais razoável, pois a falta do lavrador que morrera em virtude do acidente,

só seria muito sentida pelos liames do amor, do sentimentalismo. Aliás, fora a própria desventura do outro que causara a morte, pois, ele caíra do galho da árvore e isto não fora por vontade, por sua culpa, uma vez até que ele mesmo poderia ter morrido.

Entretanto, a viúva não quis a indenização oferecida e achada razoável pelo juiz, e esta foi, por várias vezes, aumentada e insistida, reiteradamente, a oferta.

Mas.. a viúva não a aceitou. Ela queria era mesmo que o causador da morte do marido fosse morto, fosse condenado à morte pelo juiz.

Quando, baldados os esforços do juiz para que ela aceitasse o acordo, que lhe era até muito vantajoso, e que ela cabalmente recusara, o juiz deu a sentença final, que julgou a mais acertada, a mais justa.

No relatório que continha vários considerandos, vários argumentos justificativos o juiz, muito justo, como na realidade devem ser todos os juizes, condenou o homem à morte, pois, que ele causara a morte do lavrador, embora de forma não concernente à sua vontade, mas, que teria que por ela responder.

Contudo, a sentença continha algumas condições para ser executada. A lei de talião era clara "olho por olho, dente por dente, golpe por golpe".

Pois... o causador da morte não caíra do galho da árvore em cima do lavrador? Então, que a viúva subisse ao galho da mesma árvore, no mesmo local, e caísse em cima do causador da morte do marido e, já que este caíra uma vez só, ela somente poderia cair uma vez e, se da queda a morte não ocorresse, o homem estaria redimido da culpa e isento de qualquer outra penalidade.

O Velho Testemunho está repleto de matanças, tudo para se fazer justiça, castigar o culpado e, dentro dessa implacabilidade, populações inteiras eram passadas a fio da espada, eram exterminadas e, nem por isso, a humanidade se tornou

melhor.

A destruição de Sodoma e Gomorra não fez com que os homens se purificassem e, nem tampouco o Dilúvio, fez uma humanidade mais temente a Deus e mais indene ao pecado. Lembre-se que o Senhor, para que não se sacrificassem justos, permitiu a Abraão que se lá houvessem 50, 45, 40, 30, 20, ou 10 justos apenas, não destruiria as cidades. E não se encontrou lá nenhum justo (Genesis — 18-22 a 32).

Arrependendo-se de haver creado o homem em virtude da corrupção do gênero humano, o Senhor faz cair o Dilúvio sobre a terra.

“Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra.

Então disse Deus a Noé: resolvi dar cabo de toda a carne, porque a terra está cheia de violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra” (Gênesis 6-12, 13).

E a terra foi, durante 40 dias e 40 noites, inundada pelo dilúvio das águas, perecendo toda a espécie viva, restando apenas um exemplar de cada espécie, e Noé com a sua família, que acharam graça perante o Senhor.

Mas nem assim os homens se tornaram bons,

O Velho Testamento com a implacabilidade das suas punições, se fez justiça, não teve no homem coração puro e nem redimiu o homem dos seus pecados.

Mister se fazia que viesse um redentor e o Redentor veio. Veio e, sem desrespeitar a lei de Moisés, pregou o perdão substituindo o anátema da lei de talião.

Era preciso abrandar os corações, tornando-os bons, magnânimos. A lei da vindita tinha que ser revogada.

E nós vimos uma nova aurora surgindo, um novo Sol iluminando a terra. Cristo pregava a boa nova com a sua men-

sagem redentora.

O novo Testamento foi o novo ditame para a redenção da humanidade e ele pregava o perdão como elemento fundamental para a remissão dos nossos pecados, o amor àquele que nos prejudicou em qualquer sentido.

“Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti reprenda-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe”. (Lucas — 17,3).

E o evangelista vai mais além ao transmitir os ensinamentos do mestre:

“Se por sete vezes no dia pecar contra ti, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe” (Lucas, 4).

O Velho Testamento é o Código de Justiça, fria, implacável e o Novo Testamento, firmado nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, é o Código da graça, do amor, da bondade, do perdão.

Já não prevalece mais aqui a simples expiação da culpa, mas, sobretudo, o perdão do ofendido, que para ser completa a limpeza da nódoa, da mágoa, da culpa, deve esse mesmo perdão ser precedido pelo arrependimento do causador do dano.

— E se o que me causou dano, mágoa ou dor não se arrepender, mesmo assim eu devo perdoá-lo?

Deve. Esforça-te para que ele se arrependa e acredite, mesmo que isso não aconteça, que ele não se arrependa, e perdoa-lhe, e assim terás encontrado misericórdia perante o Altíssimo.

“Todos os que sentiram o remorso de qualquer ação que praticarem e o remorso das que praticaram os outros; que tiveram impulsos generosos e perdoaram aos seus inimigos; todos os que viram o mundo, não só como uma grande arena de luta egoísta, mas, a certas horas, como um templo misterioso em que é dulcíssimo, mesmo para o que é crente, elevar a alma em oração; ... todos esses são dignos de se reunirem no grande dia da ressurreição e de recuperarem a sua alma...” (Ellieck Morn — “Se queres viver, desperta e luta.” 89ª ed. — Livraria Bertrand — Lisboa).

O coração do que perdoou é limpo, é puro.

“No momento em que Gandhi recebeu as três balas mortíferas do seu assassino, saudou ele o criminoso com a costumeira saudação hindu “namastê” (o Deus em mim saúda o Deus em ti). Isto é renúncia total. É deveras estranho, escreve um autor moderno — que o melhor cristão do século 20 tenha sido um pagão” (Huberto Rohden - “Entre dois mundos” - 3a. edição - Aurora Pg. 100 - 1984).

Entretanto, o meu perdão, em si, não pode redimir o meu agressor do seu pecado, da sua culpa. É necessário que ele seja tomado de um grande arrependimento do ato praticado para que possa se redimir.

O ato do perdão, quando pleno, total, irrestrito, acompanhado de arrependimento de todo o coração, do arrependimento sincero, pleno de quem praticou o ato pecaminoso, completa o ciclo da graça e torna o indivíduo limpo perante Deus.

“Portanto se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão terá alguma coisa contra ti, dei-

xa ali diante do altar a tua oferta e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e, depois vem e apresenta a tua oferta”. (Mateus, 6 - 23, 24)

Muitas vezes nós encontramos pessoas que procuram dar as suas ofertas, fazer caridade, mas, de forma a serem vistas pelos demais. Anunciam, mesmo pelos órgãos de divulgação, que fazem caridade. A caridade, assim feita, não tem mérito perante Deus. A caridade é anônima, espontânea, brotada do sentimento mais profundo de pureza de alma.

Não se poderá confundir caridade com filantropia, com benemerência.

Por exemplo, eu participo de uma campanha pública para conseguir recursos em bens para um estabelecimento de necessitados ou para a construção de um pavilhão, ou para angariar fundos para a aquisição de algo que os necessitados carecem.

Eu não estou fazendo caridade. Eu assino numa lista e dou certa importância, mas, ali está o meu nome impresso. Eu não estou fazendo caridade, mas, filantropia ou qualquer outro nome.

O coração que perdoa, que está repleto de sentimento da caridade é o coração puro que encontra misericórdia perante Deus

Aquele que perdoar deve fazê-lo em silêncio, como aquele que faz caridade.

“Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos Céus.

Quando pois derdes esmola, não façais tocar trombetas diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão”. (Mateus, 6).

O perdão pode ser uma forma de caridade. Somente o coração repleto de caridade pode perdoar.

No Gólgota, no ápice do seu martírio, quando ao pedir água lhe deram vinagre, quando já nos paroxismos da morte, Jesus sendo vilipendiado, ainda pedia ao Pai:

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

E Cristo veio para ensinar a nova doutrina, pregar ao mundo o caminho da salvação e o Novo Testamento é o Código da Graça, o Código do perdão.

Mas nem por isso a humanidade se tornou melhor, embora por aqui tivessem passado os santos, os profetas, os que renunciaram ao mundo. E para ser discípulo do Cristo a renúncia é a chave para a entrada no verdadeiro caminho.

Na doutrina Cristã não existe a figura da vindita e nem tão pouco a reparação de qualquer dano sofrido, mas, apenas o perdão como símbolo e esse perdão configura-se na renúncia, — como o disse Rohden, — às posses mentais e emocionais o que “é mil vezes mais difícil e mais importante do que abandonar as posses materiais. Renunciar a todo e qualquer apego mental, ofendismo emocional, ódios, rancores, ressentimentos, antipatias, animosidades, intrigas, maledicências e malevolências — isto é indispensável para abrir o caminho rumo a Deus e ao Eu divino no homem” (Huberto Rohden — obra citada, pg. 98).

O perdão às ofensas não implica tão somente em desfogar o coração do ofensor que pode ter se arrependido, mas é, principalmente, em apagar da memória a ofensa recebida e pensar que ela jamais foi praticada.

Quando, já no fim da vida, perguntarem ao Mahatma Gandhi se ele perdoava as ofensas dos seus inimigos, ele apenas “respondeu que nada tinha a perdoar, porque nunca fora ofendido” (Rohden obra citada, página 99).

O Papa João Paulo II, quando foi baleado, o seu primei-

ro gesto foi de perdão ao seu desafeto. Um dia, quando liberto das dores, do sofrimento causado pela agressão, o seu primeiro ato foi dirigir-se à prisão e visitar àquele que lhe quisera ceifar a vida... e perdoá-lo.

O perdão é, pois, a mais sublime das ações do homem. O homem que perdoa dissipa do seu âmago a mais cruciante das dores que pode carregar que é a dor da alma. Ele se eleva do terreno para alcançar o divino e, nesse vôo triunfal, — pois, que se liberta do maior peso que o prendia às coisas materiais, — caminha rumo aos páramos de Deus, esquecido de que houvesse sofrido um mal qualquer.

Feliz o ser humano que, no instante de entregar a Deus a sua alma, pode dizer, liberto de todas as preocupações terrenas, que não tem nada a que perdoar porque não tinha inimigos e porque jamais alguém lhe fizera qualquer mal.

OS DESPOSSUÍDOS

“Pode o milionário possuir externamente os seus milhões, e estar internamente liberto deles — e pode também o mendigo não possuir bens materiais e, no entanto, viver escravizado pelo desejo de os possuir, e, neste caso, é ele escravo daquilo que não possui, assim como o milionário pode ser livre daquilo que possui. Este possui sem ser possuído — aquele é possuído pelo que não possui.”

(Huberto Rohden — O Sermão da Montanha - 9a. edição — página 26).

Nada existe de mais desolador do que a sensação de vazio que nós sentimos quando fazemos uma visita a um recolhimento de velhos, de idosos, mormente quando dessa visita procuramos colher algo sobre os motivos do recolhimento.

Eu já disse em um dos meus livros que, marcando o início da minha caminhada eu deixara, bem lá atrás, um educandário de menores abandonados onde, durante seis anos consecutivos, trabalhei e convivi com tais meninos. Lá, eu pude ver o que é não estar junto com a família ou não ter uma família.

Não estar junto com a família é viver distante dos entes queridos, não conviver com eles, embora os tenha bem presentes em nossa vida, mantendo os liames de carinho e os laços de união que o sangue que circula em nossas veias e o amor que trazemos no peito não nos deixam esquecer-los. Embora na distância, conservamos vivos os traços que nos unem

aos nossos e, bem no âmago do coração, no íntimo da nossa alma, aquele sentimento, como chama que não se apaga, nos faz a todo instante, lembrá-los e deles ter saudade e com toda força saber cultivar essa saudade como nos versos do poeta:

“De um mundo a outro impelido,
derramei os meus lamentos,
nas torvas asas do vento,
do mar na crespa cerviz.
Baldão ludíbrico da sorte,
em terra estranha entre gente,
que alheios males não sente,
nem se condói do infeliz.”

(Gonçalves Dias)

A distância da família ausente, às vezes, nos faz até mais unidos e o reencontro é sempre de vivas emoções.

Mas, existem aqueles que não têm família, cujo coração é como um vácuo que não guarda nenhuma lembrança afetiva, além daquelas recolhidas nos instantes da vida, nas caminhadas na solidão das tardes de existência ou dos dias sem sol na alma solitária.

É. Existem aqueles que não têm famílias porque dela estão apartados, que a perderam na caminhada dos anos, nas viradas da existência ou porque não a conheceram nos dias que ficaram para trás os seus familiares, que desconhecem as suas origens ou, por abandonados, só viram nos seus caminhos o deserto da vida, entre seres estranhos alheios às suas dores.

No Educandário Dom Duarte, que foi o meu primeiro emprego, eu vi nos dias do meu passado, a convivência com menores ali internados, meninos que lá estavam porque as famílias eram por demais carentes e não tinham os meios de subsistência para mantê-los em casa. Outros, porque as famílias não os queriam, embora de quando em vez os fos-

sem visitar.

Outros, porém, o que era mais triste, jamais souberam as suas origens e, em seus registros de nascimento, constava apenas um nome, que o Juizado de Menores na época (isso na década de 40) lhes atribuía e, quanto aos pais, apenas a palavra "ignorados". Nem sequer, em alguns casos, constava o local do nascimento, limitando-se o juizado, a fazer menção de uma data ficta e do local onde o menor fora encontrado.

A esses eu dedicava o melhor do meu carinho, uma atenção especial.

Para alguns eu até inventava uma família fictícia, imaginária, que morava muito longe e que não podia ir vê-los, mas, um dia qualquer haveria de aparecer alguém para buscá-los.

Havia um deles, cujo nome que lhe dera o Juizado de Menores era Waldomiro de Oliveira (não se sabia porque esse nome), que os colegas de trabalho diziam que se parecia muito comigo. Isso no ano de 1945, quando eu completava meus vinte anos.

O Waldomiro, que tinha oito anos, acreditava que eu era seu parente e afeiçoou-se muito a mim e queria sempre que eu lhe falasse da nossa família.

E eu falava muito. Dava-lhe sempre notícias dos "nossos" familiares e em uma carta a meu pai, pedi-lhe que quando me escrevesse perguntasse pelo menino e, quando eu recebia uma carta do meu velho, mostrava a mesma ao Waldomiro e podia saborear a alegria que ele sentia quando era lembrado.

O Educandário Dom Duarte ficava distante da Capital mais ou menos treze quilômetros e os funcionários moravam lá, somente saindo nas folgas semanais que eram aos domingos e, excepcionalmente, um dia durante a semana para fazer compras. Nessas minhas folgas, uma vez por mês, o diretor do Educandário deixava-me levar o Waldomiro para

passar.

Em 1948 eu deixei o serviço do Educandário. Nunca mais eu vi o Waldomiro. É possível que ele, tendo um dia, completada a maioridade e devidamente sido desligado do Educandário e do Juizado de menores, tenha saído por aí à procura de família que eu lhe arrumara e que jamais lhe disse onde morava. Quem sabe até se ele, raciocinando melhor, não esqueceu a pseudo-família que jamais o fora visitar, ou pode ser que tenha encontrado a sua verdadeira família.

O tempo... O tempo é implacável com as pessoas e com as coisas. Os dias vão-se sucedendo e, quando menos se percebe, os cabelos da gente embranqueceram-se e o nosso coração está batendo mais lentamente com o aproximar da velhice.

Quanta coisa eu encontrei pelos caminhos da vida! Eu fui transpondo obstáculos, vencendo etapas e procurando abrir caminhos.

Nessa caminhada de lutas insanas não foram poucos os meus percalços que eu procurei vencê-los. As pedras em que eu tropeçava, procurei tirá-las da estrada para que o irmão que vinha atrás passasse sem que elas se constituíssem em empecilhos.

Jamais tive a intenção de que o que eu fazia fosse visto pelo meu semelhante, pois, aprendera no curso da vida que só passamos por aqui uma vez e que devemos aproveitar o momento presente.

Deus dá ao homem uma missão a cumprir e eu fui, eu sou um predestinado. A mim me foi dada a missão de sempre estar a braços com os necessitados, com os desprotegidos da sorte, com os abandonados que a vida largou nas margens dos caminhos.

O tempo foi passando e, sem que eu percebesse, um dia a neve estava a branquear pelos caminhos da minha existência, às vezes tumultuada, às vezes tranqüila.

Eu, que tantas vezes tive os pés descalços feridos, queimados pela geada dos caminhos percorridos na minha tão

saudosa infância, fui surpreendido um dia pela neve dos anos e enregelar-me a alma, cobrindo de cãs a minha cabeça e eu me senti no limiar da velhice.

Então, eu percebi que a minha missão estava ainda em curso: há trinta e cinco anos que eu venho procurando servir aos bem-aventurados do Senhor, os meus irmãos necessitados, os velhos desamparados socorridos pela Sociedade de São Vicente de Paulo.

E eu comecei a fazer um balanço nos dias da minha vida e ao final eu pude sentir que não foi em vão que vaguei pelas estradas, pelos confins do mundo.

Tive a bem-aventurança de começar a minha vida trabalhando numa instituição de caridade onde o trabalho resumia-se em cuidar de menores abandonados.

Na velhice encontro-me numa instituição de velhos desamparados.

Foi o evoluir da vida que me trouxe até aqui, iluminado o meu caminho pelo facho de luz que a tranqüilidade da alma pode trazer aceso.

Quantos testemunhos, quantos exemplos de vida eu pude colher nesta fase, nesta peregrinação pelos caminhos da caridade.

Um dia, era eu o Presidente do Conselho Central de Guarulhos da Sociedade de São Vicente de Paulo e recebi um aviso de que um vicentino estava muito doente e queria verme. Fui até a casa dele e, comovido, ouvi que ele tinha uma pequena poupança que queria que fosse entregue à Sociedade para aquisição de víveres aos pobres. Poucos dias depois ele morreu e eu cheguei à conclusão que as palavras de Cristo sempre foram o lema para os seus dias: "... tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue-me e terás um galardão no céu".

Em uma das visitas feitas a um dos Asilos de recolhimento de idosos, mantidos pela Sociedade de São Vicente de Paulo, tive a oportunidade de conversar com uma velhinha com mais de 80 anos. No curso da conversa verifiquei

tratar-se de pessoa de cultura e de fino trato. E ela disse-me ser a mãe de um juiz de Direito do qual estava há muito tempo sem receber visitas.

Na diretoria do estabelecimento disseram-me que era verdade e que o filho contribuía com uma mesada substancial para que ela permanecesse ali, mas, que não a visitava fazia tempo.

Procurei saber-lhe o endereço e um dia fui procurá-lo na sua Comarca. Falei com ele e pedi-lhe que visitasse a velha mãe saudosa.

Respondeu-me, de forma fria, pouco amistosa, que contribuía regamente para a manutenção da mãe no estabelecimento e que, quanto ao seu relacionamento com ela, era uma questão que só interessava a ele e à mãe, e que fugia por isso mesmo da nossa área de ação; que nós cuidássemos da responsabilidade que nos competia, que ele não deixaria de cumprir a sua, inclusive com as atualizações regulares na mesada que nos pagava.

Não são poucas as vezes em que somos procurados por filhos, filhas, genros ou noras que pretendem internar os pais ou sogros idosos, sob a alegação de que os mesmos estão lhes atrapalhando a vida.

Certa vez, depois de cumpridas as formalidades das exigências de um dos Asilos de nossa Sociedade, recebemos um casal que trazia para ser internada uma senhora de idade avançada. Deixaram-na na recepção e saíram às pressas sem se despedirem dela.

Quando a mulher estava sendo conduzida ao dormitório onde iria ficar, ela perguntou se o médico ainda demoraria para chegar. Foi então que ficamos sabendo que ela fora enganada pelo filho e nora que lhes disseram que iam levá-la para uma consulta médica.

Alguns internos recebem auxílio-velhice do órgão da previdência com que contribuem nas despesas gerais do estabelecimento. Eles não fazem exigência quando deixam essa pe-

quena parcela, e até ficam contentes por saberem que estão contribuindo para os gastos de todos, "pagando" a sua permanência ali.

Entretanto, em alguns casos, pessoas da família que nunca contribuíram com nada, que lá deixaram os idosos e que raramente vão visitá-los, às vezes, querem saber onde está o dinheiro do internado.

Em nosso meio vicentino nós mantemos uma perfeita comunhão fraterna quando se trata dos socorridos.

E eu encontrei, na trajetória percorrida, uma incomensurável multidão de desenganados, que a sorte foi deixando às margens dos caminhos.

Os menores abandonados, os velhos que o destino atirou na roda da vida, já sem forças para continuar lutando, à espera talvez de um simples sorriso amigo para os alentar.

Mas, encontrei aqueles que, mesmo tendo bens, perambulavam pelos caminhos do destino, como fantasmas em busca de si mesmos. Aqueles que não tendo fé ou que, abandonados da chama da esperança demandam sem destino em busca do nada.

Quantos, desfeitas todas as ilusões, na solidão de uma vida desmoronada, nem sequer ainda buscavam nas reminiscências as lembranças do seu passado. Quantos que, ante as frustrações de sonhos que não puderam realizar, não tinham mais sonhos ou viram os seus sonhos se mudarem em pesadelos no sono sobressaltado da vida.

Quantos que, apagadas as labaredas das esperanças da juventude, apagadas as brasas de fogueiras das suas ilusões mais puras, vivem a revolver as cinzas à procura de uma simples fagulha que ainda não se esvaneceu, como a buscar na poeira do que resta uma última labareda que ainda lhes possa aquecer.

Para estes também, mesmo no fim da vida, como para todos os viventes, o sol nasceu todos os dias, transpôs o espaço e deitou-se do outro lado do horizonte. A eles, porém,

não se permitiu apreciar do calor benfazejo que o astro-rei derramou pela terra inteira, fortalecendo a vida em todos os seres viventes.

Como cegos, embora de olhos abertos, eles foram andando às apalpadelas e não notaram a luz do sol que brilhava, porque não abriram os olhos ou porque ninguém lhes alertou que deveriam abri-los.

Passaram pela vida sem perceber que viviam, apenas participando das incompreensões ou, como se fossem párias, sem lhes ser permitido saborear um pouco sequer do que a vida oferece de belo.

Eles são os despossuídos.

JONNY DOIN, ESTE IRMÃO QUE É QUASE UM MITO

Quando em 1943, ainda muito jovem, eu fui trabalhar no Educandário D. Duarte, estabelecimento para menores abandonados, tive oportunidade de conhecer um idealista, que exercia lá o cargo de professor de Educação Física, de nome Atagy Doin.

Mergulhado nas teorias extremistas dos seus ideais, pouco tempo lhe restava para outras conversas, das quais ele sempre procurava desviar, pois o que lhe era mais importante prendia-se à filosofia por ele adotada que, aliás, era assunto diário em todas as rodas.

Contudo, de vez em quando, acordado do recolhimento em que se estagnava, para a vista apenas das suas convicções políticas, abria os olhos para as belezas que o circundavam pousando-os, às vezes, no mundo encantado da poesia.

Nestes parcos instantes, ele punha para fora do escritório da sua alma pérolas de inapreciável valor e, a nós, que fora concedida pelo poder sobrenatural a dádiva de conviver com ele, eram proporcionados instantes, embora efêmeros, de sonhar e viver momentos de tão grande encantamento.

Certa feita ele nos trouxe, como a mais valiosa jóia do seu repertório, uma poesia, que nos disse, de autoria do mais sublime poeta que ele conhecera e, todo emocionado, ele declamou para os circunstantes:

EXORTAÇÃO

Procura com cautela a verdade onde pensas
que esteja. Mas, no afã de procurá-la, evita
o orgulho e a presunção que o fanatismo incita
nos que julgam estar nas alturas imensas...

Esforça-te por ser leal para que venças:
— os sinceros e bons têm a graça Infinita.
Não combatas ninguém. Luta, sofre, exercita
o amor ao próximo e tolera alheias crenças.

Todos, com a mesma fé, buscam a mesma coisa
e encontram, pelo eterno agora da existência,
a Esfinge que no Umbral dos Séculos repousa!

Faze da dor alheia um elo de amizade,
da cólera dos maus teu culto de indulgência
e acharás com certeza um pouco da Verdade.

Não quis que a mesma constasse do meu álbum de poesias prometendo-me, entretanto, que eu teria uma cópia dela.

Dias depois deixou a nossa companhia sem cumprir o prometido, contudo, disse-nos que o autor da filigrana literária era seu irmão Jonny Doin.

Muitos anos depois o destino, da sua incomensurável caixa de surpresas, mostrou-nos que bem perto de nós estava mourejando o autor de EXORTAÇÃO.

Nós, eu e mais uma plêiade de intelectuais da cidade, havíamos fundado a Academia Guarulhense de Letras. Então, num consenso de entendimento, em uma das nossas reuniões, decidimos convidar tão ilustre vate para o nosso meio.

Fomos buscá-lo e, hoje, ele é um dos nossos e tem-nos encantado, desde o seu ingresso, que tanto valorizou o nosso Sodalício, com a sonoridade dos seus escritos.

Agora ele entregou-me, para que eu o avaliasse, um tesouro de jóias várias a que eu, de uma a uma, fui pesando-as e tentando atribuir-lhes valor.

Confesso que me é impossível cumprir a tarefa pois, acostumado ao pouco valor das pobres e despreziosas poesias que eu tenho produzido, quando leio e releio Kaleidoscópio, sinto-me impotente para formar um juízo de valor a respeito do mesmo.

Em todas as poesias, nas quadras, nos sonetos e nos poemas, a gente sente o pulsar do coração do poeta ou escuta, no silêncio da alma sonhadora que vive dentro de cada um de nós, e na solidão que envolve todo vate incompreendido, as vozes abafadas que insistem em se fazer ouvir.

— Você poeta, na mais sublime interpretação da arte de fazer versos, brincou com as rimas e com a forma e extasiou as musas inspiradoras com tudo aquilo que elas quiseram fosse o amálgama para a inspiração dos seus poemas.

Desde o perdão aos maus, que você pretende não sejam julgados, até o amor supremo e ideal que vivifica na beleza da vida e da natureza que nos ensina o verdadeiro amor, este relicário nos eleva aos mais altos píncaros do belo.

É verdade que a mão de Deus, a par de distribuir à todos indistintamente as suas bênçãos, pousa mensamente nos seus ungidos e faz com que eles possam ver a beleza de todas as cousas, num templo em ruínas ou um raiozinho de sol.

No êxtase em que você se encontrou, na contemplação das belezas do mundo e do sentimento que o empolgou, nada passou despercebido para que o seu Kaleidoscópio fosse completo e calasse na alma de quem o lê, uma impressão definitiva e não apenas uma "sucessão rápida e cambiante de impressões e sensações".

Entretanto, meu caro Jonny, perdoe-me a sinceridade, eu digo que você não logrou nenhuma melhora, pois ao escrever o soneto Exortação, estava dando ao mundo a sua obra-prima. Daí para diante você apenas fez tudo na mesma

dimensão, não conseguindo superar a pérola que pensava haver deixado para trás.

Ao atingir o seu apogeu, com aquele inspirado soneto, do podium em que se colocara, na mesma dimensão, foi produzindo mais e mais.

Quando Atagy Doin nos disse que estava apresentando a mais valiosa jóia do seu repertório, de autoria do mais sublime poeta que conhecera, já estava com a premonição de que, a sublimidade daquele poeta, haveria de perpetuar-se qual "petálas de sonhos" por muitos e outros escritos de igual teor.

Já que você na sua "oferenda" oferece o seu Kaleidoscópio a todos nós, permita-me que, da parte que me couber eu tire um pouco e dedique à memória do meu amigo Atagy que me fez conhecer você desde há quase meio século atrás.

A BÍBLIA, HOJE E SEMPRE

Setembro, o "Mês da Bíblia". 30 de setembro, o "Dia da Bíblia". Estas comemorações visam incentivar nos cristãos a leitura da Bíblia, sem dúvida, o livro mais lido no mundo. Uma nova tradução de inspiração americana acaba de ser publicada em Londres. Conforme lemos na "Folha de São Paulo", a versão internacional é fruto do trabalho de 105 estudiosos de todos ou de quase todos os países anglo-saxões. Esta versão e publicação custaram 10 anos de trabalho e dois milhões de dólares. Só nos Estados Unidos a "versão internacional" vendeu dois milhões de exemplares nos nove primeiros meses. É a oitava tradução em inglês da Bíblia, depois da Segunda Guerra Mundial e, até agora, essas oito traduções venderam 100 milhões de exemplares. A "Bíblia Viva" — um tipo de paráfrase da Bíblia — vendeu em oito anos 23 milhões de exemplares. Da Nova Bíblia Inglesa publicada, há nove anos, já se venderam 10 milhões de exemplares. Pra que tanta tradução? perguntaríamos. Talvez, seja a mesma obra apresentada em níveis diferentes. É inconteste que tanta venda há de pesar no balanço de pagamento do Reino Unido, e aí começa a especulação! ?... Aqui, no Brasil, se tem vendido também muita Bíblia e, atualmente, se lê muito a Bíblia e se reflete sobre as suas passagens. Mas, tenho observado que se lê mais o "Novo Testamento"; o Antigo é bastante desconhecido, e poucos percebem o elo

existente entre ambos. Qual é a grande lição da Bíblia? Formação progressiva do homem que, lentamente, tende para Cristo, a fim de ser salvo por Ele, exatamente, o que se sente e se vive lendo o Antigo e o Novo Testamento, o Evangelho. Há católicos que desconhecem a Bíblia, como o último Concílio ou, mesmo, o esforço da comunidade, a que pertence, para renovar-se. É inegável que, nesses vinte anos, tem havido uma grande procura e preocupação pela "Palavra de Deus". Milhares e milhares de bíblias têm sido vendidas. Mas, isso não quer dizer que tenham sido lidas. A Bíblia ocupa muitas vezes, nos lares e casas, um lugar de destaque em cima da mesa ou na prateleira da biblioteca, mais como um objeto de adorno... Mas, pouco se lê e se compenetra de suas páginas... Muitos buscam nelas conhecimentos históricos, arqueológicos, antropológicos, e não uma orientação válida para a sua vida espiritual e humana. A Bíblia é a história de nossa salvação. Quando a lemos, sentimo-nos inseridos nela; temos a impressão de participar dela em nossa caminhada. É-nos, pois, necessário conhecê-la em todos os seus pormenores. Lendo-a com pureza de intenção e humildade, necessariamente, nos sentiremos comprometidos com ela. Nela encontramos uma resposta para todos os nossos problemas, nos momentos certos. Ao ler a Bíblia, não podemos ficar num domínio puramente intelectual e científico. A Bíblia é o livro que se adapta a todas épocas e situações de nossa vida. Como realizar o que Deus espera de nós? Como veremos a Deus em nossa vida e no que nos acontece? Como orar a Deus sem formulismos e na simplicidade de coração? Tudo isso encontraremos na Bíblia. Que a Bíblia seja o nosso livro de cabeceira, e quando digo "Bíblia", digo a "Bíblia" inteira: "Antigo e Novo Testamento".

NÃO SÓ DE PÃO! ...

Quem é que não se lembra do enredo do filme que, durante semanas, esteve em cartaz, nos grandes e pequenos cines: "Marcelino, Pão e Vinho"?... É melhor ser pão, do que pedra, fel e vinagre. Em gíria brasileira de hoje se diz de um belo rapaz que ele é um pão, não é verdade? O próprio Jesus se definiu quando, de certa feita, se abriu aos homens: "Eu sou o Pão vivo que desceu do céu... Quem come desse pão viverá eternamente"... não seria, por isso mesmo, que Ele quis nascer em Belém, palavra que, em araimaco, sua língua, quer dizer Casa do Pão? Um velho filósofo grego estava à morte, rodeado apenas de dois de seus discípulos. Olhou para o teto da gruta que fora sua morada e sala de aula durante quase cinqüenta anos... olhou para os móveis de sua sala... não tinha nada para deixar aos dois discípulos mais queridos e mais dóceis, pois, sua única riqueza na vida tinha sido a virtude e a sabedoria. De repente seu olhar parou sobre uma mesa tosca que havia no centro da sala. Sobre ela haviam dois pães, os últimos. Eram duas broas enormes e escuras feitas de trigo integral, sem aparência, mas nutritivas. O velho filósofo apontou para elas, e disse: "Não é pelo que elas são, mas pelo que significam. Durante a vida, eu procurei dar a vocês e aos colegas o pão do espírito, agora, ao morrer, não lhes deixo somente o pão material para o corpo, não; deixo-lhes também o pão do espírito."

Não se esqueçam dos conselhos que lhes dei, e de que o mais importante é alimentar o espírito. Alimentem-se também os que se aproximam de vocês". Morreu o mestre, e os dois jovens, depois de enterrá-lo, partiram, levando consigo

cada um o seu pão em um bernal. Na primeira encruzilhada separaram-se, o mais velho dos dois chegou a uma aldeia onde a fome assolava a população. Teve uma idéia: o lucro. Cortou o pão em fatias e as vendeu. Com o dinheiro na bolsa foi para uma região mais rica; aí comprou mais pão que voltou a vender aos pobres e famintos. Na terceira viagem, já possuía várias parselhas de jumentos, que trafegavam pelas montanhas, carregados não só de pão, mas de víveres; estava rico o primeiro discípulo. O segundo discípulo repartiu o seu pão com uma família pobre, a primeira que se lhe apresentara. Ficou com ela para ajudá-la até que terminasse a carestia de trigo no país. Passada a crise, casou-se com a filha do casal e viveram todos felizes na pobreza.

Diariamente, chegavam àquela choupana famílias famintas que, prontamente, eram ajudadas, e se recuperavam com o alimento do espírito e do corpo. Um dia, os dois morreram e foram bater às portas da "Casa do Pai" que, segundo a crença do lugar, devia ser comprada. O primeiro discípulo abriu a bolsa de couro e mostrou, lá dentro, muito ouro e muita prata. Pensava de si para consigo: a entrada já está paga. Mas, o guardião da porta da "Casa do Pai" pensava diferente, e disse-lhe: "Meu filho, esse dinheiro não circula por aqui". — Que devo então fazer? — pergunta o milionário. — Trocá-lo lá em baixo com boas ações. Mas como, se já morri, nem posso mais voltar! ... — Problema seu, todo seu, meu filho... O segundo discípulo, na porta do Pai, ao ser perguntado pelo que trazia para entrar no céu, tirou da bolsa um velho pão que, em suas mãos, se transformou numa barra de ouro que mal podia agarrar com elas. O guardião sorriu, tomou-o pelo braço e fê-lo entrar... O pão da bondade e do amor é o único ouro, a única moeda corrente, que compra a felicidade; é o único passaporte que nos abre a entrada do outro lado da vida! Nessa lenda existe uma conclusão que os gregos não tiraram.

A coisa mais bela do mundo é transformar a nossa vida

em pão, porque com um pedaço de pão e um copo de água dados ao pobre podemos ganhar o céu. Está bem claro no Evangelho de São Mateus, cap. XXV: "Vinde, benditos de meu Pai, porque eu tive fome e me destes, de comer... tive sede e me destes de beber... Hoje, tanto se usa o qualificativo: "Maravilhoso seria, surpreendente, se todos nós, como o Cristo, fizéssemos de nossa vida um grande, imenso e saboroso pão de amor. Ao depois, sairíamos por aí, dando pedacinhos de nós mesmos, distribuindo-nos aos outros em lindas e generosas fatias de bondade, de ternura e de solidariedade, que é o mais importante(! ?...) Que beleza se as nações, sobretudo, as ricas se transformassem num imenso pão e se distribuíssem, também, em fatias generosas e despreziosas, aos mais pobres! ... Não haveria mais fome, miséria e desemprego no mundo. Acentua-se no mundo a diferença cada vez maior entre os que têm e os que não têm. Enquanto falta o essencial para a maior parte da humanidade (aqui no Brasil também) que passa privações cruciais e chega a morrer de fome, uma parcela dessa humanidade, esbanja e se acha no direito de impor à maioria os seus interesses econômicos e políticos. É fato incontestável que as necessidades básicas do homem, de comer, vestir, morar e de ser, perderam a sua prioridade para a indústria bélica, projetos espaciais e experiências nucleares.

Urgiria um posicionamento ético, que estabelecesse o que é prioritário e o que é secundário; o que é justo e o que é injusto; o que é humano e o que é desumano. Países ricos, como os Estados Unidos e a União Soviética, continuam competindo pela hegemonia política, militar, técnica e industrial, esmagando o resto do mundo, principalmente, os países subdesenvolvidos, através de uma tecnologia de dominação e de consumo. Competição imoral e desonesta que atira inúmeros seres humanos ao abandono, lutando desesperadamente pela sobrevivência. Competição criminosa uma vez que esses países possuem atômicas para garantir a si próprios e destruir os

semelhantes. Não se pode partir do princípio de que tudo o que é técnico é economicamente viável e permitido, sobretudo, em países pobres, como o nosso. Por que tanta tecnologia elista em nosso Brasil? No domingo, dia 18, celebrou-se o "Dia das Comunicações Sociais". Muito bem. Deveríamos agradecer a Deus esses meios, pelos quais nos comunicamos com os nossos semelhantes: "Rádio, Televisão, Imprensa e Cinema". Mas a nossa sociedade de consumo deveria usar deles com mais responsabilidade, para o bem da família, do indivíduo e dela própria.

O indivíduo, hoje em dia, diante da tevê, é induzido a comprar não o que ele quer e pode e necessita, mas o que os concorrentes econômicos lhe impõem, através de propagandas loucas e descabidas, visando o consumismo e escravizando-o totalmente. Será que o brasileiro sempre desavisado não poderia ser treinado a escolher o que é de primeira necessidade, e o que não é? Os grupos econômicos, que já obtêm compensadora margem de lucro, e o Governo e os Meios de Comunicação não poderiam orientar melhor o nosso povo?... Todo brasileiro precisa de carro, (porque dá status), enquanto um milhão de irmãos nordestinos fogem da seca, percorrendo até 800 quilômetros a pé! ... Há alguma coisa errada em tudo isso, não acham? Não só de Pão vive o Homem! ... A tecnologia não poderia escravizar tanto... (!)

A ALMA BRASILEIRA

Não se exagera quando se afirma que a cultura é a alma duma nação, e que seu folclore é a sua liturgia mais pura e eletrizante. Um povo que não tem ou não promove sua cultura é um povo que está morrendo, perdendo a sua alma pelos poros, como se diz... Há diversas classes de cultura, e cada uma delas é o reflexo do povo, em que ela se forma. Há até os que ousam dizer que somente o povo, isto é, aqueles que formam a camada mais central e mais operante duma nação, por exemplo, a classe operária e simples que, de uma maneira ou outra, fazem tudo o que existe num país, somente essa pode produzir a verdadeira e legítima cultura. Pode a primeira vista parecer-nos um absurdo, mas, há muito de verdade nessa afirmativa. Em nosso Brasil, se formos folhear a nossa história, vamos descobrir que não foram os nobres, os magnatas, os políticos, economistas, a classe dominante, que fez cultura, mas, sim, o povo simples, o povinho, que trabalha, come, bebe, dorme, fala, canta e vive a realidade que o cerca.

E, às vezes, nós, os grandes, estamos tão longe da realidade! ?... E como o povo sabe, através de sua cultura, revelar sua ideologia, seus valores peregrinos, sua filosofia de vida, sua sabedoria popular. Há cantos populares, samba, que não têm autor. A alma simples e artística do povo é o seu autor. Maravilhoso. E há contos, lendas, que revelam também a alma brasileira. Haja vista a lenda do "Negrinho do Pastoreio". Eis o resumo dela: Havia um fazendeiro muito rico e muito sem coração. Esse rico tinha um cavalo baio de

estimação. Havia também na fazenda um negrinho, muito bonitinho, e preto como carvão. Chamavam-no de Negrinho. Ele não tendo mãe, dizia-se afilhado de Nossa Senhora.

Certo dia, o patrão severo e carrancudo lhe deu uma tarefa difícil: você vai montar no meu baio e vai correr com o paralheiro do vizinho por mil onças de ouro, uma grande importância. O Negrinho obedeceu. De um pêlo no baio correndo veloz na cancha, o Negrinho suplicava; valha-me, Virgem, minha Madrinha! Se o sete-léguas, assim se chamava o cavalo, perder, meu Senhor me mata! Mas, o baio chegou atrás, perdeu. Despeitado e furioso, o fazendeiro pagou a aposta e, voltando para casa, mandou amarrar o Negrinho e dar-lhe uma tremenda surra de relho. Outras e outras surras levava o Negrinho, imerecidamente, sempre que o baio escapava da corda. Sangue vivo a escorrer pelo corpo, o Negrinho chamava pela Virgem, sua Madrinha, até que um dia fez que morreu! ?... Coitado, não agüentava mais! ... Seu corpo foi atirado na panela de um formigueiro para que as formigas o devorassem.

Tres dias se passaram e, em três noites, o fazendeiro teve um terrível pesadelo. Então, foi ao formigueiro, e qual não foi o seu espanto, quando viu o Negrinho de pé, são e salvo, na boca do formigueiro com a pele lisa e perfeita, e diante dele, a Virgem Nossa Senhora, tão serena e bela, pisando a terra, mas, mostrando que estava no céu. Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo e de sua Madrinha, arrependido. Desde então, e até hoje, "o Negrinho" continua seu pastoreio, entrando na história ajudando os que perdem algum objeto, algum animal... Ninguém sabe quem criou essa lenda, entretanto, é o que de mais belo se possa encontrar em nosso folclore. Que riqueza de valores, sentimentos e ensinamentos! Todos devemos concordar; na vida real existe muito "Negrinho do Pastoreio" por esse Brasil afora! ... Feliz a gente que ama, guarda e promove a sua cultura e dela aprende a sabedoria, a ciência, amor, a fraternidade e o respeito do povo simples e humilde.

Não precisamos importar nada de fora, temos tudo em nossa tradição, em nossa cultura, em nosso folclore e em nossa própria alma. Todos os guarulhenses sabem que a "Festa da Carpição" é a mais popular dentre as várias festas tradicionais comemoradas no Município. Acontece todos os anos, no bairro de Bonsucesso, na primeira segunda-feira de agosto. O fiel, caboclo ou não, mas devoto da Nossa Senhora do Bonsucesso, durante o ano, atacado por alguma doença, faz a sua promessa e promete cumpri-la na "Carpição de Nossa Senhora do Bonsucesso". Então, no dia marcado, vai para aí e começa a cavar o terreno próximo à Capela e, ao depois, apanha um punhado dessa terra e, colocando-a num lenço, vai com o mesmo colado à parte que estivera afetada pela doença e, caminhando uns cem metros, despeja a terra em lugar prefixado, formando-se aí verdadeiros montes. É de admirar a fila enorme formada pelos devotos! ... Quem é que não vê aí muitos "Negrinhos do Pastoreio?! ..." Essa devoção o caboclo a cumpre também em favor de seus animais que foram, talvez picados por cobras ou atacados de qualquer outro mal.

E o nosso particular amigo, Dr. João Ranali, ilustre Historiador de Guarulhos, de quem, data vênia, colhemos essa nota, observa com a sutileza intelectual de que é dotado... "É pitoresco notar-se, às vezes, no meio da fila de caboclos, um animal, como seu dono ao lado e tendo, em determinada parte do corpo, encostado, o "milagroso" punhado de terra carpido, embrulhado em um lenço". Que fé, que simplicidade encantadora! É a alma do povo que se sente por aí! ... É do nosso folclore religioso. O progresso chegou até Bonsucesso e, hoje, os arredores da Igreja estão calçados e ajardinados.

Mas, a fé do povo da "Carpição" continua.

SEMANA DA AMIZADE

Amaremos os nossos irmãos,
Amaremos os que estão perto
e amaremos os que estão longe.

Amaremos a nossa pátria
e amaremos a pátria dos outros.

Amaremos os nossos amigos
e amaremos os nossos inimigos.

Amaremos os irmãos católicos
e amaremos os não-católicos.

Amaremos os irmãos separados,
os cismáticos,
os muçulmanos
os indiferentes,
os ateus.

Amaremos todas as classes sociais
mas, sobretudo, os que mais precisam
de ajuda,
de promoção,
de progresso.

Amaremos os que nos desprezam,
os que se nos opõem.
os que nos perseguem.

Amaremos os que merecem amor.
os que por ingratidão não o merecem.
Amaremos e perdoaremos os adversários
e nenhum humano pode ser preterido.

Amaremos, por fim,
o nosso tempo,
a nossa geração,
o nosso povo,
o nosso folclore,
a nossa técnica,
a nossa arte,
o nosso esporte,
o nosso mundo
o nosso Brasil.

Amaremos, esforçando-nos
por viver comunidade
na "Semana da Amizade"
dessa terra de verdade,
esforçando-nos
por comunicar,
por compreender,
por estimular,
por sofrer,
por ajudar,
por querer
sempre amar...

QUANTO PODE O AMOR

Honra, sentimento que até aos autóctones era defeso ignorar, foi se abastardando, embora contra-senso pareça, com a presença dos civilizados, entre os primitivos habitantes da América.

Tácito embora, havia um código de comportamento, cumprido à risca, pelas tribos as mais diversificadas.

Primavam os íncolas, pela valentia, no enfrentar situações em que a própria vida estivesse em jogo.

Quando, acabada uma porfia, entre tribos rivais, os prisioneiros eram deixados perambulando pelas tabas dos vencedores, até que chegado fosse o instante do sacrifício. Sabiam os derrotados, que os seus dias estavam contados. Que iriam amargar um ritual cruciante, até que o tacape do carrasco caísse sobre suas cabeças para, num requinte pantagruélico, torná-los petiscos deliciosos para o refestelamento dos orgulhosos adversários que souberam subjugar-los em batalhas limpas e ferrenhas.

Porém, chegaram os europeus e, bumba, introduziram o hábito da fuga. Transmitiram este gesto de suma covardia, para o silvícola, é claro, mas de libertação e esperteza para eles que não eram pacóvios ao ponto de permanecerem impassíveis, na quietude das aldeias, no aguardo do esbordoamento fatal, com a bugraria a prelibar o deguste da carne branca e macia.

Para evitar ludíbrios futuros, os vencedores passaram a reter todos os que lhes caissem nas garras, em cativeiro. Destinavam-lhes seguras ocas, com vigias diurnais.

Para minimizar a sorte do prisioneiro, davam-lhe a mais bela mulher do aldeamento, como companheira temporária. Sua missão era partilhar da amargura daquele que só fazia por esperar a morte.

Esse acasalamento chegava a durar meses.

Foi conhecendo e enfrentando a realidade desses costumes arraigados na vida da brasílica gente que saiu de São Vicente, sob forte proteção e abençoada pelo capelão da armada ali aportada, e tendo como guias alguns guaianases submetidos, uma expedição de colonizadores, para uma aventura, serra acima. Jornada terrificante e audaz. Desacostumados aos rigores dos trópicos e ao inesperado de ignotas terras, tremiam apavorados ao simples uivar do jaguetê metido nas restingas insondáveis. As faces adquiriam funéreos aspetos quando os pios dos bacuráus, nêmiás que, em noites de luar pleno, mais pareciam requiems que chamamento dos companheiros para o acoplamento de instintos reprodutivos, sibilavam na escuridão das noites silentes. Os pauis, o caudal do Anhemby engrossado pelas densas chuvas de dezembro, os enxames dos molestos pernalongos, implementavam os dissabores concorrentes para a total desmoralização dos portugueses que haviam partido, enfáticos, chapelões a esconder-lhes os rostos recobertos por hírsutas barbas, gibões de couro e botas lustrosas, em flagrante contraste com a sumária dos gentios assalariados para servir-lhes de batedores.

Até que chegaram a um altiplano tranqüilo.

Vestígios de humana presença eram pressentidos.

Mas, onde andavam os ocupantes daquelas paragens?

Nenhuma vida comunitária em tabas, como habitual entre os nativos. Tão pouco uma oca isolada.

De quando em vez, rumo ao grande rio que bramia na várzea opulenta, um vulto esgueirava-se por entre o arvore-

do denso.

Se não eram por ele agravado, também não fazia questão de mostrar-se amistoso para qualquer ajuda.

Estava, a expedição, em terras dos futuros guarus que o jesuita Manuel de Paiva aldearia para a catequese.

Gente pacífica que debandara da Piratininga, com a aproximação do branco que só soube escravizá-la, tirar seus bens e cobiçar suas mulheres.

Os viajores desabaram os corpos exaustos sobre grossas mantas, até então resguardadas em gualdrapas, enquanto os serviçais petrechavam o suficiente para um repasto que alentasse a continuidade da estafante jornada. Nacos de carne salgada misturados a radículas colhidas a esmo, no descampado, pelos exímios conhecedores da fecunda generosidade da terra, foram devorados pelos guleimas, sem apego ao inosso do guisado.

Panças cheias, caíram num sono profundo.

Urgia, porém, caminhar.

A missão era adentrar o rico território que os nativos diziam aurífero. Nada de cavar. O ouro de grupiara não exigia trabalho. Estava à flor da terra. Era encontrá-lo e colhê-lo. A ambição falava alto às almas daqueles aventureiros. Não foi sem propósito que singraram o Atlântico deixando, além mar, pátria e família.

Após fadigosos dias de desesperada caminhada, ei-los cavaleiros de um cômodo de onde se divisava um aldeamento.

Os gentios pareciam em festa.

Da taba agitada subiam sons de maracas e oufuás, acompanhados de uma tênue camada de poeira que evolava das circunvoluções que os dançarinos faziam, cercando um pajé todo paramentado, que baforava novelos de fumaça retirados de um cachimbo longo e colorido.

Súbito, ouvem-se gritos que vão ganhando ressonância de cantochão : He! He! He! He!, partidos dos que volteavam o morubixaba.

Eis que, do interior da taba, idêntico canto reboa, acompanhando um grupo de mulheres que se junta à homarada para completar a festança.

Embevecidos com a beleza do espetáculo, os lusitanos não perceberam que, com a prudência que exorna o gentílico, sempre desconfiado, vigilantes que rondavam o aldeamento para garantir a tranqüilidade da solenidade contra possíveis ataques inimigos, foram fechando o cerco sobre os descuidados que mal se apercebiam do perigo a que a imprevidência os expunha.

A um grito de guerra, os europeus foram cercados e aprisionados.

Levados à presença dos caciques convocados para a festança que, de imediato, transformaram a reunião em conselho de guerra, para a suprema decisão: por pacífica a missão do grupo aprisionado, todo ele seria libertado, menos um jovem glabro, espadaúdo, olhar vibrante e destemido, que permaneceria e submetido às normas da tribo, até final execução, caso não o viessem resgatar, após um ano, com gêneros bastantes para o sustento dos seus aprisionadores.

Era a prova da boa intenção que se exigia daqueles que ousaram invadir terras delimitadas para os donos do pedaço.

Lá ficou, o pobre Amaro Cavalcanti Cintra, de nobre família lusitana, em poder da tribo guainá, na dobrada da Serra do Mar, onde hoje começa o território das Minas Gerais.

Deram-lhe por morada, uma rústica cabana, onde aguardaria as providências por parte dos que, até então, com ele haviam se aventurado pelo ínvio sertão.

Como de hábito entre os íncolas, foi designada como companheira para o jovem, a bela Jacy, esplendorosa como a lua que lhe emprestara o nome.

Lua, figura teológica da tribo que a adorava como a criadora dos vegetais, a protetora dos amantes, suavizadora dos sofrimentos das mulheres que, cheias de infundados sustos, imploravam-lhe a volta dos companheiros alongados nas li-

des obrigatórias para a manutenção da grei. Sublimidade da teogonia gentílica que oferece a Rudá (deus do Amor), o convívio de Cairé (Lua Cheia) e de Catité (Lua Nova) para o rogo de uma fidelidade sem a qual seria doloroso e até impossível viver:

Cairé, Cairé nu,
Manuara danu çanu
Erê ci erú ciká
Piape amu
Omanuara ce reci
Quahá pituna pupé
Catiti, Catiti,
Imára no tiá
No tiá imara
Epejú
Cuçukuixa ikó
Ixé anhú i piá póra,

súplica que indianistas consagrados assim traduziram: Eia, ó minha mãe (lua), fazei chegar esta noite ao coração dele a lembrança de mim. Lua Nova, ó lua Nova. Assoprai nele a lembrança de mim. Eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu somente ocupe o seu coração.

Assim acreditavam e assim amavam as mulheres daquela tribo em cujas mãos estava o destino do belo Amaro.

E, dentre todas elas, a de conformação mais doce, harmonia de formosura física com a exteriorização de uma personalidade que espontânea se dava, no simples reluzir de olhares que ansiavam por prazeres expressos numa boca sensualizada por alvos dentes emoldurados por lábios firmes e carnudos.

Jacy, donairoso nativa, foi destinada a dividir os dias na cabana do refém Amaro, até que os seus resolvessem resgatá-lo ou decorridas as luas programadas, sem que a solvên-

cia ocorresse, seria canibalizado em torno à fogueira acesa para o sacrifício, segundo o ritual preestabelecido.

O jovem lusitano foi-se amoldando ao cativo.

Que remédio.

Tinha Jacy. Para ela, todos os carinhos. Já a amava, e muito, e era plenamente correspondido. Mal Guaracy (o sol) se punha, para deliciar-se, finda a tarde, em mornos colóquios com Jacy (a lua), um transmitia ao outro, afagos que prodigalizavam uma intimidade que aprofundava raízes afetivas, em busca de um amor perene.

Os raios solares buscavam apagar a sua ardência no manto opalino da lua, assim como os ardores de Amaro eram consumidos pelo apaixonado frenesi que sacudia o corpo delirante de Jacy.

Na vida em comum, ela, toda dedicação e cuidados, já direcionava a vontade no tocante ao seu futuro: se resgatado pelos companheiros, seguiria Amaro para onde fosse; se, ao contrário, renegado pelos compatriotas, sentenciassem-no ao moqueio, para regalo dos gulosos aborígenes, fugiriam, levando o filho que já sentia ganhar vida em suas entranhas.

Durante os dias fadigosos, lá estava Jacy debruçada sobre o tapiti, na escolha das mandiocas mais fofinhas para o regalo do companheiro. Ou sessando grãos, urupema em punho, seleta indispensável dos cereais para o preparo de deliciosos quitutes aprendidos no compêndio da Mãe Natureza.

Isso quando não o presenteava com porções inebriantes de cauim, antes do refestelo, corpos colados, no balanço gostoso da rede de ticum. Amaro e Jacy tornaram-se endoidecidos de amor.

Noites que pretendiam interminas, passavam enlaçados na sofreguidão de um querer que já não admitia ruturas.

Até que, numa madrugada clareada pelos raios benfazejos de Cairé, a bugrinha, entre gemidos de dor e apelos a uma das favoritas do mananga da tribo que a assistia, viu nascer, num vagido que percorreu as ocas aquietadas, o mais

forte dos curumins que os seus olhos até então haviam visto.

De joelhos, ao lado da mulher deitada num catre recoberto de peles macias de animais selvagens, Amaro segurou nos braços o filho amado, rebento de um querer que, a princípio, mera companhia e conjunção carnal imposta pela tradição tribal, mas que o convívio suave e leal, transformou numa união indissolúvel, não por determinação de usos e costumes, mas pela sedimentação dos mais puros sentimentos.

A alegria do nascimento trouxe uma preocupação ao casal.

Sabia que a decisão emanada do conselho de pajés devia ser cumprida: o prisioneiro de guerra seria morto e devorado em solenidade a que toda a nação indígena teria acesso, e o filho, mais tarde, sacrificado na festa do cunhã-membira (filho do inimigo).

Para ela que aprendera com o branco da sua afeição, agora integrante do seu mundo, que as criaturas são todas irmãs e que os sacrifícios seguidos de canibalismo ofendem as normas da dignidade humana,urgia evitar que o bárbaro decisório prosperasse.

Além do mais, já tinha o alcance suficiente para compreender que a teogonia tupi que atribuía uma mãe a cada manifestação da natureza (o sol, a lua, o amor), deuses principais bem como aos entes sobrenaturais, como Sacy, Curupira, Caapora, Yara, Guirapuru e tantos outros, não passavam de divindades pagãs, adequadas a um politeísmo que nada tinha a ver com o Cristianismo fraterno, brando, que Amaro conseguira ensinar-lhe, em tão pouco tempo.

Aos olhos de Jacy, ainda estavam presentes e, por isso mesmo abominava-as, as cenas outrora familiares das execuções dos prisioneiros abatidos a golpes de tacapes, ante a indiferença das mulheres com quem haviam coabitado e deles tiveram filhos. Sem uma lágrima sequer. Sem um lamento, sem um esgar, ao menos, que lembrasse a afinidade, um afago. Nada.

Como pôde ter sido partícipe dessa hediondez?

Como suas mãos conseguiram estraçalhar carnes humanas, para saboreá-las?

Como puderam mergulhar em sangue inocente para esfregá-lo nos corpos das crianças da sua tribo, para que crescessem com um ódio cada vez mais acentuado, contra o inimigo?

Para que esse dantesco passado fosse esquecido, para que a salvo ficasse com o seu amado e o fruto que brotou da união feliz que lhe abria os olhos para uma nova vida, arquitetou uma fuga.

Ajustou com Amaro o momento propício.

Com blandícia, Jacy passou a acercar-se do pajé, interessando-se pelos pormenores da execução do prisioneiro e do sacrifício do filho.

Fazia referências desairosas a ambos. Insultava-os. Demonstrava, como se inequívoca fosse essa manifestação, desejo ardente de livrar-se da carga que lhe fora imposta. Desmanchava-se em juras de fidelidade tribal.

Com o embuste, para manter a sua gente em erro, passou a tratar o refém com absoluto desdém.

Amaro, adaptava-se ao papel adredemente preparado, fingindo-se apatifado. Jamais amuava-se

No dia aprazado, os guerreiros saíram da taba entoando hinos de combate para, em desfile solene, levar o pobre Amaro ao local em que deveria ser atado aos pilares onde os últimos insultos, destinados a infamar os desafetos, seriam proferidos contra ele.

Ao abrirem com violência o postigo que lhes ofereceria a visualização apavorada da vítima, tiveram um desaponto. A cabana estava totalmente vazia.

O casal, carregando o filho, fora-se.

Debalde, as buscas enfurecidas pelas redondezas.

E o tempo foi consumindo as lembranças da frustrada execução do vigoroso lusitano que deveria servir de ban-

quete aos da tribo de Jacy. O amor enxerta forças descomuns nos corações dos que querem de verdade.

Vadeando rios, vencendo florestas, magoando os pés nos calháus dos caminhos, transpondo serras, quando viu-se a salvo, o casal acampou.

O sentimento de solidariedade foi sendo incutido, de acordo com as normas cristãs, no espírito de Jacy que, pacientemente, retransmitia-o ao filho querido. A modesta choça que os dois levantaram, aos poucos, como que por milagre, foi recebendo outras personagens. Foragidos uns, perdidos outros e desistentes os demais, de infortunadas empreitadas, juntaram-se a Amaro e Jacy para a formação de uma comunidade diferente das ameríndias.

Mamelucos foram introduzindo novos métodos na pesca, caça e lavoura. Persignavam-se antes do início e ao término de qualquer ocupação.

Cristianizaram-se.

Sumé e Tamandaré já não eram, o primeiro, a força misteriosa que aplacava todos os males e o segundo, o que salvara os íncolas do Dilúvio, trepado numa palmeira, em cuja copa ancorara a canoa com os seus por companheiros, destinados ao repovoamento do planeta.

Com os mitos, o paganismo e até a mitologia histórica, o canibalismo também passou a ser descartado. As guerras entre vizinhos, suprimidas. Somente o bem comum interessava.

E a história de Amaro e Jacy, agora velhinhos, transmitida ao filho, herdeiro do novo método de vida, era incutida nas gerações sucessoras que a fortaleciam cada vez mais em suas almas, na preparação do propósito de reduzir o aldeamento dos antepassados de Jacy, ao exato sentido das coisas.

Era preciso demover aqueles que ainda se apoiavam nas guerras e nos ódios, para que adotassem, como elementos propulsores de uma ansiedade sadia, o direito de todos ao

trabalho, num ambiente de concórdia. Pensava o herdeiro de Amaro: se numa simples oca, dentre tantas onde o canibalismo e a rivalidade moravam, um amor puro conseguiu medrar; se uma silvícula cedida para amenizar os pezares derradeiros de um condenado afrontou as determinações superiores do seu pajé, afeiçoando-se ao companheiro a ponto de conduzi-lo ao feliz porto da salvação, por que um grupo já estruturado, dentro desse espírito renovador, não poderia moldar um sistema tribal para remi-lo de um primitivismo negativo e pagão?

Assim pensando, lá foram os descendentes de Jacy e Amaro, agora sob a orientação de Guaracy, rumo ao aldeamento onde os genitores haviam, num ambiente convulso, iniciado os seus dias de ventura.

Cautelosamente, depois de observarem no céu o desmaiar das tardes, com o sol se aprestando para cair nos braços da lua, chegaram às cercanias das terras avoengas.

Sob o manto das estrelas, traçaram a estratégia para o êxito da empreitada redentora.

Quando a aldeia, recolhida ao silêncio recompensador de quem se esfalfara tanto num labutar penoso, eis que o grupo invade, num ímpeto, a oca do Morubixaba.

Submete-o.

O que comandava a escaramuça falou:

— sou um dos seus, filho de Jacy, a que fugiu com o português cativo. Doutrinaram-no. Disseram dos seus propósitos pacíficos. Deante do espanto do pajé, ao confrontar-se com aqueles mamelucos, porque a mestiçada predominava no grupo, mandou que trouxessem alguns guerreiros da tribo a sua presença.

E, sem tardança, convencido das intenções do pugilo que Jacy chefiava, determinou:

— que soem os membitararás e percutam as maracas. Quero todos, de pronto, reunidos na oca. Sentado num tronco elevado, em posição de destaque, exordiou:

— faz muito tempo, uma das nossas mulheres, talvez a melhor dentre as melhores, deixou-nos, movida por um grande amor. Carregou consigo um prisioneiro. Sentimos a desonra abater-se sobre nós. Feridos de morte, o nosso orgulho viu maculadas as tradições que sempre preserváramos. Acabamos por nos enfraquecer. Envergonhados, nunca mais fomos à guerra a servimos de zombaria aos nossos inimigos. De destemidos, tornamo-nos acovardados.

Agora, recebemos os descendentes e êmulos de Jacy e seu amado, o que fazer? Derribar sobre suas cabeças as bordunas que, pusilânimes, recolhemos? Expulsá-los? Ou aceitar a proposta de concórdia que nos trazem?

Um vozerio percorreu a bugrada extremunhada e mal desperta.

Grupelhos, formaram-se, com acenos de cabeça em sinal de aprovação uns, de reprovação outros.

Por fim, perplexo com a indecisão fato incomum entre valentes, perguntou, voz forte e resoluta:

— afinal, o que decidem? Continuar guerreando e odiando ou aceitar a palavra de paz e viver, com amor, para o amor?

Uma nuvem branca, semelhante à imagem de Sumé (o milagreiro dos íncolas) abateu-se sobre a oca, fazendo toda a sua luminosidade incidir no rosto de uma nativa de uma beleza estonteante, que sorria para Guaracy.

He. He. He. He. Rudá (Amor, Amor) gritaram, a uma voz, os da aldeia.

He! He! He! He!, retrucaram os forasteiros.

A bugrinha, sorridente, passinhos miudos e saltitantes, grácil e meiga, juntou-se a Guaracy para esfregar o seu mimoso nariz no dele, numa inequívoca demonstração de bem-querer.

Estava selado, com um doce beijo, o pacto de paz, entre gente desavinda, re florido da desobediência de Jacy que não soube viver apartada do seu Amaro.

Homem a quem devia servir odiando mas, no entanto, erigiu como símbolo de um amor que as gerações gentílicas perpetuaram.

AMIZADE

Quero-te muito mas não sei se te amo.
Pobre de mim se acaso te perdesse!
O amor-paixão é como flor no ramo:
cai assim que não mais haja interesse.

Dentro em meu íntimo és um gaturamo
de voz suavíssima e repleta desse
cantar mavioso pelo qual me inflamo,
como se o bosque alegre em mim vivesse.

A amizade é o constante amor, querida:
quando é sincera vai além da morte
alimentando os festivais da vida.

Ela aprofunda pela eternidade,
com seu carisma cada vez mais forte
— os alicerces da felicidade.

O AMOR, A FÉ E O LAR NO CORAÇÃO

O amor:

Entusiasmo dos seres na floresta;
alegria das flores nas campinas;
a natureza despertando em festa
ungida por milhões de cavatinas;

um encanto insondável que parece
envolver tudo em ondas misteriosas;
beijos que abrasam; cânticos em prece;
invisíveis arrulhos entre rosas;

gesto de cão fiel que nos procura;
sorriso bom para quem pede esmola;
olhar materno cheio de ternura;
mão que semeia, é bálsamo e consola;

um mistério magnífico, indízzível,
que entra nos ninhos, no ar, em toda a flora;
e o plenilúnio escandaloso, incrível,
que faz a noite mais encantadora!

A fé:

Luz secreta do amor, sol da esperança;
garra suprema de um poder sublime;
vontade imensa que jamais se cansa,
que transforma o rochedo e anula o crime.

E o lar:

Templo de fé na vastidão dos mundos;
guia das rotas entre o Céu e a Terra;
mago que extingue o fel dos iracundos
e o desamor que a humanidade encerra.

No coração:

Ânfora de Aphrodite que eterniza
o amor, a fé e o lar no mesmo escopo;
sol que reanima e aquece a alma indecisa
na gloriosa escalada ao topo.

Só alcançam na vida a ventura sonhada
que buscamos em nós de ilusão a ilusão,
os que levam no peito, ao longo da jornada,
O AMOR, a FÉ e o LAR dentro do coração.

REGRESSO DO BAILE

Tódas as estrelas piscam para a Lua...
Tantas são que a deusa fica envaidecida
e no céu esparrama a luz de um meigo olhar.
De um olhar misterioso que flutua
no silêncio da noite enternecida
e nos dá vontade de cismar, cismar...

Bate em cheio na copa da folhagem,
tece rendas brancas pela estrada escura
que atravessa a mata virgem, de verdura
fresca de um sabor selvagem.

Os rapazes regressam do arraial.
Vêm alegres do baile em seus cavalos guapos.
Vêm ouvindo as vozes da floresta: vozes
de urutaus, de mochos, de animais ferozes,
de corujas tristes; o coaxar dos sapos
e o cri-cri dos grilos pelo imenso val.

Tagarelam proesas de loucura.
Lembram contra-danças com morenas quentes.
Furtos de arriscados beijos imprudentes...
Lembram tanta coisa enquanto a luz do luar
tece rendas brancas pela estrada escura.

Eu quieto ouvindo sem querer falar,
longe da cidade, longe do meu bem,
só lembrava o canto que me fez chorar,
de uma roda alegre no jardim da Vila:

— “Avuô, passarinho, avuô,
foi sentá lá nos gaio da flô.
Vá simbora, passarinho,
dá lembrança ao meu amô.

Meu amô tá muito longe,
meu suspiro lá num vai.
Quando vai, chega num chega,
vem um acidente e cai”.

O luar na sua encantadora alvura
tece rendas brancas pela estrada escura...

NOITE CABOCLA

A noite cabocla saiu do infinito
pra ouvir a cantiga dormente da roça:
na serra o urutau com uma voz de precito
chorava piando bem longe da choça.

A voz do urutau confundia-se no ar
com a voz da morena que estava a cantar:

— “Durma nenem
que a Cuca vem pegá.
Papai tá na roça,
mamãe volta já”.

A Lua — cantora do céu brasileiro —
surgiu pra escutar a cantiga também.
Assim que espiou pelas costas do outeiro
saudou-a outra voz a perder-se no além:

— “Lua, luá,
leva o meu filhinho
pra você criá.
depois de criado...”
e o filho respondia:
“tóna a mi dá”.

A Lua sorriu para a vila modesta...
Olhou as crianças com ares de festa
e viu, nos passeios de barro,
de frente das casas de porta e janela,
cantando nas rodas, brincando de sela
— a alma cabocla num prazer bizarro.

A noite chorou de emoção
ao ver a alegria vibrante da raça;
ao ver o caboclo de viola na mão,
gemendo os queixumes de alguma paixão
na toada sentida que as brenhas transpassa;
ao ver as crianças alegres na rua
a cantarem dançando e espiando pra lua:

— “A canoa virô
por deixar ela virá.
Foi por causa da Dindinha
que não sôbe remá...”.

BALÕES DA MINHA INFÂNCIA

Lá vai o meu balão... Vai subindo... subindo...

— “Cai, cai, balão,
cai, cai, balão,
na noite de São João”.

Vai girando, girando no ar...

— Vai queimar! Vai queimar?!

Oh, queima! Queima... vai... pronto: subiu!

Como sobe depressa ao léu do vento... — Viu?!

Quase queimou naquele cambaleio:

um pé de vento lhe bateu em cheio!

Arre! Também o vento é muito mau, nem tanto

Faz questão de mostrar seus instintos perversos...

Lá vai o meu balão daqueles tempos. Quanto
sonho revivo agora a olhá-los no ar dispersos,
como lanternas pequeninas pela noite da cidade.

Oh, quanto sonho e que saudade

eu sinto no âmago do coração!

Lá vai o meu balão...

Era igualzinho ao meu, era igualzinho,
aquele que soltaram por detrás da chaminé.
Ói lá, era assim mesmo, assim verdinho,
igual aos verdes gomos da ilusão.

Vejam só que beleza! Então não é?

Subir... subir sozinho pelos ares...

Vai cair sabe Deus em que lugares!

Talvez onde caiu o balão dos meus sonhos.

— “Cai, cai, balão,
cai, cai, balão,
aqui na minha mão”.

Adeus balões da minha infância

que ainda avisto à distância

nos meus folguedos risonhos.

Adeus balões adorados

que ficaram sepultados

no cemitério dos meus lindos sonhos.

AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Evoquemos o verbo do Cordeiro.
Indo empós dos irmãos do mundo inteiro
— bússola da jornada sem perigos —
Ele implodiu a dura Lei Mosaica,
pondo em lugar da antiga regra arcaica
a sábia lei do amor aos inimigos.

Lema profundo, equânime, perfeito:
pois ninguém descobriu ainda um jeito
de alguém odiar sem justa causa à-toa! ...
Nossos atos ao longo desta vida
formam a síntese que foi nascida
de um gesto mau ou da palavra boa.

O orgulho, a inveja, a presunção, o ciúme
com que ferimos com afiado gume
os que nos cercam para nos servir
— deixam-lhes n'alma o germe peçonhento
dos ódios filhos desse sofrimento,
explodindo com fúria no porvir!

Em conseqüência os nossos inimigos
são credores legítimos, antigos,
chafurdando na sêde da vingança.
E o recurso melhor — indispensável —
para solver o débito execrável
é o amor que redime e tudo alcança.

MINHA IRMÃ ÁRVORE

Árvore bela, tua sombra amiga
é um exemplo de amor e de ternura:
— socorre e anima o estranho que a procura
cheio de fome, exausto de fadiga.

Esse gesto de dar em ti se apura
e é raro aquele que ao partir bendiga.
Quem te golpeia a ver se assim lobriga
um algo estranho de resina impura

também envolves num secreto abraço,
matas-lhe com teu fruto a sede e a fome
e alivias seu mórbido cansaço.

Que sublime lição a árvore encerra!
Froncosa e boa, esplêndida e sem nome
— é a própria imagem de Jesus na Terra.

AGAFITE; OUTRO CASO DE AMOR

I — Despertar

VINTE anos de vida em comum. Iniciara no dia 5 do mês de Maria; mês das flores e das uniões felizes. Começo e fim; começo do fim; fim do começo, fim sem começo ou começo sem fim. Deus Crono parecia ter seus recursos para alterar aquele idílio. O sorriso em nada mudara. Era o mesmo do surpreendido no jipe de segunda — ou de muitas mãos —, conduzido pelo homem — já de quase inteira idade. Ela não resistiu; apesar da proteção de vários santos e santas — ou com a convivência de anjos que, no momento, não tinham o que fazer, ela capitulou. A dúvida desaparece quando o sorriso é espontâneo e sincero. Tudo se passou a pouca distância de um templo. O sorriso impunha a eternização daquele amor que surgia, fortalecido pela energia penetrante da tarde quente. Ela, Agafite; ele, Ebúrneo.

Ebúrneo seguia pela via pavimentada de pedras miúdas. Ao aproximar-se de Agafite, os olhares cruzaram-se. Nesse instante se registrou, com marca e patente reservadas, o sorriso primeiro — e matreiro. A mente refulge e o medo modera-se.

Nesse primeiro encontro tudo se confundia. A procacidade, a ternura, o terror e o cisma. Os encontros sucessivos diminuíram a intensidade de uns e aumentaram a de outros.

A imaginação falsa gera o erro, impedindo que se percebam os enganos.

A procacidade, no início violenta e atormentada, experimenta um processo de sublimação. O terror cede lugar à confiança. A ternura expande-se, trocando-se pelos defeitos que viciam a estima e a devoção. Permanece, por eterno, o cisma, em grau de zelo e de carinho. A palavra piedosa gera força e revela os princípios mais puros, navegando pelos instintos que têm em mira o vasto mar da indulgência.

Os encontros sucedem-se. Tudo o mais na vida que tivera força para empanar esse amor emergente, é alcançado pela subsunção nesse mesmo amor. As expressões de ternura deixam o manto da tibieza, para consagrarem-se às escâncaras, sem pejo e sem medo. O inexistente e implacável Crono, autor da felicidade e construtor do desespero, assiste ao mais profundo drama de amor.

As constantes evocações de amor constroem o convite para a multiplicação divina. O falso prazer arrasta aos estorvos da esterilidade e do sofrimento. O nascimento da filha querida não se faz de rogado: poucos meses de enlevo e excitação profundos, bastaram para que a vida se fizesse na vida. O acontecimento é festejado na ilimitada oferta da felicidade. Para o rebento — que rebenta —, escolheu-se o nome Áster. Flor, por sua singela beleza; por exalar suave perfume; por ter sido gerada na imensidão do amor; por ter possibilitado a consolidação desse grande amor; para ser amada eternamente; para servir de ornamento ao lar onde nasceu. Não se refuta a formosura da verdade, que, em águas claras e tranqüilas, deixa patente a sua imagem que torna teso o desejo do bem. Todos os interesses deixaram de ser cuidados a dois; agora, as soluções seriam encontradas a três.

O mundo parece pequeno. Agafite, Ebúrneo e Áster revelaram-se prestigiosos andarilhos. Lá se iam os três, cantando — e espantando animados e inanimados —, pela estrada afora. Dos olhos ao coração; do coração à alma; da alma aos

olhos, a trilha piedosa que recresce a alegria, é a encarnação dos nossos andantes. O redemoinho impudente deposita nos lábios da criança Áster o seu sêmen representado pelo fino pó que levanta do solo. Aqui, um povoado enternecedor; ali, uma colina aprazível, uma corredeira barulhenta, um curso d'água manso e cristalino, uma cachoeira que se contorce para atrair a atenção dos visitantes. Os olhos da inquieta adolescente perscrutam a paisagem desafiadora e repousam na grandeza de seu próprio olhar. Algures, uma lágrima furtiva nos olhos de algum padecente, ou, às vezes, nos próprios olhos. Espera-se tomar-se por outrem e sentir a avareza dos sentimentos e o transtorno do fruto amargo.

Tarde de inverno. Risos que se esboçam. Gargalhadas que estouram. O sorriso alegre vela do grão de areia aos páramos celestes. O caçula da casa, burlando o zelo dos adultos, faz xixi sobre o cachorro. A festa vai revelando talentos mil. É o cantor frustrado. O batuqueiro de caixa de fósforo. O dançarino equilibrado por Baco. Acende-se o fogo e ascendem-se desejos mais íntimos. O ambiente de festa é mantido. Alguns exageros vão sendo corrigidos com discrição e cautela. Não havia razão para tanta demora, asseverou Casamato: a gula assaltava-o, enquanto Caseoso lutava para fortalecer as brasas.

Suças encanecidas; meia-idade; bem falante — aliás, mais falante do que o necessário; pretensão de envolvente; convencimento de culto e ilustrado. Pela dignidade de que se julga, reúne-se com alguns pouco distante da churrasqueira. Como o nefelibata inconseqüente, dirige o olfato entre o fedor dos ímpios e a fragrância dos anjos. Afí Espevo — este é o seu nome —, rompia, com seu cetro fantástico, todas as dificuldades da vida. Derramava sua verve falaz com prodigalidade. As suas conquistas — de amplo espectro — sempre lhe foram favoráveis. Jamais conhecera a derrota, frustrações e contrariedades. As feições que se observam no espelho, nem sempre emanam dos traços físicos. A incoerência e o

absurdo suprimem todas as parcelas do razoável.

O auditório feminino empolgava-se. Quando Espevo narra uma conquista muito particular e íntima, as ouvintes deliravam em murmúrios. Para evitar cenas de orgasmo explícito, as mais túbias afastavam-se discretamente, para, em seguida, antegozar a próxima história. Espevo é um didata na arte de mentir e envolver-se em sua mendacidade. Ajuda-o seu tipo atlético. Bem feito de físico. Barriga disciplinada e na linha que convém. Musculatura bem construída. Curvatura dos ombros que recorda o soldado ariano. Distância correta entre a espádua e a cabeça. Cabelos sedosos e anelados. Os olhos — estes terrivelmente perigosos —, grandes e verdes, sob abastadas sobranceiras. A despiedade que ronda a alma é sutil e reina, da dor sublime, ao pecado imundo.

Nesta festa de Azálea — é como se chama a dona da casa, encontram-se Ebúrneo, Agafite e Áster. Ebúrneo é dotado de vasta cultura. Péssimo assecla de Baco, não consegue integrar-se nos diversos grupos. Também não fuma, aumentando a dificuldade de relacionamento. Corre, à boca-pequena, que Ebúrneo não possui os cinco defeitos capitais, ou, pelo menos em um deles, é reticente: não fuma, não bebe, não joga, não mente e é parcimonioso em suas relações sexuais. Caseoso é ótimo festeiro. Para completar a informação sobre os anfitriões, possuem três filhos: Casamato, o mais velho, parece um forte medieval; Lílio, muito complicado e de lágrima espontânea. Com lamúrias e perguntas constantes, a boca cheia e os olhos estáticos, Lílio renite às asseverações de Caseoso, O caçula, Narciso, que deverá ser muito cuidadoso para não ser fresco, tanta é a badalação que lhe cai em cima. Mas o fulgor da santidade aclara a alma, muito mais do que o sol ilumina as coisas.

Ebúrneo vai assistir o jornal televisado. Áster e Peónio — Peónio é o namorado de Áster —, dilaceram cem gramas de traseira de boi — ou de vaca. Agafite é invisivelmente conduzida para o início de uma tragédia. Aproxima-se do grupo

em que cacareja Espevo. Espevo, surpreendendo Agafite com olhos de desejos subalternos, intensificou seus relatos. A mulher que dele se aproxima, Agafite, é um misto de deusa egípcia e Iracema. Possui-la tornou-se o desespero de Espevo. Aumentou o tom da voz. Harmonizou os movimentos dos lábios, dos braços e dos olhos.

II — Angústia

AGAFITE, de caráter firme e desejos controlados, é assaltada por uma fantasia distorcida. O esplendor dos desejos enobrecem ou aniquilam quem ama. O olhar de Espevo faz-lhe mal e excita-a. Espevo despe Agafite na presença de todos. Retira-lhe as vestes, sem tocá-la. Agafite, amendrontada, procura esquivar-se ao ataque indesejável. O ocaso que lhe sacodiu o coração insinua-se no horizonte de suas mágoas, no firme propósito de comprometer-lhe a razão. Respira profundamente. Afasta-se alguns passos. Procura partir o condutor daquela energia sórdida. Subitamente saltam ais pungentes dos lindos olhos, como se todo o mal quisesse possuí-la. Encaminha-se para a sala onde o calor de Ebúrneo a livrará daquele tormento. Ninguém percebeu a investida do estroina Espevo e nem o sofrimento de Agafite. Não raras vezes os males do mundo se fazem em conjunção. Agafite, em alcandorada genuflexia espiritual, rogava que se derramasse do céu o socorro para servir-lhe de guia.

À noite todos se reúnem para o jantar. Espevo, evidenciando seu mau caráter, investe contra Ebúrneo. Da imprudência de que se acumulava, não surpreende condições para uma explicação sincera. Pretende ridicularizar Ebúrneo. Sente a necessidade de diminuí-lo perante Agafite. Com sua cultura de superfície, ensaia meia dúzia de frases adredes construídas, para acicar Ebúrneo. Este, antevendo o propósito de Espevo, desvencilha-se das incômodas arremetidas. Es-

pevo não se dá por vencido. É protervo, debochado e inconveniente. Lança argumentos ocos, munidos de dardos venenosos. Sinistramente vai libertando, em meneios demoníacos, ignomínias incontrolláveis, para o banquete funesto que ocorrerá na torre das fúrias de sua maldade. Nessa insistência hedionda, consegue estremecer os limites da resistência emotiva de Ebúrneo. Alcançou o que pretendia. A reação negativa de Ebúrneo, culminando com sua retirada do grupo, serviu de ensejo para a infâmia de Espevo. Triunfante, afirma que a ira é o apanágio dos fracos; refúgio dos iletrados; agasalho do ignorante. Não poupou folego para destacar a fuga de Ebúrneo ao embate que apelidara de cultural. Pretendeu impressionar Agafite com a demonstração de potência mental de galanteador sem eira e nem beira.

A vida não nos poupa da maledicência. A viperina atitude de Espevo provoca atração impudica de Agafite. O rubor espontâneo de sua face procura preparar o perdão distante, na evocação sublime do amor maltratado. Novo encontro, na mesma casa. Espevo, insinuante e atrevido, não teme restrições dos donos da casa. Pouco antes da chegada de Agafite, Azálea precisa ausentar-se. Espevo permanece só. Sem cerimônia, Espevo resolve banhar-se. Desnuda-se e abre a torneira do chuveiro. Poucos minutos se passam quando chega Agafite. Esta, como a divertir-se, cismando tratar-se de um dos filhos de Azálea, dirige o olhar através da fechadura do banheiro. Entre estarecida e dominada, não consegue desviar o olhar. Lá estava Espevo, na nudez que estremeceu a pureza de Agafite. Forte, másculo, mais jovem que Ebúrneo. Os demônios teciam a trama. A respiração de Agafite torna-se arfante. Um arrepio de indecência martiriza-lhe o corpo. Trêmula, procura esconder-se no quarto do casal. Sem perceber os movimentos, sob o lençol que lhe cobre, seu corpo vibra e se contorce ao som da macabra polifonia. Inconscientemente se desfaz das vestes íntimas, na espera de que Espevo surja na soleira da porta para cobrar o seu tributo.

Não chegara o momento da traição. Agafite e Ebúrneo foram preservados da ignomínia. Adentram a casa, agitados, os buliçosos garotos de Azálea e Caseoso. Agafite retoma o comando de seus desejos. Atarantada, encolhe-se sob o lençol. Em movimentos descoordenados, recompõe as vestes. Dirige-se à área externa. Buscava um sítio onde pudesse esperar a morte, embora se sentisse morta. Em auto-avaliação pressentia já não pertencer a este mundo, ou que mesmo nunca pertencera. O canto da pureza, entoando suavemente na devoção e enlevo piedosos, encarregou-se de expurgar a resistência estremecida. Acomoda-se no banco tosco de madeira sob os beijos e abraços de Casamato. Beija-o com ternura e agradecimento por ter afastado, com sua presença inocente, a infâmia de que seria protagonista. O pensamento de Agafite flutua entre o céu e o inferno. Não refeita do que acabara de experimentar, vaga entre o amor sublime de Ebúrneo e as insinuações desonrosas de Espevo. Sente-se perdida em desesperada luta, sem entender por que luta. Enleada por obstinada intromissão emotiva, ouve, estática, uma confissão de amor; amor pecaminoso, baixo, com o rótulo da crueldade. Nega-se a acreditar no envolvimento malfazejo. É um sonho, um sonho mau e tinha que dissipar-se. Não trairia Ebúrneo, o amante fervoroso e leal.

A brisa primaveril, suave e ligeira, deita, indiscreta, suas carícias languídas. O tato se aguça. A excitação sazonal esgravata os domínios de Ero. Convite propício para o delírio da carne e a soberba do espírito. Agafite ajoelha-se aos pés do rechonchudo Lílio, consolando-o pela perda do brinquedo. Sustenidos, bemóis e afins abastecem a sala de Caseoso. A melodia branda vai tomando conta dos sentimentos. Alguns instantes mais e tudo adere à toada palpitante. Ao deixar o genuflexório casual, Agafite é tocada, na cintura, por Espevo, que a convida para dançar. Irritantemente amedrontada, Agafite balbucia frases ininteligíveis. Espevo não se dá por vencido. Aperta o cerco, enlaça Agafite, arras-

tando-a pela sala, em passos elegantes e bem calculados. A mente de Agafite quer livrar-se do impostor e narcisista. O corpo, prenhe de desejos, flutua num mar de fantasias. Seus passos são harmônicos. Com o corpo ela completa as ondulações do corpo dele. Sabe que está sendo vigiada por todos. O mundo desmorona-se, subsumindo aquela sofreguidão na calada do érebo. Terminada a melodia, Agafite perde a identidade. À sua volta tudo gira desordenadamente. Cambaleante, foge. Precisa pensar a oculta ferida que sangra. Na sala, até o adolescente percebe que Espevo antigira o orgasmo. Seu andar e seu fôlego denunciam a contração de vênus. Para substituir a patética cena, a garotada faz ribombar o tuestepe ensurdecedor.

A névoa do mal-estar foi-se dissipando calmamente. Obedecendo a voz de comando de Caseoso, todos se aproximaram da farta mesa. Desde o seco cabrito à gordurosa leitoa, rolam soltas, as guloseimas. O incidente anterior, se não fora esquecido, fora ignorado. Espevo se encarrega de criar outra situação constrangedora. Agafite, ainda não refeita, respira, ofegante. Coloca-se entre Casamato e Lílio. Espevo se aproxima contorcendo-se como libélula oprimida pelo crepúsculo. Planta os olhos elanguescidos sobre os seios de Agafite. Faz com que suas coxas rocem as coxas da vítima. A razia prolonga-se, provocando reação incomoda em Ebúrneo, que convida Agafite para deixarem a festa. Agafite balbucia não. Ebúrneo, contrariado, retruca que entende a atitude de Agafite. Ferido pela mulher que ama, abandona o festim.

Ebúrneo envolve-se em lucubrações agitadas. Agafite tornara-se amante de Espevo, sem dúvida. O aviltamento de que fora alvo não podia ser isolado. Procura motivos próximos e distantes para entender a escolha de Agafite. Não encontra nenhum satisfatório. Os primeiros minutos da solidão que se inicia foram os mais longos da vida de Ebúrneo. Espera a companheira para abraçá-lo, atirando-se ao olvido o que acontecera. Nada acontece. Uma hora é vencida e nada

acontece. Se ela retornasse, iria abraçá-la, beijá-la, nada perguntando. Não iria exigir justificativa. Mais uma hora se soma. O consolo da própria existência foi o bálsamo do companheiro ultrajado. A pungência do abandono impeliu-o à renúncia. Alguns objetos de uso pessoal deixam o abrigo ao toque das trêmulas mãos de Ebúrneo. Com duas sacolas de juta e a mala surrada, reunindo o fato de seu uso, despede-se dos vinte anos de felicidade. Talvez reconcilie-se com a vida e continue vivendo.

No dia seguinte Agafite retorna ao lar. Pernoitaram, ela e Áster, com a família de Caseoso. Não se preocupou com a ausência de Ebúrneo. Áster, que não percebera o rompimento e nem sua causa, pergunta pelo pai. Talvez ande às meditações, foi a resposta vaga de Agafite. As noites seguintes flagelam-na. Os sonhos trazem-lhe a visão máscula de Espevo. Admira seus talentos físicos detalhadamente, a partir do banho que assistira. Sente-o, em sua nudez, envolver-lhe o corpo. No esbulho do desejo entrega-se à fantasia que a persegue. Agafite se mantém na fantasia, castrando a mais remota possibilidade de acasalamento real.

III — Redenção

Poucos dias depois, dá-se conta do abandono. Passa a viver a penosa ausência de Ebúrneo. Não sabe como encontrá-lo. A lembrança de Espevo é-lhe fustigante. Sua desventura resume-se nos dois incidentes na casa de Azálea e às noites fantásticas, apenas sonhos, que se seguiram. Seu pecado não assumiu proporções físicas. A ruína, por certo, continuaria abordando sua existência. Os inesquecíveis diálogos com Ebúrneo povoam as paragens do insondável, arrastando Agafite aos detalhes do passado, que a mergulham nos mistérios da dor, da felonía, do sentimento sublimado, do ódio avassalador e da paixão incontida, para a identificação do amor.

Procurando desatar os nós da intriga e do horror, Agafite aspira por um auxílio concreto.

A mente deteriorada de Espevo localiza Ebúrneo. Trama contra a mulher que o repudiou. Sente desejos de vingança. Escreve a Ebúrneo: "Devolvo sua mulher. Não deixa de ter alguns atrativos sensuais. Sabe aproveitar todos os momentos de amor. Anela-se como a serpente, quando embainhada pelo amante. Solta vagidos enternecedores e ofegantes, conquistando e dando o máximo de prazer. Contudo, tenho outras aventuras e não me perco em nenhuma. Se algum dia quiser informes sobre a sensualidade ou sinais íntimos de sua mulher, procure-me. Do Espevo." A mensagem, manuscrita e assinada, garante a Espevo a discrição. Ebúrneo não iria valer-se da mesma para enleá-lo, sem o risco de desmoralizar-se.

Áster não se cansa de reclamar a presença do pai. Agafite, com pejo, evita esclarecimentos. Áster insiste, insinuando a fraqueza do pai. Deve ter-se envolvido em aventura. Agafite, reticente, limita-se a ouvir. Áster não contou com a esperada aprovação da mãe. Áster está disposta a lançar luz sobre a separação. Procura o pai nos velhos locais. Não teve êxito. As oportunidades vão e voltam, como ioiôs da história. No canto do barzinho Áster divisa um vulto conhecido. É o pai que procura sofregamente. Toca-lhe o cabelo e abraça-o ternamente. Senta-se em seu colo e soluça inconsolável. Após longo silêncio Áster liberta o porquê, por quê? Ebúrneo fixa-lhe os olhos marejados: não sei; não sei por quê.

Aster e Peónio se casam. Ebúrneo e Agafite estiveram presentes.

Agafite consola o neto Serafim que ferira o dedo na miniatura de locomotiva. Áster interpela-a por ter escolhido o hábito. Se nas separações a mulher optar pelo hábito, não haverá convento suficiente. Por outro lado, o número de freiras seria superior ao dos fiéis. Agafite, meigamente, afirma estar retribuindo a graça recebida. Deus impediu que cometesse dois pecados capitais. Não encontrara outra forma de servi-

lo. Acredita ser fuga do sofrimento que provocou. Foi o único caminho encontrado para recuperar um pouco de paz. Passou a prestar contas a Áster. O pai não as abandonara. Foi expulso por ela, Agafite. Não encontrou forças para reprimir o pecado, por inteiro. Suas fantasias transtornaram a vida de Ebúrneo.

Durante a cerimônia religiosa, Agafite, aproximando-se de Ebúrneo, confessou-lhe não ter sido cuidadosa, jurando nunca tê-lo traído. Em resposta, Ebúrneo entrega-lhe o manuscrito que lhe fora enviado por Espevo. Ao ler a carta, Agafite experimentou dor lancinante. Naquele instante percebeu que, para determinadas ofertas, o prêmio se ajusta.

O tempo se encarrega de trazer à Agafite carta enviada por Espevo. Lembra-se minudentemente das palavras porque as memorizou com ódio e desespero: "Querida Agafite. Eu a ofendi injustamente. Gostaria de reparar o meu erro. Agora, que você está livre, poderíamos gozar a vida, sem estorvo. Espero sua resposta, pessoalmente. Estarei esperando no Restaurante Flor de Maracujá, amanhã, às vinte e duas horas. Do seu eterno amante. Espevo." A carta vinha datilografada e sem assinatura. Agafite, armando-se, foi ao encontro marcado por Espevo. Planeja assassiná-lo. Pouco antes da hora prevista, o céu conspira contra a vingança de Agafite. Lavra-se terrível tempestade. O trânsito enlouquece. Todos os locais pareciam inacessíveis. Desafiando os rigores naturais, Agafite chega ao local na hora escolhida. No pensamento, um só propósito: a eliminação de Espevo. Este não comparece. Agafite consegue raciocinar. Poupara Áster e Ebúrneo de Atroz sofrimento. Se completada a vingança, seria entendido como mais uma drama em que a mulher, desprezada, mata o amante. Sente-se recompensada pela frustração da insensatez, determinante do voto religioso.

Agafite é recomendada para desenvolver trabalho religioso em local distante. Áster recebe a visita de Ebúrneo. Seguida de prolongado silêncio, vem a explicação. Fora Ebúr-

neo que enviara a carta a Agafite, em nome de Espevo. Áster lhe pede para procurar Agafite e relatar-lhe o que acabara de narrar. Seria a procura do perdão recíproco, o sepultamento de uma angústia e a retomada da felicidade.

O convento localiza-se em paragem bucólica e tranqüila. A placidez da vegetação parece beijar pudicamente o visitante. O regato, tamborilando uma canção sem regência, saúda quem chega. O escalvado, pouco mais além, exhibe duas cabeças de pedra, assemelhadas a leitões, convidando para o repouso. Ebúrneo assoma à porta que o separa de Agafite. Provoca o alarme que anuncia sua presença. A robusta freira faz o velho portão girar em seus gonzos, num ranger preguiçoso e indiferente. Silenciosamente Ebúrneo segue a atendente, ingressando em confortável ádrio. Aí aguardará sua visitanda. Seleciona frases perseguindo a redenção. Revê o que programara mentalmente. Ensaia o que dizer á mulher amada. Com a leveza da gazela, Agafite aproxima-se como se em prece de penitência. Ebúrneo sente-se oprimido. Trêmulo e assaltado por indizível pavor, tenta erguer-se para recepcionar a antiga companheira. Com meiguice, Agafite pede-lhe que permaneça sentado. Olhando-o com ternura, deixa-o à vontade. Aninha-se na parte mediana do banco e aguarda as razões da inesperada visita. Ebúrneo balbucia algumas frases ininteligíveis. O semblante de Agafite reage pela insatisfação de não ter entendido o burburinho. Ebúrneo recobra parcialmente a calma, confessando, em frases entrecortadas, que fora o autor da carta de Espevo a Agafite. Duas lágrimas correm naqueles grandes olhos. Entre melancólica e confortada, balbucia que Deus lhe fora complacente na esperança e indulgente no merecimento. Interrompendo o rolar de uma lágrima, Agafite acaricia Ebúrneo com profundo suspiro. Ebúrneo escolhe caminhos ínvios e de difícil retorno. Recorda, perante Agafite, a dor que experimentara vendo-a no local do encontro. Perversa contração espasmódica pressionara-lhe o coração.

Áster explicara a Ebúrneo a presença de Agafite, no Res-

taurante Flor de Maracujá. Emocionada e confusa, atirara flocos de saliva no rosto do pai. Após o relato de Áster, Ebúrneo sente-se envolvido pelo espectro da compaixão e da covardia. Compaixão reflexiva por não entender o momento de fantasia que assaltara Agafite. Perfídia, pela temerária atitude escolhida.

Naquela mesma noite em que duas almas se envolvem em doce enleio, a Superiora encaminha um pedido de reconsideração de voto. Dentro da maleta meia dúzia de pertences. Substituindo o hábito, o vestido que lhe presenteara Ebúrneo, no aniversário que longe vai. O romantismo transborda de saudade as almas, enchendo de ternura os corações.

Ebúrneo e Agafite se beijam demoradamente. A brisa entretém-se com as folhas secas do caminho. A energia penetrante da tarde quente, reordenando os sentimentos, impõe a paz perturbada.

REVELAÇÃO

Tratou-a como se trata a mulher amada
e no seu recanto com ela fez morada;
E deu-lhe um filho... rico tesouro,
bonito, tenro, forte... um touro.

Mas, traiu-o a moçoila desgrenhada...
no prato que comeu... uma escarrada.
Apunhalou-o, friamente, a sem-vergonha,
com fria ironia na face risonha.

Enojou-o, da serpente, a vil peçonha,
da desonestidade dessa mulher medonha
e nem consolo a verdade atesta;

como dizer ao amado herdeiro,
num lance rijo, frio, derradeiro...
— "Meu filho! Sua mãe não presta! "

O ÚLTIMO BEIJO

Foste embora, sem deixar uma carta.
Nem um adeus. Estavas de mim tão farta
que te repugnava lançar-me um olhar
de despedida ou... de esperar.
Confiei em ti, cri em teu amor,
jamais supondo fosse falso e traidor.
Nem uma carta, uma palavra e agora vejo
o nosso romance, o amor, o desejo,
uma fantasia celestial impura,
sem constelações, sem luar, escura,
penumbrando a vereda da minha vida,
incrustando no meu peito uma ferida.

Buscando novos rumos me embaraço
e para esquecer, inutilmente, faço
hercúleo esforço para apagar
o doce sonho que sonhamos de um lar
construir. Cheio de alegria e felicidade,
matizado pela singela igualdade
de sentimentos, objetivos e aspirações
revelados, ao som de velhas canções.
É, creio que outrora nos amamos,
numa querência bizarra que já passamos;
como um perfume sutil, um céu risonho,
que foi perfume, que foi céu... mas que foi sonho.

Foste um dia sem deixar uma carta.
Nem um adeus. Estavas de mim tão farta
que num momento de incerteza e irreflexão,
nem vieste pela vez última me apertar a mão.
Pensei que me amavas, pensei que eras feliz
mas, o tempo tudo consumiu e um dia desfiz
a ilusão que nos enlaçou cheia de falsidade.
Ah. Mas a amarga verdade, a realidade
não era sublime como uma vez julguei:
não me amavas, nunca me amaste e hoje sei
que a dor que no meu peito existe
é a razão que de alegre me tornei triste.

Quanto foi irreal nosso sonho, meu sonho,
que não se desfechou entre alegre e risonho.
Foi um carnaval de vida...
Um carnaval que acabou e foi esquecida
toda a alegria extasiante que proporcionou:
éter, perfume, fantasia... tudo esfumou.
Assim a nossa história pode ser contada,
idêntica ao orvalho da madrugada,
que se evapora com o sol-nascente
e volta ao céu, sereno, indiferente.
Voltaste assim como o orvalho que desceu,
buscando alojar-se no peito meu.

Mas, não encontraste em mim a vegetação
que o orvalho do teu amor e devoção
pudesse repousar, como d'antes...
É... meus anseios já são minguantes.
Sufoca-me a lembrança do meu desejo,
que a minha boca te pediu num beijo
que me negaste, até com certo rancor,
por simplesmente não sentires amor.
Desfeita esta ilusão da minha vida,
jamais supus que voltarias arrependida.
Sinto muito que voltaste tão tarde,
pois, meu coração queima e ainda arde

o mesmo amor que te ofereci outrora.
E quem me dera, quem me dera se agora
pudesse a ti correr, ter o ensejo
de unir-te a mim num abraço e num beijo...
dizer que te amo, que ainda és querida
e que é toda... toda tua... a minha vida.
É tão tarde e nem sei do que estou morrendo,
intimamente definhando e querendo
que saibas que se estou fugindo,
do que por irreversível considero findo,
é porque meu coração não finge.
Insensível, empedernido, qual esfinge...

Talvez já não saiba irradiar
algo bom... um céu... um sonho,
ternura, carinho... um futuro risonho.
Siga tranqüila sem comigo preocupar,
guardarei aqui o que não chegamos a trocar:
o beijo que nos lábios ficou a bailar,
a pequenina ansiedade de amor que não vingou.
Do que fomos, do que vivemos, nada restou;
é o melancólico fim meu grande amor,
sentindo no peito aperto desesperador,
por compreender que o quanto nos amamos
teve fim, com o beijo que não trocamos.

TERRÍVEL REVELAÇÃO

Com a vozinha embargada de quem chora,
aproximou-se a pequenina da dama:
— Uma esmola, tenho fome, cara senhora...
há dois dias não vejo cama.

E a mulher, altiva, toda pintura,
olhando-a de cima, com desagrado,
inquire, mãos à cintura:
— Cadê teu pai... aquele desgraçado?

Meu pai — replica, triste, a menina —
— me dava amor e me sustentava;
perdeu os dedos numa máquina,
quando feito doido trabalhava.

Retruca a dama, com voz brutal:
— De vagabundos como vocês eu fujo,
— enxotando-a feito animal —
suma-se com seu velho, barbudo e sujo.

A menina sem nada dizer, saiu
e ao pai, tristonha, veio se juntar.
— Nada, pai! Nada se conseguiu
para nos agasalhar ou alimentar.

E o velho que a tudo ouvido tinha,
tremeu, impotente, para a lágrima que caiu
por não poder dizer à filhinha:
— “Aquela é tua mãe! Foi ela quem te pariu!

GOTAS E RETALHOS

A vingança é tão doce que o Senhor a quis só para Si.
(“A vingança é minha, disse o Senhor”).
Mas, como filho de Deus, terei de saboreá-la.

Quem nada deu de si para entrar
e nada fez por assumir o lar,
de amor e carinho nenhum gesto,
pode sair, sem saldo e sem protesto.

Dizem que nos envolve uma aura
fagulhosa, luminosa e sensível...
Se a tua fosse visível,
certamente seria escura.

Filho! Eu, pela frente, mais 30 (trinta) anos não tenho
para esperar que você se arrependa.
De que adiantará dizer: “Que pai eu tive”!

Eu não consigo entender como há pessoas que conseguem
transformar amor tão lindo e puro em ódio tão profundo.
Eu não odeio. Eu desprezo.

Inferno?
Existe... e aqui em Guarulhos:
barulho insuportável dos aviões...
Aeroporto Internacional — Cumbica.
Decibéis?
Lei?
Respeito aos cidadãos?
Quem liga pra isso?

O CRIME PERFEITO

...

— Você acha que existe o crime perfeito?

— Desde tenra idade, quando lia gibis e ia assistir aos seriados aos domingos, no cinema, sempre ouvi a pregação de que não existe o crime perfeito. Hoje, adulto, convivendo com uma brutal realidade, assisto à progressão dos atos criminosos praticados por pessoas comuns e, principalmente, por políticos e uma impunibilidade de causar espanto. Mas podem ser apurados.

— Mas existe o Crime Perfeito?

— Desolado, sou obrigado a confessar que existe e que já deparei com ele.

— Explique. ...

— Olha, só pode existir o CRIME PERFEITO quando praticado de acordo com a Lei.

— Mas como?

— Simples. Usar a Lei para cometê-lo.

— É isso possível?

— Claro. E o meio mais fácil de praticá-lo têm favorecido as mulheres, embora a Lei permita que homens também possam praticá-lo.

— Vamos lá, diga, de uma vez, como isso é possível...

— Você já ouviu falar na LEI DOS ALIMENTOS?

— Sim, claro.

— Então, é muito simples. Uma mulher tem um filho com um homem do qual vive separada. Requer alimentos para o filho, mas, como não quer estragar diversões e perder tempo cuidando do filho, consegue uma pensão alimentar

para o menor, pequena, no sentido de que o pai fique com a maioria dos encargos como educação, saúde, uniformes escolares, lazer, etc.; aos poucos, pretextando outros afazeres de fins de semana, vai induzindo o menor a ficar mais tempo com o pai. E aí, acrescenta-se àquele elenco de obrigações do pai, o da moradia e da alimentação.

— Sim, mas o pai pode negar-se...

— Oh. Meu amigo, qual é o pai que, amando o filho, iria negar-se a cuidá-lo e mandá-lo embora?

— E depois?

— Em seguida, a mulher perpetra um novo pedido de alimentos. Não uma revisional, não. Um novo pedido de alimentos, alegando que o pai dá uma miséria e por aí...; é claro que OMITE que quem cuidava da criança era o pai.

— Sim, mas é preciso provar.

— Não, meu amigo. Aí é que está o caroço. Ela não precisa provar nada.

— Mas como? Mente, oculta que existe ação e acordo judicial anterior e ganha, por algum tempo, 1/3 do salário do pai do menor?

— Sim. À sua simples alegação, não importando o fato de que o menor está muito bem cuidado pelo pai, e, enveredando pelo 171, usando o juiz e a justiça, mantendo-os em erro, baseada na lei, comete, O CRIME PERFEITO.

— Mas...

— Não tem mas, nem menos. Apesar de todo o desenvolvimento tecnológico como FAX, telégrafo, telefone, correio e oficiais de justiça, o requerido, o pai, não é ouvido, não tem como defender-se. E a realidade permanece oculta.

— Não é possível. Ele não pode defender-se?... Não creio... é absurdo. ...

— Ouça, amigo, é claro que ele vai poder defender-se, só que isso é demorado e quando o fizer, já terá sido lesado e o CRIME já foi consumado.

— Não entendi!

— É simples de explicar: a Lei determina que à solicitação de alimentos, independentemente de provas ou oitiva do requerido, o juiz fixe, de pronto, 1/3 dos seus vencimentos a título de alimentos provisórios. É aí que está a maracutaia. Ao invés de, através dos meios citados de comunicação, OUVIR a parte, o pai, coisa muito simples, a justiça não o faz.

— E se a mãe trabalha e tem um bom vencimento?

— Não importa. Basta sua simples alegação, verdadeira ou falsa.

— Sim, mas que crime ficou configurado?

— O de ESTELIONATO (art. 171), por obter a mãe vantagem para si, ilícita...

— E é irreversível?

— Sim. A justiça, em se tratando de menor, embora use para a perpetração do crime, ignora o dito crime e o que foi auferido pela desonestidade, os citados 1/3 dos vencimentos do pai, a eles, não se admite retorno.

— Então essa Lei tem que ser revista. Tem que mudar.

— É, eu também acho. ... só que tem mais: se a fonte pagadora do requerido, o pai, equivocar-se ou deixar de atender a ofício da justiça e descontar mais do que o devido, a mulher — apropria-se da importância e não a devolve. Inquerida, diz não saber de nada. Ou nada diz. E a justiça, se requerida a intervir para que a mãe faça a devolução do indevidamente percebido, tira de letra, da seringa, alegando que é problema administrativo.

— Quer dizer que o pai só se.....

— O pai pode processá-la por apropriação indébita, ao que a mãe dirá que aquela importância veio ter às suas mãos e ela nem sabe do que se trata (só que devolver, nem pensar) e tudo ficará do jeito que está, sem ao menos ver como é que fica. E o pai que quer antes de mais nada paz, nem quer saber de novo processo, novas despesas, advogados e o saco que todo mundo conhece.

— E o crime fica impune?

— É isso aí... fica.

ENCRUZILHADA

O nosso amor vivido como um riso idêntico; a voz suave e musicada que nos embalou em vero paraíso, no veludo da promessa sussurrada... Paixão! Tanto amor! E a nos separar de repente, uma encruzilhada.

E não mais mãos dadas ao caminhar; prosseguimos em quase marcha acelerada, distanciando-nos como opostos, inimigos. Parece que uma rajada de vento varreu nossos ideais e sonhos antigos, como se nunca foste minha e de ti nem eu.

MUSA

Divina flor, o teu perfume aliado à beleza escorreita, rara, mais que perfeita, celestial! Mas, quem te deu lume, infelizmente, perdeu a receita.

SUBLIME DESEJO

Como poderei esquecer a nossa história,
se ela foi para mim a própria vida?
Como olvidar o que carrego na memória,
uma imagem doce, terna e muito querida?

Não! Não posso crer que se tenha findado
aquele amor, cheio de vibração e carinho.
Não é crível que se tenham apagado
o nosso sonho, os planos... nosso ninho.

Oh! desejo imenso que tenho de retornar
ao passado que se exauriu no esquecimento,
e sentir, novamente, o coração vibrar.

Esmagar teus lábios num beijo forte,
abraçar-te tenazmente com intento
de separar-nos somente a fria morte.

SAUDADE

O nosso amor foi um sonho que viveu
enquanto durou nossa ingenuidade.
Dois corações crianças: o botão nasceu
e desabrochou numa flor... de saudade.

Masoquisticamente fiel, amei e sofri,
porque muito cedo o nosso amor morreu
e há muito tempo ao coração menti,
fazendo-o crente de um amor só meu.

Os seus pés a pétala do sonho amassou,
pisando-a de modo torpe, vil e cruel...
e o perfume do botão desfeito evaporou...

Este amor que raízes fundas criou,
raízes que ainda brotam saudades de fel,
da ingrata que se foi e jamais voltou.

LIBERDADE À POESIA

Uma poesia sofria
e encurralada vivia,
pela palavra inadequada.

Não havia espaço
para ela exalar.
Doía-lhe o anonimato,
metida dentro do
vocábulo carrasco,

Quando a encontrei
a liberdade me pediu,
mais do que depressa
(quando o tempo tem pressa),
dei-lhe a palavra certa.

Foi apenas o que eu fiz,
o resto foi tudo magia,
ela por si só fluiu.

ALIMENTO ESPIRITUAL

O meu poema transcende
à rede do pescador.
Ele liberta o peixe e
o coloca ao nível
da minha boca.
De tal forma que,
quando como,
também sacio minha sede.

GUERRILHAS URBANAS

Já vivemos nas cidades grandes
um clima de verdadeiras guerrilhas
urbanas, onde digladiam-se
Cidadão — Policial — Marginal.

NATUREZA

A Natureza é uma flauta gigante
onde o Sopro Divino tira
músicas maravilhosas.
O homem na sua ânsia pela vida,
pelo poder, quer silenciá-la.

SYLVIO OURIQUE FRAGOSO

CONDÃO

Se um mágico poder me fosse dado
de transmutar as coisas a um desejo,
Transformaria então tudo o que vejo
De forma a que te desse mais agrado.

E estando o mundo todo transformado
No sítio de venturas que te almejo,
O céu e a terra unidos por um beijo
Manteriam a paz que tens buscado.

Se eu dominasse os ritos da Magia,
Se possuísse as chaves da Alquimia,
Se da Cabala o arcano conhecesse,

Posso jurar, querida, que terias
A vida inteira plena de alegrias,
Sem nada que jamais te entristecesse.

ESTRELAS DE FOGO

No mês de junho o céu, antigamente,
Ficava de balões tão estrelado
Que da noite o negrume incendiado
Embevecia o olhar de toda gente.

E eu devassava o espaço transparente
Buscando em cada ponto iluminado
O olhar que me deixara apaixonado
Nalgum momento de um passado ausente.

Mas hoje, quando junho a terra abraça,
E eu vejo de um balão a luz que passa
Tingindo de vermelho o firmamento,

Sei que era a ti somente que eu buscava
Quando a fitar o céu me demorava
Naquelas noites frias, ao relento.

DIFERENÇA

Em ti respira solta a liberdade:
És moça e bela e o mundo tens à frente.
Eu vou murchando, apático e doente,
Sentindo o agonizar da mocidade.

És como o Sol, irmã da claridade
E com teu brilho aqueces o ambiente
Onde penetras. És verão ardente,
Arauto da alegria e da amizade.

Eu sou como a serpente enrodilhada
Num canto escuro, esquiva e desprezada,
Que o mundo inteiro em asco repudia.

Sou qual ave noturna que, agoureira,
Chora tristonha pela noite inteira
E que se esconde quando nasce o dia.

INDAGAÇÕES

(ante uma caveira)

Por que sorris, na gelidez da morte,
Tão enigmática, aos que atrás deixaste?
Tu, que da campa o arcano decifreste,
Vem revelar o que nos guarda a sorte.

Fala também se em vida foste forte,
Sorrindo como agora, ou se choraste.
Foste feliz na estrada que trilhaste
Ou não tiveste fé, nem lar, nem norte?

Conta, caveira, o quanto tu sofreste!
Menciona os mil caminhos que correste
No encalço de uma efêmera ventura.

Vem me dizer se a morte tudo apaga
Ou se a seqüência do viver te afaga
E o que tu vês depois da sepultura.

CHUVA

A chuva escorre lenta na vidraça.
Rola o trovão, correndo o firmamento.
Teu nome eu julgo ouvir na voz do vento,
Chorando esta saudade que me abraça.

A natureza, triste, está sem graça
E qual se me entendesse o sofrimento,
Irmana o seu chorar ao meu lamento
No gotejar da chuva que não passa.

Se eu te pudesse ter de mim mais perto,
A dor que hoje me dói então por certo
Nas águas da enxurrada fugiria.

E estando já bem longe esta tristeza,
Viria em tom de festa a natureza
Na luz de um novo sol dizer — bom dia!

MEDO

Receias que este amor que sinto agora
Possa acabar da forma como veio,
Qual vela a se extinguir num bruxuleio,
Morrendo à luz da chama que a devora.

No entanto em mim por vezes se me aflora
Um medo igual ao teu. Também receio
Que o amor que sentes morra no teu seio,
Matando-me, igualmente, ao ir embora.

A insegurança é própria de quem ama.
O amor é uma criança que reclama
Frequentes provas de um sentir cuidadoso:

Por mais se faça, tudo é sempre nada.
Qualquer ausência é dor desesperada,
Que o amor, quanto maior, é mais medroso.

CONTROVÉRSIA

Que bom se esta saudade fosse embora
Deixando de ferir tanto o meu peito!
Nunca pensei magoasse desse jeito
A dor da ausência, como dói agora.

Não sabes o que é estar, hora após hora,
Acabrunhado, triste, contrafeito,
Sem nem ao menos conseguir direito
Fugir no sono ao mal que me devora.

Como vai longe o dia em que partiste!
Fico cismado se inda acaso existe
A chance de voltares, mas em vão,

Pois ao pensar se voltas para mim,
O peito, esperançoso, diz que sim
E o relógio, teimando, diz que não.

PODES PARTIR

Podes partir, se julgas que indo embora
Melhor amor terás em outro peito.
Fiz tudo o que podia já ter feito,
Nada mais resta por fazer agora.

Procura e vê se encontras lá por fora
Alguém que te pareça sem defeito:
Talvez exista o coração perfeito
Que possa dar-te o sol de nova aurora.

Cuida, porém, que a ti não te aconteça,
Quando achares, enfim, quem te mereça,
E que tua alma que é exigente preze,

Esse alguém não te cobre um alto preço
E ao receber o amor que não mereço,
Te faça o que me fazes: te despreze.

LIMITAÇÃO

Ah, se eu pudesse traduzir em verso
O amor que trago n'alma represado!
Se não me fôra o verbo limitado,
E o coordenar de idéias tão adverso.

Se o sentimento em que me vejo imerso
O meu pensar deixasse liberado,
Todo este amor seria consagrado,
Brilhando como estrela no universo.

Nunca, porém, hei-de dizer-te o quanto
De teu sorriso me fascina o encanto,
E o teu olhar o muito que venero.

E na pobreza, então, do meu estilo,
O amor não faço mais do que senti-lo,
Sem nunca te dizer quanto te quero.

TRANSCENDÊNCIA

Quando nos vem o sono e o olhos se entorpecem,
Fazendo-nos fechar as pálpebras cansadas,
Dois vultos incorpóreos, almas namoradas,
À luz do firmamento encontram-se e esplandecem.

E pela noite afóra, em juras que enternecem,
Caminham passo a passo, errando de mãos dadas,
Amantes siderais na luz das madrugadas
Que em súplicas de amor aos beijos amanhecem.

E quem fique acordado olhando o céu florido,
E em prece testemunhe um beijo comovido
Igual aos que em teus lábios tanta vez depus,

Por certo há de pensar em conjunção de estrelas,
Sem crer que nossas almas é que esteja a vê-las
Num doce idílio etéreo, em festival de luz.

. ... e se divisa;
o tudo,
o nada,
o fim,
o sem fim:

— universo.

. ... enfim,
o fim;
prenúncio de um começo
sem fim:

— morte.

ilusão

. ... amanhã,
quando dos teus olhos
faiscarem as mesmas impassividades
de ontem,
retomarei a consciência
que a ilusão de hoje
não foi,

— mais uma noite —

senão
a visão
dos sonhos meus.

ausência

Agora,
a espera já não se faz,
pois,
sinto o caminhar da tua ausência
a cada passo mais perto;
e antevejo que a felicidade,
da tua morada
fará o encontro da saudade,
quando nela,
o último acorde da esperança
precipitar-se pelo outono das ilusões.

expectativa

. . . mais um dia
faz o encontro com a noite,
e o desejo
de sabê-la mais perto
se exaure.

. . . a expectativa da tua presença,
que não acontece,
se distancia
pelo espaço
e pelo tempo que nos separa,
vai se transformando
numa coda
de complexos acordes,
que dos sonhos meus
se faz canção da despedida.

interrogação

Tua imagem,
navegando pelos leitos de serenos lagos,
desafiou os tempos,

— águas cristalinas,
intocáveis —

cresceu para os rios,
deixando em cada olhar
interrogações,
esperas sem fim;
ganhando o impacto dos mares
quebrou-se na rapidez das ondas,
enevoando meus sonhos.
afogando minha paixão.

ausência

... e neste canto,
pela ausência sua,
hoje,
mais isolado ainda
procuro identificá-la...

. ... de mudas palavras
um diálogo se faz,
e dele,
pouco ou quase nada
resulta mais claro:

— mesma incógnita
acentuada pela estática
e vaga
cadeira pousada
a minha frente.

. ...

neste mesmo canto,
pelo vazio de emoções,
você?

— aqui! ... ou não! ...

— pela silhueta refletida —

deixou marcada a presença de ontem...

... que jamais existiu.

reeditando

. ... e mais:

— palavras
gestos
sons
poemas;
exauridas foram,
das minhas,
todas as tentativas
para dizer:

— te amo.

Inciente das verdades
que viram
e ouviram meus sentidos,
continuei ludibriando
a mim mesmo
na expectativa de poder,
algum dia,
ser notado reeditando
palavras
gestos
sons
poemas...

... sabê-la sentindo, enfim,
o que teus olhos
fizeram de conta não ver,
nem ouvir
quiseram teus ouvidos.

será,
da ilusão a realidade,
o despertar de um sonhador.

. ...

... e mesmo que a exaustão
rondar meus espaços sem fim,
alquebrando as últimas
das minhas resistências,
não deixarei de acenar com
palavras
gestos
sons
poemas:

— te amo.

... no espaço
abrem-se as cortinas do tempo
e o cenário de fundo
nos transporta
ao passado sempre presente:

— O cortejo dos Reis
a caminho da Luz prenunciada
que se fez homem;
entre os mortais,
Imortal...

... e a festa que todos esperávamos,
com tímpanos, clarins e vozes
anunciando um bravo e temível guerreiro,
entrecortando o infinito
com sua espada de fogo,
se fez na singeleza
e na calma de uma manjedoura...

... cercado, desde cedo,
pelo carinho
das mais puras vibrações,
Seus olhos vivos, penetrantes,
materializavam sabedoria ímpar e postura singular,
irradiando a todos o nascer de novos tempos.

... e nesse passado-presente
de expectativas cíclicas
a projetar as boas-novas,
continuamos levitando pelas incertezas,
vislumbrando,
ávidos,
o descortinar dos tempos
que a insensibilidade dos homens
ainda não permitiu...

. natal 90

nativos II

Flores nativas
que deste solo
se fazem as mais formosas;
lábios de mel,
seios eretos,
virgens;
longos cabelos,
negros,
andar de mansas garças.
Cantem aos guerreiros,
filhos da bravura
e do trovão,
os cantos apaixonados
dos teus corações.
Guardem para teus filhos,
frutos do amor puro e liberto
que a mãe natureza abençoou
com os perfumes das terras que são tuas,
as histórias e verdades
que teus pais
e os pais de teus pais viveram,
sob um arco-íris de verdes matizes
que aos poucos se faz raro,
pelo apetite voraz da conquista
e do poder;...
... pseudo progresso das mãos brancas
irreverentes,

divorciado das leis naturais,
das leis sociais,
da alma,
do corpo,
da cor,
da própria essência:

— Deus.

..., não se corrompam,
entretanto,
com o colorido da civilização;
vistosa,
efêmera.

Lado a lado com o teu povo
de vermelha pele,
cor da paixão que corre em tuas veias,
gerem,
gerem sempre,
até que os vazios abertos em teus lares
se preencham pelos choros
e pelas estrepolias das tuas crianças,
herdeiras naturais deste espaço sem fim,
abafando os atritos ensurdecadores
das promessas dos brancos,...

... que não se cumprem.

*A PROPÓSITO DO
ACADÊMICO ANTÔNIO FILARDI LUIZ*

Tendo em vista a grande azáfama enfrentada pelo acadêmico Antônio Filardi Luiz, pretendo, com a licença do mesmo e apoio dos demais pares, proceder a uma pequena substituição. Estaríamos atendendo com mais proficiência os nossos leitores se pudéssemos contar com um trabalho do acadêmico Filardi. Para superar a dificuldade e levar ao conhecimento de todos lampejos da pena segura e bem inspirada do acadêmico, apresentamos a apreciação de seu trabalho, pela Comissão avaliadora, quando do seu ingresso nesta Casa.

Acadêmico Gasparino José Romão
Presidente

AZUL CELESTE

É do pedaço de felicidade que se aninha nas dobras das fontes de onde emergem as emoções, que fala o escritor. É o tangenciamento dos recônditos, do insondável manancial que periodicamente se torna incontido e jorra enigmático no vai-e-vem das paixões humanas.

É o presente que quer dar e é o que anseia por receber, continuamente, para que a alma se enleve e o coração não se fira.

Aí está presente o autor. Presente, porque presente sempre estamos nas criações que nos são permitidas pela Vontade Maior. Vivemos mais em nós e para nós; a nossa projeção no mundo exterior é pequena, insignificante. Essa é a verdade, inconteste e inserida em todas as indagações prováveis e possíveis, que o autor destaca e explora com maestria.

História de amor fundada em lucubrações escatológicas. Amor e ódio recebendo os golpes do cinzel do artista para a sublimação eterna.

É um festival do simples transcendental. É o amanho do cérebro para pôr-lhe a descoberto suas sutilezas. É a excitatriz do coração, para manter no resguardo da dor e do sofrimento esse gratificante mediano dos momentos felizes que desfrutamos nesta vida.

O festival do simples vem retratado na mensagem exurgente de folhas 17/25 da obra Azul Celeste. O amanho e a excitatriz denunciam-se do exórdio ao desfecho, ora correndo livre, ora seguindo caminhos ínvios que a força de expressão do autor constrói.

A inspiração máxima está no presente original: "Se me fos-

se permitido dar um presente a Deus..." (fls. 5), da obra citada.

Exponha-te cérebro, revele-me teu segredo. Venha em meu socorro para satisfazer esta ânsia de saber: "Se para a vida terrena apenas a potência até agora desenvolvida fosse o suficiente ou conveniente para si, não haveria motivo lógico para tamanho desperdício de saldo não acionado, à semelhança da fábrica a produzir além do possível de ser consumido".

Não poderia faltar em tão aguçado desejo de alçar vôos maiores, a partir de uma proposta revelada por um espírito mourejador e tenaz, a humildade que dignifica: "nasceu esta obra(?) não como fruto de um roteiro esquematizado numa lógica seqüência humana, que sóe acontecer com os bons cultos escritores, mas como resultado de impulsos pouco explicáveis consubstanciados em pretensos capítulos a sair de sua mente livres e quase automaticamente à medida em que seus dedos tocavam o teclado da máquina" (sic) fls. 13).

O atrevimento do pesquisador, revelado pela coragem de conceituar o fugidio, o fluo, o indelével. Amor, categoria de primeira grandeza no código comum da humanidade, lança desafio permanente para as colocações conceituais. Mas ela necessita do conceito; ela exige ser entendida; ela clama por explicação intrínseca. O autor não se faz de rogado; lança-se no seu encalço animado por um desejo escoimado de entulhos enraizados e frases ocas. Arrisca-se a romper o emaranhado já existente e o que pode desestabilizar a sua própria compreensão: "O verdadeiro amor não é aquele de copo e cama ou de cama e mesa, como queiram. O amor é um todo, massa compacta e o que quer que ocorra, até a própria cama, não é segmento disto ou daquilo mas simplesmente a continuação daquele todo infracionável, espécie de redemoinho que gira em todas as direções sem sair do mesmo lugar. A sensibilidade do homem ganha novas dimensões, ou melhor dizendo, simplesmente ganha dimensões, já que a pessoa desacostumada a tão sublime sentimento nunca teve dimensão alguma" (fls. 33).

Ainda no plano conceitual mais perscrutador, envereda o analista nos sibilinos caminhos do ódio e do amor: "Amor e ódio constituem o reverso da mesma medalha, da mesma forma que a alegria e a tristeza são o conteúdo do mesmo copo (fls. 34).

O poeta intervém no trabalho do prosador. Dá-lhe beleza; transmite-lhe paz; aguça-lhe a sensibilidade, tendo "no rosto a humildade de lágrimas a mostrar seus respingos de saudade" (fls. 40). Entrelaçam-se as paixões; debulham-se as apreensões incompreendidas. Na confusa fixação de algo distinto, no marasmo do ser e do vir-a-ser, "volto à vida, como volta o ébrio, ao gole certo, do pote companheiro" (fls. 49).

Pelo dedo se conhece o gigante. Anexim infalível. Ensino popular que abalança muitas convicções, mas evadido de certezas e verdades. O gigante se revela; o autor livra-se do disfarce e confessa: "Paz e concórdia custam o orgulho e o coração para quem adora os filhos".

O prosador impõe um roteiro; o poeta quer desviá-lo. É próprio do poeta, deambular. O poeta mistura o que não pode ser misturado, surpreendendo o prosador. Mas de repente se completam, "por tudo que deveria ser mas não é, que poderia acontecer mas não acontece" (fls. 67).

"Uma pena que cérebros tão privilegiados fossem por tão pouco tempo emprestados por Deus a este mundo de cabeças justificadas apenas pela necessidade de amparar cabelos maltratados ou tratados de mais que, no fim, vem a ser a mesma coisa". O autor desce à terra; agarra um elemento concreto; quer debulhá-lo para entender o serviço que presta. Em análise que culmina pelo desalento, percebe a explicação não convincente e comum às indagações humanas.

As experiências, para Marquinho, vão sucedendo-se, ora amargas, ora reticentes, ora desalentadoras, ora constringedoras e mesmo confrangedoras. O "Três em um" descortina um vôo turbulento em torno da lógica, abalando os alicerces da ciência das relações: "Lógico é vegetar; viver é olhar além da

lógica. É sentir a presença dos elementos". Completa em evidente incongruência face aos estudos e esforços do homem em precisar o sentido de um dos mais importantes instrumentos de seu aperfeiçoamento: "A dor beatifica a alma, talvez, mas não ajuda o homem! "

O Marquinho do seu sonho, viajante de sua alma, canoero do seu sangue, vai rompendo, no "faz de conta", com o respaldo da Justiça.

Vem a desocupação da casa, do abrigo que protegeu o espírito e lhe permitiu o aprendizado terreno, na "Reta em Curva" que o "Orgulho" trava (fls.161).

Não podia faltar ao Marquinho o anátema paterno. As diatribes do lar que, procurando dar aos filhos um destino de menor agrura, torna-os simulacros aptos para construir uma sociedade de bases falsas: "Enfim, o caminhar pela vida terrena é um suceder de atos impostos pelos pais, supremos julgadores das conveniências dos filhos" (fls. 167). O transcendental prioritário está contido, exatamente, nesse capítulo XVIII: "Não é porque duas ou mais pessoas vivam juntas, em função do mesmo sangue ou por deliberação própria de cada uma, que obrigatoriamente deverão entender-se. No mais das vezes a separação é essencial para que continuem juntas (fls. 169). "O que importa é a unidade sentimental, espiritual, na linguagem de alguns" (fls 171).

Retrata, com rara felicidade, o desfile dos pais sob o guante sublime do pai eterno, na "verdade que um dia a História Cósmica provará: Houve um pai, com Amor, e houve uma filha, Adorada" (fls. 177).

Repetindo o trivial "..., a cara invariavelmente aquela, em geral amarrotada em função do longo período de humano repouso, o sono,... "(179), faz soltar dos seus refegos a sensação ingênua onisciente, do gabola, daquele que tem a pretensão de resolver os grandes problemas do corpo, tolamente desligando-os das dificuldades que o espírito enfrenta. Caminha, assim, perscrutador e reticente, Brincando com Fogo

(179), no destaque de muito sabor pessoal que raros têm a coragem de enfrentar publicamente, com receio de magoar os grandes sábios: "..., impõe seu raciocínio e não permite posição contrária ao seu ponto de vista, salvo na aparência e através do tal respeito à sua opinião" (183). Nessa trama do cotidiano, entrelaçado com as mais profundas ansiedades humanas, observa o impulso inconsciente de alguns, tentado explicar por doutos irreverentes, na indagação séria para identificar as pegadas da criatura humana: "Esta, contudo, e em função do posicionamento passivo do aparelho, pode ser uma carga de igual capacidade impura, talvez uma pequena fração menos do que o cavalo, e por isso associam-se duas cargas numa só mas de igual ou semelhante condição, vale dizer, ambas muito distantes do conhecimento de sua real força" (189). Deixa de brincar com fogo, retornando ao trivial para "...desenvolver sua atividade diária!" (193). A filigrana que paladia esse trilhar prenhe de dúvidas, incertezas e ambições voltadas para um ponto menos crítico, vem informada antologicamente no "Deus meu, perdoe-me: de peito aberto e mente mais sadia aceitarei nova missão: ser, apenas, eu mesmo. Ninguém mais." (195).

O Marquinho insiste na retenção das conquistas do Peter Pan, no Mal-me-quer, bem-me-quer, pois "Assim era aquele garoto que teimava em não crescer. Mas só o Marquinho via o Marquinho nessa candura perene. É o retrato do além pelo qual vibramos e no qual queremos que repousem todas as nossas esperanças; é a presença da alma gêmea que, por um passe de mágica divina, pode estar representada por todas as vibrações inerentes à criatura humana: "Houve até tentativas, é verdade, no sentido de Quim amoldar seu coração para encaixar suas vibrações na mesma freqüência do dela" (198). Emite conceitos arriscados, dependentes, sem dúvida, de confirmação. Mas os emite para excitar os pensadores, de forma livre, espontânea e objetiva. Como estabelecer diferenciais no amor? Para comportamento diferente há que corresponder, necessariamente, com-

ponentes diversos. Se não são os mesmos, há o amor que não é o amor. Talvez por recurso mais singelo, para fazer chegar a todos a mensagem que constrói, estabelece essa diferença explicando que "Evidentemente Marquinho não estava raciocinando com o chamado amor filial ou fraternal" (201). Na perplexidade que tantas vezes o atropelou, o autor, resignado, põe a descoberto suas limitações e confessa que "com a bagagem de dor, insensatez, malas cheias de vazio imenso, vou me apresentar ao Criador e confessar, humilde: Falhei, mais uma vez" (212).

Ao divisar o porto do seu destino alvoroça, com mais intensidade, o Marquinho de sua entranha, o filho pródigo em dúvidas, humilde na aprendizagem, atrevido nas arremetidas, dócil na condução e esperançoso na descoberta: "Como dizer de forma ordenada, cristalina e objetiva que o homem como inquilino da terra era ao mesmo tempo imbecil e gênio?" (214). Nas entranhas que se acalentam as vozes amigas, eis que derivam dos visitantes que, costumeiramente, participam das nossas refeições espirituais; vêm acrescentar-se ao dono da casa, ou ao considerado inquilino, em colóquios embevecedores. Sem necessidade da disciplina do homem, põe peias às invocações do inquilino, muitas vezes ansioso por revelações ainda não oportunas: "Era muito o que tinha a pôr para fora e não queria fornecer material em demasia àquele que tivesse a paciência de deixar os dedos correr pela máquina elétrica" (215).

Não se prende, no arremate do terra à vista, a identificações teológicas, arriscando separações onde muitos já se convenceram da unidade. Desveste a Demeter de seu manto divino, para torná-la objeto secundário da Vontade Maior: "E se assim é, necessita o homem bem apreciar essa condição, integrar-se nela, que é de sua própria dimensão" (220).

Despedindo-se do espelho, procura sonhar novos sonhos (221).

Mas o encerramento, ao que parece, não está nessa proposta permanente de trabalho, de quem se volta para novos progra-

mas de luta. Está, a nosso ver, no "Vira XAROPE que só pensa em CIMA, como a indicar que está num plano superior em relação aos demais passageiros da viagem terrestre. Aqui são todos iguais,..." (217), por conter maior definição para avaliar-se o que autor considera como a potencialidade humana.

Na desprentensiosa análise ora levada a efeito, deixa-se, propositadamente, de argüir o manejo da técnica literária, superado pelo encanto e consistência da mensagem.

NOÇÕES DE DIREITO ROMANO

O sistema normativo que teve sua construção iniciada em Roma, então cidade-estado, rapidamente conquistou foros de internacionalidade, estendendo a todo o Latium e deste para o mundo inteiro. Não há ordenamento jurídico no mundo civilizado que não se valha desse repositário de cultura.

São noções que se estratificaram na longa esteira da história. Mas o autor, animado por uma disciplina a que se habituou, aliada à perspicácia do cientista e do professor, dá às mesmas uma nova dimensão no campo da aprendizagem, descobrindo novos caminhos no que é naturalmente denso e indicando os pontos de maior relevância nesse campo multifário e magnífico.

A definição de Ribas, da orelha, com felicidade invocada pelo autor, revela o conteúdo de uma obra desse jaez: "O Direito Romano é o mais belo e completo monumento de sabedoria que o passado nos legou".

O respaldo significativo do trabalho está na apresentação e na escolha dos temas. O autor não tem a pretensão de que a obra seja exaustiva e nem há quem tenha. Mas não há dúvida que a vocação para o magistério impôs ao autor a alternativa que mais atende aos interesses dos seus alunos; a escolha da filigrana dessa construção jurídica. Coroando essa particularidade, um imperativo de ordem didática ressalta na leitura dos

textos selecionados; a sistematização da matéria, de tal forma que a frequência à obra se torna menos solicitante e ao mesmo tempo mais produtiva.

Os ensinamentos contidos nessa obra propiciam idas e vindas encantadoras. Nessas viagens homéricas, o estudante desliza pelos caminhos históricos e retorna, fazendo-se presente em um passado de glória para um futuro de novas conquistas. Sente-se observando o pretor romano invocando as regras para tranquilizar o seu povo; retorna para descobrir os vestígios que aquele sistema de normas deixou nos tempos atuais.

O trabalho técnico ou científico é hermético. Jogando apenas com afirmações epistêmicas, deixa pouca margem para qualquer tipo de apreciação sutil. Resta-nos a denúncia da marca profunda da personalidade do autor. A maneira pela qual entende a vida está registrada, nesta obra, na conclusão das notas de orelha: "Dessarte, estudando-se a arte do bom e do equitativo, ou as coisas divinas e humanas com olhos de quem efetivamente quer ver, podemos chegar não só a uma invejável cultura humanística, mas também à essência ou real origem do homem. E, porque não dizer, do Cosmos, ele mesmo! "

A nossa inspiração tem seu fulcro no escritor, no poeta, no prosador, na figura humana, no cientista, no professor e acima de tudo no companheiro Antônio Filardi Luiz, embora não concordemos com esse acento circunflexo.

A parcimônia das nossas palavras só encontram explicações na nossa evidente limitação. As obras que freqüentamos para dar este testemunho são fontes inesgotáveis de mais profundas, sábias e sublimes revelações.

Endereço para correspondência:
Academia Guarulhense de Letras
Rua Francisco Gonzaga Vasconcelos, s/n
Centro de Exposições - Lago Vila Galvão
07074-040 - Guarulhos - SP

Impressão e Acabamento:

**GRÁFICA
SCORTECCI**

mo estruturado em verso (neste caso, Jonny Doin, Aristides Castelo Hanssen, Bismael B. Moraes, Oscar Gonçalves, Wenceslau Narsari Campos, Sylvio Ourique Frago, e há ainda aqueles que fazem, neste livro, das duas formas como Flávio C.G. Trombetti e Milton Luiz Ziller).

Fragmentos Literários II, como título, não significa que a unicidade em estilo e elegância esteja ausente, mas há a desagregação conotativa entre a linguagem poética destes autores em uma seqüência infinita de probabilidades, e esta obra é um fragmento deste infinito.

O interessante no discurso literário não é *o que* se expressa e não só necessita-se de boas idéias para fazê-lo bem, mas, sim, *como* se faz e, com certeza, esbanjando de experiência e sensibilidade, realizam esta façanha. Portanto, livro assim não nasce da noite para o dia e muito menos, todos os dias, nos dias de hoje.

Patrícia Estillac Leal

pela João Scortecci Editora